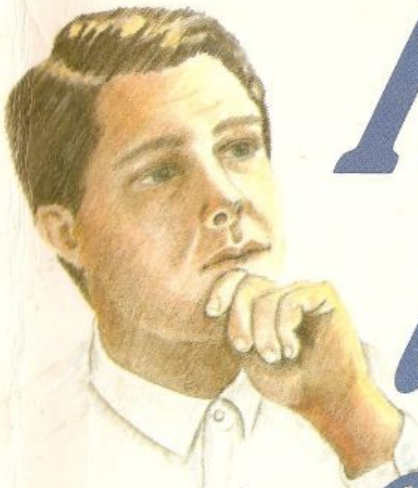
Por que tarda o pleno AVIVAMENTO?



"Nem todos os livros, nem mesmo os bons livros, podem ser considerados uma mensagem do alto. Mas eu creio que este o seja."

A. W. Tozer

Editora Betânia

LEONARD RAVENHILL

Por que tarda o pleno Avivamento?

Leonard Ravenhill

Título do original em inglês:
Why Revival Tarries

Para Martha,
minha amada esposa

Índice

Prefácio..... ..4
Prefácio Da Edição Brasileira..... 6
Introdução..... 7
Com Tudo Que Possuis, Adquire A Unção..... 9
A Oração Toca A Eternidade..... 13
Precisamos De Unção Nos Púlpitos E Ação Nos Bancos.....17
Onde Estão Os Elias De Deus?..... 25
Um Avivamento Em Um Monte De Ossos..... ..31
Por Que Tarda O Avivamento?..... ...39
A Pregação Fervorosa: Uma Arte Esquecida..... 44
Crentes Incrédulos..... 48
Precisa-se: Profetas Para O Dia Do Juízo..... 53
Só O Fogo Produz Fogo..... 59
Por Que Eles Não Despertam?..... 65
Uma Igreja Pródiga Em Um Mundo Pródigo..... 69
Precisa-se: Um Profeta Para Pregar Aos Pregadores..... ..76
Edificando Um Império Para Deus..... 83
Marcado Como Propriedade De Cristo..... 89
“Dá-me Filhos, Senão Morrerei!”..... 95
O Lixo Do Mundo..... 104
Uma Oração Com A Dimensão De Deus..... ..110
Como Estiver A Igreja, Assim Estará O Mundo.....115
Conhecido No Inferno..... 120

Prefácio

Os grandes complexos industriais mantêm em seu quadro de funcionários alguns operários que prestam serviço apenas quando ocorre uma falha em algum setor da fábrica. Assim, se uma máquina apresenta algum defeito, eles são convocados, e comparecem ao local para identificar o problema e solucioná-lo, e tudo volta a funcionar a contento.

Esses homens não se preocupam com sistemas que estão operando bem. Especializam-se em localizar e corrigir defeitos.

No reino de Deus ocorre algo semelhante. Deus também sempre tem de prontidão seus especialistas, cuja principal função é cuidar das falhas morais, ou melhor dizendo, do declínio espiritual de uma nação ou igreja. Exemplos desse tipo de indivíduo foram Elias, Jeremias, Malaquias, e outros iguais a eles que, em momentos críticos da humanidade, surgiram no cenário da História para repreender, condenar ou exortar o povo de Deus em nome dele e da justiça.

Quando o povo de Israel ou a igreja se achavam em condições normais, esses sacerdotes, pastores ou mestres trabalhavam silenciosamente, passando quase despercebidos. Mas assim que se desviavam um pouco das veredas da verdade, esse especialista se levantava para intervir. Parece que possuía um instinto especial, capaz de detectar problemas, o que fazia com que logo corresse ao auxílio do Senhor e do seu povo.

Geralmente, esse tipo de pessoa tinha a tendência de ser radical, de ter atitudes drásticas, e ser até certo ponto violento. E os curiosos que se pusessem a observar seu trabalho provavelmente o tachariam de extremista, fanático e negativista. E num certo sentido não deixavam de ter razão. Ele era um homem de um propósito só, de caráter severo, destemido, e esses eram justamente os atributos que as circunstâncias exigiam. A uns ele chocava; a outros assustava; e a outros ainda, afugentava. Mas o profeta sabia, sem sombra de

dúvida, quem o havia chamado para executar aquele trabalho, e qual a tarefa a ser cumprida. Seu ministério tinha um caráter de emergência, e isso fazia dele um homem diferente, bem distinto dos demais.

O débito que o povo de Deus tem para com esses servos dele é tão vultoso que nunca poderá ser pago. E o curioso é que eles raramente pensam em saldá-lo enquanto esses indivíduos estão vivos. Em compensação, a geração seguinte o exalta, escreve livros sobre seus feitos, como se, instintivamente e meio sem jeito, quisesse desincumbir-se de uma obrigação que a geração anterior praticamente ignorara.

Quem conhece Leonard Ravenhill vê nele esse especialista espiritual, esse homem enviado por Deus, não para realizar um ministério na obra regular da igreja, mas para fazer frente aos profetas de Baal, desafiando-os em seu próprio território, para envergonhar os negligentes sacerdotes que oficiam no altar, para enfrentar os falsos profetas, e advertir o povo que está sendo desviado do caminho certo por influência deles.

Um homem como esse às vezes não é companhia muito apreciada. O evangelista profissional que sai correndo do culto assim que ele se encerra, e vai para um restaurante de luxo contar piadinhas com os amigos, talvez o considere uma presença embaraçosa. Pois ele não é desses que conseguem silenciar a voz do Espírito Santo em seu coração como quem fecha uma torneira. Ele insiste em ser um crente fiel o tempo todo, onde quer que esteja. E nisso também se distingue de muita gente.

Quando se trata de Leonard Ravenhill, é impossível ter uma posição indiferente. Seus conhecidos podem ser divididos em dois grupos: aqueles que o amam e admiram profundamente, e aqueles que o detestam. E o que se diz dele pode-se dizer também de seus livros, e deste livro. Ao encerrar a leitura, o leitor ou procura logo um lugar silencioso para orar, ou o atira longe, irritado, fechando o coração às suas exortações e apelos.

Nem todos os livros — nem mesmo os bons livros — podem ser considerados uma mensagem enviada direto do céu. Mas acredito que este o seja. E o é porque seu autor é uma voz do alto, e o espírito dele fala por suas páginas.

— A. W. Tozer

Prefácio Da Edição Brasileira

AVIVAMENTO. Sem dúvida esta é uma das palavras mais desgastadas no vocabulário evangélico brasileiro. Mas quando Leonard Ravenhill escreve sobre avivamento ele não toma partido entre “carismáticos” e “tradicionais” e nem toma conhecimento das questões debatidas entre eles.

Para ele, a questão não é se tocamos bateria em nossos templos ou se levantamos as mãos no culto de louvor. Ele nos chama a levantar um clamor a Deus para que ele fenda os céus e desça com poder e autoridade para tornar o seu nome notório na presença de seus adversários, fazendo as nações tremerem diante dele.

Leonard Ravenhill não brinca em serviço e não dá moleza para quem está com a vida acomodada na igreja do Senhor. Cansado de ver a noiva de Jesus debilitada pela carnalidade, ele dá um “puxão de orelhas” bem dado e faz cobranças de santidade, poder e oração que poucos têm coragem ou autoridade para fazer. Se ele chama os crentes a orar, é porque ele ora, e ora como poucos que eu já ouvi.

Muitos perguntam: “Por que tarda o pleno avivamento?” Ravenhill responde com palavras incisivas e inconfundíveis. Escrito em 1959, este livro tardou a sair em Português, mas minha oração é que esteja sendo lançado no momento certo para despertar uma igreja confusa, mundana e enfraquecida para um grande derramamento do Espírito Santo de Deus. Só assim ela cumprirá o seu papel profético de Família de Deus, Corpo, Noiva e Habitação de Cristo.

Belo Horizonte, outubro de 1989
George R. Foster

Introdução

Eis minha pequena oferta de pães e peixes — um lanchezinho simples, sem a beleza nem o sabor de um bolo de aniversário. Sinto-me como um marinheiro que vi surrando um soldado, certa vez, "porque", explicou ele, "esse sujeito xingou minha mãe". O meu Senhor também foi insultado, e sua igreja vilipendiada. E diante de dois insultos desses, meu coração se angustia. A igreja tem muitos inimigos. Não posso deixar minha espada na bainha. De modo algum!

Calculo que cerca de um milhão de pessoas lêem o jornal "Herald of His Coming", em sua edição em inglês. Alguns dos capítulos deste livro já foram publicados nesse periódico sob a forma de artigos, e portanto, foram lidos por inúmeros leitores (isso não me deixa orgulhoso, nem humilhado). E esse jornal é publicado também em francês, espanhol, alemão e outras línguas. Portanto, através dessa publicação, bem como do "Alliance Witness" e outras semelhantes, Deus tem usado esses meus despretensiosos estudos para falar ao coração de muitos crentes. Meu desejo agora é que também você, leitor, receba uma bênção por meio deles.

Quero agradecer sinceramente ao meu estimado amigo e conselheiro espiritual, Dr. A. W. Tozer, que bondosamente escreveu o prefácio. Agradeço também à Sr.ª Hines e a sua filha Ruth que corrigiram e datilografaram o manuscrito, realizando um trabalho primoroso. (Todos os lucros auferidos com a venda desta obra serão revertidos para o sustento de missões no exterior. Que nós possamos viver sempre com os valores eternos em vista!)

— Leonard Ravenhill

“Por mais erudito que um homem seja, por mais perfeita que seja sua capacidade de expressão, mais ampla sua visão das coisas, mais grandiosa sua eloqüência, mais simpática sua aparência, nada disso toma o lugar do fervor espiritual. É pelo fogo que a oração sobe aos céus. O fogo empresta asas à oração, dando-lhe acesso a Deus; comunica-lhe energias e torna-a aceitável diante do Senhor. Sem fogo não há incenso; sem fervor não há oração”.

— E. M. Bounds.

“Pela fé e pela oração, fortaleça as mãos frouxas e firme os joelhos vacilantes. Você ora e jejua? Importune o trono da graça e seja persistente em oração. Só assim receberá a misericórdia de Deus”.

— João Wesley.

“Antes de ocorrer o grande avivamento de Gallneukirchen, Martin Boos passava horas e horas, dias e dias, e até noites em oração, intercedendo sozinho, agonizando perante Deus. Mas quando ele pregava, sua palavra era como fogo, e o coração dos ouvintes, como capim seco”.

— D. M. Mclntyre, D. D.

“Existem muitos crentes que não sabem orar, mas tentam cultivar a “santa arte da intercessão” por meio de esforço pessoal e determinação, e freqüentando grupos de oração. Mas nada conseguem. Na verdade, o segredo de uma verdadeira vida de oração para esses, bem como para todos nos, é: “Enchei-vos do Espírito”, que é o mesmo "espírito de graça e de súplicas”.

— Rev. J. Stuart Holden.

CAPÍTULO UM

Com Tudo Que Possuis, Adquire A Unção

Na igreja moderna, a reunião de oração é uma espécie de Cinderela. Essa serva do Senhor é desprezada e desdenhada porque não se adorna com as pérolas do intelectualismo, nem se veste com as sedas da Filosofia; nem se acha ataviada com o diadema da Psicologia. Mas se apresenta com a roupagem simples da sinceridade e da humildade, e por isso não tem receio de se ajoelhar.

O "mal" da oração é que ela não se acha necessariamente associada a grandes façanhas mentais. (Não quero dizer, porém, que se confunda com preguiça mental). A oração só exige um requisito: a espiritualidade. Ninguém precisa ser espiritual para pregar, isto é, a preparação e pregação de um sermão perfeito segundo as regras da homilética e com exatidão exegética, não requer espiritualidade. Qualquer um que possua boa memória, vasto conhecimento, forte personalidade, vontade, autoconfiança e uma boa biblioteca pode pregar em qualquer púlpito hoje em dia. E uma pregação dessas pode sensibilizar as pessoas**;** mas a oração move o coração de Deus. A pregação toca o que é temporal; a oração, o que é eterno. O púlpito pode ser uma vitrine onde expomos nossos talentos; o aposento da oração, pelo contrário, desestimula toda a vaidade pessoal.

A grande tragédia de nossos dias é que existem muitos pregadores *sem vida*, no púlpito, entregando sermões *sem vida*, a ouvintes *sem vida*. Que lástima**!** Tenho constatado um fato muito estranho que ocorre até mesmo em igrejas fundamentalistas: a pregação sem unção. E o que é unção? Não sei. Mas sei muito bem o que é não ter unção (ou pelo menos sei quando não estou ungido). Uma pregação sem unção mata a alma do ouvinte, em vez de vivificá-la. Se o pregador não estiver ungido, a Palavra não tem vida. *Pregador, com tudo que possuis, adquire unção*.

Irmão, nós poderíamos ter a metade da capacidade intelectual que possuímos se fôssemos duas vezes mais espirituais. A pregação é uma tarefa espiritual. Um sermão gerado na mente só atinge a mente de quem a ouve. Mas gerada no coração, chega ao coração. Um pregador espiritual, sob o poder de Deus, produz mentalidade espiritual em seus ouvintes. A unção não é uma pombinha mansa esvoaçando à janela da alma do pregador; não. Pelo contrário; temos que batalhar por ela e conquistá-la. Também não é algo que se aprenda; é bênção que se obtém pela oração. Ela é o prêmio que Deus concede ao combatente da fé, que luta em oração, e consegue a vitória. E não é com piadinhas e tiradas intelectuais que se chega à vitória no púlpito, não. Essa batalha é ganha ou perdida antes mesmo de o pregador pôr os pés lá. A unção é como dinamite. Não é recebida pela imposição de mãos, nem tampouco cria mofo se o pregador for lançado numa prisão. Ela penetra e permeia a alma; abranda-a e tempera-a. E se o martelo da lógica e o fogo do zelo humano não conseguirem quebrar o coração de pedra, a unção o fará.

Que febre de construção de templos estamos presenciando hoje. No entanto, sem pregadores ungidos, o altar dessas igrejas não verá pecadores rendidos a Cristo. Suponhamos que todos os dias diversos pescadores saiam para o alto-mar com seus barcos, levando o mais moderno equipamento que existe para o exercício desse ofício, mas retornem sempre sem apanhar um só peixe. Que desculpa poderiam dar para tal fracasso? No entanto é isso que acontece nas igrejas. Milhares delas estão abrindo as portas dominicalmente, mas não vêem conversão. Depois tentam encobrir sua esterilidade interpretando textos bíblicos a seu bel-prazer. Mas a Bíblia diz: “Assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia...”

E o mais triste em tudo isso é que o fogo que devia haver nesses altares encontra-se apagado ou arde em combustão muito lenta. A reunião de oração está morrendo ou já morreu. Com a atitude que temos em relação à oração, estamos dizendo ao Senhor que o que ele começou no Espírito, nós terminaremos na carne. Qual é a igreja que pergunta a um candidato ao ministério quanto tempo ele passa diariamente em oração? A verdade é que o pregador que não passa pelo menos duas horas por dia em oração, não vale um vintém, por mais títulos que possua.

A igreja hoje se acha como que postada na calçada assistindo, entre aflita e frustrada, à parada dos maus espíritos de Moscou, que

marcham pomposamente no meio da rua respirando ameaças contra "tudo que é amável e de boa fama". Além disso, no lugar da regeneração, o diabo colocou a reencarnação; no lugar do Espírito Santo, os espíritos-guias; no lugar do verdadeiro Cristo, o anticristo.

E o que a igreja tem para contrapor aos males do comunismo? Onde está o poder espiritual? A impressão que se tem é que, ultimamente, uma forte sonolência tomou o lugar da oposição religiosa, nos púlpitos e também nas publicações evangélicas. Quem hoje batalha "diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos"? Onde estão os combatentes divinamente ungidos de nossos púlpitos? Os pregadores que deviam estar "pescando homens", parecem estar pescando mais é o elogio deles. Os que costumavam espalhar a semente, agora estão colecionando pérolas intelectuais. (Imagine só, semear pérolas num campo!)

Chega dessa pregação estéril, espiritualmente vazia, que é ineficaz, porque foi gerada num túmulo e não num ventre, e se desenvolveu numa alma sem oração, sem fogo espiritual! É possível alguém pregar e ainda assim se perder; mas é impossível orar e perecer. Se Deus nos chamou para o seu ministério, então, prezados irmãos, insisto em que precisamos de unção. *Com tudo que possuis, adquire a unção*, senão os altares vazios de nossas igrejas serão exemplos vivos de nosso intelectualismo ressequido.

“Nossas orações precisam ser apoiadas numa energia que nunca esmorece, numa persistência que não aceita não como resposta, e numa coragem que nunca se rende”.

— E. M. Bounds.

“Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo”.

— Judas20.

“Ah, se pudéssemos sentir-nos mais preocupados com o estado de inanição em que se encontra hoje a causa de Cristo na terra, com os avanços do inimigo em Sião e com a devastação que o diabo tem efetuado nele. Mas infelizmente um espírito de indiferença vem imobilizando muitos de nós”.

— A. W. Pink.

“A oração era seu interesse máximo!”

— O biógrafo de Edwin Payson.

“Tenho passado dias e até semanas prostrado ao chão, orando, silenciosamente ou em voz alta”.

— George Whitefield.

“Todo declínio espiritual começa com a negligência da oração. Nenhum coração pode desenvolver-se bem sem muita comunhão íntima com Deus; não existe nada que possa compensar a falta dela”.

— Berridge.

“A impressão que tive foi que ele já havia subido para o céu, e se achava imerso em Deus. Muitas vezes, após terminar seu momento de oração, ele estava branco como a cal da parede”.

— Comentário de um amigo de Tersteegen, após um contato com ele em Kronenberg.

CAPÍTULO DOIS

A Oração Toca A Eternidade

A estatura espiritual de um crente é determinada pelas suas orações. O pastor ou crente que não ora está-se desviando. O púlpito pode ser uma vitrine onde o pregador exibe seus talentos. Mas no aposento da oração não temos como dar um jeito de aparecer.

Embora a igreja seja pobre sob muitos aspectos, é mais pobre ainda na questão da oração. Contamos com muitas pessoas que sabem organizar, mas poucas dispostas a agonizar; muitas que contribuem, mas poucas que oram; muitos pastores, mas pouco fervor; muitos temores, mas poucas lágrimas; muitas que interferem, mas poucas que intercedem; muitas que escrevem, poucas que combatem. Se fracassarmos na oração, fracassaremos em todas as frentes de batalha.

Os dois requisitos para se ter uma vida cristã vitoriosa são visão e fervor. Ambos nascem da oração e dela se nutrem. O ministério da pregação é de poucos; o da oração — a mais importante de todas as atividades humanas — está aberta a todos. Porém, as “criancinhas” espirituais comentam sem o menor constrangimento: “Hoje, não vou à igreja. É dia de reunião de oração”.

É bem possível que Satanás não tema grande parte das pregações de hoje. Mas a experiência do passado leva-o a arregimentar todo o seu exército infernal para lutar contra o crente que ora. Os crentes de hoje não têm muito conhecimento da prática espiritual de “ligar e desligar”, embora essa responsabilidade nos tenha sido delegada por Deus: “O que (tu) ligares na terra..”. Você tem feito isso? Deus não desperdiça seu poder. Se quisermos ser poderosos na obra dele, temos que ser poderosos com ele.

O mundo está marchando para o inferno a um ritmo tão rápido que, se comparado aos modernos aviões supersônicos, estes pareceriam

tartarugas. E, no entanto, para vergonha nossa, nem recordamos quando foi a última vez que passamos uma noite toda em oração a Deus, suplicando-lhe que derrame sobre nós um avivamento que abale o mundo. Não temos compaixão pelas almas. Estamos pensando que os andaimes são o prédio. As pregações de hoje, com sua falha interpretação das verdades bíblicas, nos levam a confundir agitação com unção, e comoção com avivamento.

O segredo da oração é orar em secreto. Quem se entrega ao pecado pára de orar. Mas aquele que ora pára de pecar. O fato é que somos pobres, mas não humildes de espírito.

A oração é profundamente simples, e ao mesmo tempo profunda. "É uma forma de expressão tão simples que até uma criancinha pode exercitá-la". Mas é igualmente tão sublime que ultrapassa os recursos da linguagem humana, e esgota seu vocabulário. Lançar diante de Deus uma torrente de palavras não irá necessariamente impressioná-lo ou comovê-lo. Uma das mais significativas orações do Velho Testamento foi feita por uma pessoa que não pronunciou palavras: "*Seus lábios se moviam, porém não se lhe ouvia voz nenhuma".* (1Sm 1.13). De fato ela não tinha grandes dons de oratória. Sem dúvida *existem* "gemidos inexprimíveis".

Será que nos encontramos num padrão tão inferior ao dos cristãos neotestamentários que não possuímos mais a fé dos nossos antepassados (com todas as suas realizações e implicações), mas somente a fé emocional de nossos contemporâneos? A oração é para o crente o que o capital é para um homem de negócios.

Não se pode negar que a maior preocupação da igreja hoje são as finanças. E, no entanto, esse problema que tanto inquieta as igrejas modernas era o que menos perturbava a do Novo Testamento. Hoje damos mais ênfase à contribuição; eles a davam à oração.

Em nossos dias são muito poucos os que estão dispostos a assumir a responsabilidade de orar inspirados pelo Espírito, e para esse tipo de oração não há substitutos. Temos que orar, senão pereceremos!

“A pior maldição que um povo pode sofrer é ter uma religião movida à base de mera emoção e sensacionalismo. A ausência de realidade espiritual já é trágica; mas o aumento da falsa espiritualidade é pecado mortal”.

— S. Chadwick.

“Seria muito bom se nos libertássemos da idéia de que fé é uma questão de heroísmo espiritual, que apenas alguns cristãos seletos conseguem ter. Existem os heróis da fé, é verdade; mas a fé não é apenas para heróis. É uma questão de maturidade espiritual; é para adultos em Cristo”.

— P. T. Forsyth.

“Sempre que Deus tenciona exercer misericórdia para com seu povo, a primeira coisa que faz é levá-lo a orar”.

— Matthew Henry.

“A verdade sem entusiasmo, a moralidade sem emoção e o ritual vazio de realidade são coisas que Cristo condena severamente. Sem fervor espiritual, elas não passam de uma filosofia ímpia, um sistema ético ou de mera superstição”.

— S. Chadwick.

“Portanto, o chamado da cruz é para que participemos da paixão de Cristo. Precisamos trazer em nós as marcas dos cravos”.

— Gordon Watt.

“Minha pobreza se encontra com tua riqueza. E assim, em ti, tenho tudo”.

— Anônimo.

“Sede fervorosos no espírito; servindo ao Senhor”.

— Apóstolo Paulo.

CAPÍTULO TRÊS

Precisamos De Unção Nos Púlpitos E Ação Nos Bancos

Pode acontecer de um crente ficar muito tempo no estágio de criancinha espiritual e depois, de repente, despertar e amadurecer espiritualmente, tornando-se (fervoroso nas batalhas do Senhor, e manifestando um intenso amor pelos perdidos. Existe uma explicação para isso. (Mas nós nos achamos tão abaixo do padrão normal do cristianismo neotestamentário que o normal nos parece anormal). O segredo da transformação a que me referi acima é que houve um momento em que essa pessoa *lutou com Deus, como Jacó, e saiu da luta esvaziado do seu "ego", mas "fortalecido com poder, mediante o seu Espírito"*.

Para se ter uma vida vitoriosa dois elementos são indispensáveis: *visão* e *fervor*. Sabemos de homens que lutam contra fortíssimas oposições da crítica carnal humana, e tomam de assalto os picos pedregosos do território inimigo, tão-somente para "fincar" a cruz de Cristo em lugares onde habita a crueldade. Por quê? Porque tiveram uma visão, e se encheram de intenso fervor.

Alguém já advertiu que não devemos estar tão envolvidos com o céu a ponto de sermos totalmente inúteis na terra. Se há um problema que esta geração não enfrenta é esse. A verdade nua e crua é que estamos tão envolvidos com a terra que não temos nenhuma utilidade para o reino dos céus.

Irmãos, se fôssemos tão eficientes na tarefa de enriquecer nossa alma quanto o somos na de cuidar de nossos interesses pessoais, constituiríamos uma ameaça para o diabo. Mas se fôssemos ineficientes no cuidado de nossos interesses como o somos nas questões espirituais, estaríamos mendigando.

Alguns anos atrás, George Deakin ensinou-me uma verdade usando um argumento bastante lógico. Ter visão sem missão, torna-nos visionários; ter missão sem visão, leva-nos a trabalhar demais; ter visão e missão faz de nós missionários. E é mesmo. Isaías teve uma visão *no ano da morte do rei Uzias*. Talvez haja alguém à nossa frente, impedindo que tenhamos uma visão ampla de Deus. O preço a ser pago pelo crescimento espiritual é bastante elevado, e, às vezes, doloroso também. Você estaria preparado para ter uma visão a esse preço — a perda de um amigo ou de sua carreira? E para essa transformação de alma não se oferecem descontos especiais. Se alguém deseja apenas ser salvo, santificado e só, não há lugar para ele nas fileiras do Senhor.

Isaías teve uma visão em três dimensões. Vejamos Isaías 6, versículos 1 a 9. Seu olhar se dirigiu *para o alto*: viu o Senhor; *para dentro de si*: viu a si mesmo; e *para fora*: viu o mundo.

Sua visão tinha *altura*: viu o Senhor alto e sublime; *profundidade*: viu as profundezas de seu coração; e *largura*: viu o mundo.

Foi uma visão da *santidade*. Ó amados, como nossa geração precisa ter uma visão de Deus em toda a sua santidade! E foi uma visão da *iniqüidade*: “Estou perdido! de lábios impuros!” E foi uma visão do *desalento divino*, implícito nas palavras: “Quem há de ir por nós?”

E nesta hora em que vivemos, quando a média das igrejas está mais envolvida com promoções do que com orações; incentiva mais a competição, e se esquece da consagração, e substitui a propagação do evangelho pela autopromoção, é imperativo que tenhamos essa visão tríplice.

“Não havendo profecia o povo se corrompe”. (Pv 29.18). E não havendo paixão pelas almas, a *igreja* perece, mesmo que esteja lotada dominicalmente.

Certo pregador, conhecido no mundo inteiro, e que tem sido poderosamente usado por Deus nos últimos anos para promover avivamentos (que são.bem diferentes de cruzadas de evangelismo em massa), contou-me que também teve uma visão semelhante. Ainda me recordo da expressão de temor com que me falou que não sabia ao certo se estava tendo uma visão ou um sonho, se estava no corpo ou fora dele. Mas disse que enxergava uma enorme multidão em um profundo abismo, todo cercado de fogo, presa no “manicômio

do universo", o *inferno*. Depois disso, esse homem nunca mais foi o mesmo. Nem poderia!

Será que Deus poderia confiar-nos revelação tão grandiosa? Já passamos pela escola da oração e do sofrimento para que nosso espírito esteja preparado para suportar uma visão tão atordoante? Feliz é aquele a quem Deus pode comunicar tal visão!

Ninguém vai além da visão que tem. Teólogos intelectualizados não têm condições de romper a cortina de ferro da superstição e das trevas por trás das quais, há milênios, estão perecendo milhões e milhões de indivíduos. Talvez só homens com menos intelecto, mas com uma visão maior, sejam capazes disso.

Ter uma mentalidade espiritual é ter gozo e paz. Mas se pararmos para pensar em estatísticas, poderemos ficar bem preocupados. Leia os dados que se seguem, e veja se não dá vontade de chorar.

Japão — o governo da nação afirma que a população já passa da casa dos 120 milhões, e está crescendo ao ritmo de 1.100.000 pessoas por ano. Isso quer dizer que o número de não-convertidos aumentou em cinco milhões, nos últimos cinco anos. Coloque esse dado em sua lista de oração.

Coréia — a população desse país é de cerca de 42 milhões, constituída em grande parte de refugiados, flagelados e famintos.

Índia — na Índia há milhões e milhões de pessoas no vale da sombra da morte.

Oriente Médio — aí há mais de um milhão de refugiados árabes.

Europa — nesse continente, até há alguns anos, existiam cerca de onze milhões de refugiados políticos e de indivíduos que, devido à guerra, se achavam distantes de sua pátria. Que situação triste!

China — em Hong Kong também há milhões de refugiados que escaparam da China comunista, e vivem em condições miseráveis.

E para aumentar nossa responsabilidade, basta lembrar que há cerca de 20 milhões de judeus, 350 milhões de muçulmanos, 200 milhões de budistas, 350 milhões de confucionistas e taoístas, 500 milhões de hindus, 100 milhões de shintoístas e milhões e milhões de adeptos de outras seitas, pelos quais Cristo morreu, e que ainda não receberam a mensagem do evangelho. Até mesmo nos Estados Unidos existe em torno de 50 milhões de jovens com menos de vinte e um anos que não estão recebendo os ensinamentos de Deus, e

cerca de dez mil cidades de pequeno porte onde não há um templo evangélico. Quase um milhão de pessoas morre sem Cristo semanalmente, em todo o mundo. *Isso não significa nada para você?*

Precisamos acabar com nossa religião sintética. Uma situação dessas revela a falta de unção nos púlpitos e de ação nos bancos. O fato é que hoje não se prega mais o evangelho com o mesmo fervor de antes, e não há mais fome de se ouvir a pregação.

É possível que Deus esteja mais irado com os países de formação protestante como Estados Unidos e Inglaterra, do que com os comunistas. Acha essa afirmação absurda? Então pense seriamente no seguinte. Na Rússia há milhões de indivíduos que nunca tiveram uma Bíblia e nunca assistiram a um programa evangélico na televisão ou no rádio. Se pudessem ir a uma igreja, iriam de bom grado.

Talvez estejam equivocados aqueles que oram no sentido de que os perdidos tenham uma visão do inferno para que se arrependam. Pode ser que eles precisem mais é de uma visão do Calvário, do Salvador sofrendo, a instar com eles para que se arrependam. Por que iriam querer perecer depois de visualizarem o Calvário?

Conta-se que William Booth, fundador do Exército de Salvação, costumava dizer que, se pudesse, gostaria de proporcionar aos seus soldados em fim de curso a oportunidade de passarem vinte e quatro horas espiando para dentro do inferno, para que contemplassem o eterno tormento que ali impera. As igrejas fundamentalistas precisam de uma visão dessas, e quem mais precisa são os eloqüentes e orgulhosos evangelistas.

Houve certa vez um criminoso de nome Charlie Peace. Não tinha respeito nem pelas leis de Deus nem pelas dos homens. Mas afinal um dia foi preso e condenado à morte. No dia de sua execução, foi levado ao corredor da morte na penitenciária de Armley, Leeds, na Inglaterra. À sua frente ia o capelão da prisão, lendo versículos da Bíblia em voz monótona e desinteressada. O criminoso tocou-lhe no ombro e indagou o que estava lendo. “O “Conforto da Religião”, replicou o sacerdote”.

Charlie Peace ficou chocado de ver como ele lia aqueles textos acerca do inferno de maneira tão mecânica. Como alguém podia ser tão frio, a ponto de conduzir outro para a forca, sem emoção alguma, lendo-lhe palavras sobre um abismo profundo no qual o condenado estava prestes a tombar? Será que aquele pregador cria de fato que existe o fogo eterno, que arde incessantemente, e nunca consome

suas vítimas, já que lia tudo sem ao menos estremecer? Seria humano um indivíduo capaz de dizer a outro friamente: “Você estará morrendo eternamente, sem nunca conhecer o alívio que a morte poderia dar-lhe?” Aquilo foi demais para Peace, e ele se pôs a pregar. Veja só o sermão que pregou no próprio instante em que caminhava para o inferno.

“Senhor”, disse, dirigindo-se ao capelão, “se eu acreditasse nisso em que você e a igreja dizem crer, andaria por toda a Inglaterra, só para salvar uma alma, e, se preciso fosse, iria de joelhos, mesmo que a superfície dela fosse recoberta de cacos de vidro, e acharia que teria valido a pena”.

Irmão, a igreja perdeu o “fogo” do Espírito Santo e por causa disso a humanidade vai para o fogo do inferno. Precisamos ter uma visão do Deus santo. Deus é essencialmente santo. Os querubins não estavam clamando: “Onipotente! Onipotente é o Senhor!” Nem diziam: “Onipresente! Onipresente é o Senhor!” O clamor deles era: “Santo! Santo! Santo!” Precisamos deixar que o amplo conceito desse termo hebraico penetre de novo em nossa alma. “Se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada” ele está lá. Nesta vida temporal, Deus nos cerca por todos os lados. E ele mesmo, o Deus do qual não se pode fugir, nos aguarda na eternidade. É melhor procurarmos ter paz com ele *aqui*, e nos posicionarmos no centro de sua vontade *agora*.

Um bom estímulo para nossa alma seria permanecermos trementes na presença desse Deus santo, todos os dias, antes de sairmos para o trabalho. Aquele que teme a Deus, não teme os homens. O que se ajoelha diante de Deus, não se curva em nenhuma situação. Se tivéssemos diariamente uma visão desse Deus santo, iríamos sentir-nos deslumbrados diante de sua onipresença, extasiados ante sua onipotência, silenciosos diante de sua onisciência e quebrantados diante de sua santidade. E a santidade *dele* se tornaria *nossa*. A maior vergonha de nossos dias é que a santidade que ensinamos é anulada pela impiedade de nosso viver. “Um pastor de vida santa torna-se um instrumento poderosíssimo nas mãos de Deus”, disse Robert Murray McCheyne.

Antes de Isaías passar pela experiência descrita no capítulo 6 de seu livro, ele proferiu uma série de “ais”, para diversas pessoas. Mas, naquele momento, ele viu a si mesmo e disse: “Ai de *mim*!” “Sou *eu*, sou *eu mesmo*, Senhor, quem está precisando de oração”, diz um hino “negro espiritual”. E como isso é verdade! Será que não há

quadros com imagens impuras pendurados nas paredes de nossa mente? Não haverá alguma impureza escondida em algum cantinho de nosso coração? Será que poderíamos convidar o Espírito Santo para caminhar conosco de mãos dadas, pelos corredores dele? Não haverá em nós intenções ocultas, motivações secretas e quartos fechados cheios de toda sorte de impurezas, a controlar nossa alma? Em cada um de nós existem três pessoas: a que nós achamos que somos, a que os outros pensam que somos, e a que Deus *sabe* que somos.

Literalmente somos muito condescendentes com nós mesmos, e por demais rigorosos com os outros, a não ser quando estamos buscando intensamente a verdadeira vitória espiritual. O "eu" ama o "eu", embora se diga a respeito de São Geraldo Magela que, pela graça de Deus, "ele amava a todas as pessoas, menos Geraldo Magela". Que belo exemplo para nós! Mas, na maioria das vezes, escondemos de nós mesmos nosso verdadeiro ser, para que não fiquemos enojados ante a realidade. Vamos pedir a Deus que seu penetrante olhar localize esse corrupto, impuro e malcheiroso ego, para que ele seja arrancado de nós e "crucificado com ele... (para que) não sirvamos o pecado como escravos" (Rm 6.6).

Não adianta dar outros nomes ao pecado; continua sendo pecado. Algumas pessoas se justificam assim:

> "Aquele sujeito ali tem um gênio dos diabos. O que eu tenho é ira justa."
> "Ela é supersensível, mas eu sou irritável porque tenho problemas de nervos."
> "Ele é ambicioso demais; eu estou apenas ampliando os negócios."
> "Que sujeito mais teimoso! Eu tenho convicções firmes."
> "Ela é muito orgulhosa; eu tenho gosto muito apurado."

É muito fácil encontrarem-se justificativas para todos os tipos de pecados; é só querer. Mas quando o Espírito Santo nos sonda o coração e conhece o que vai em nós, não passa a mão em nossa cabeça nem tampouco nos lesa.

Perguntou-lhe (ao cego) Jesus: "Que queres que eu te faça? Respondeu o cego: Mestre, que eu torne a ver". (Mc 10.51). Vamos nós também pedir visão a Deus — uma visão para o alto, para dentro de nós e para fora. Assim como aconteceu com Isaías, ao olharmos para o *alto*, veremos o Senhor em toda a sua santidade; ao olharmos *para dentro de nós*, iremos ver-nos exatamente como somos e

enxergaremos nossa necessidade de purificação e poder; e ao olharmos *para fora* veremos um mundo que está perecendo sem o conhecimento do Salvador. “Sonda-*me*, ó Deus, e conhece o *meu* coração: prova-*me* e conhece os *meus* pensamentos; vê se há em *mim* algum caminho mau, e guia-*me* pelo caminho eterno” (Sl 139.23,24). Só então teremos unção nos púlpitos e ação nos bancos.

“Será que em nossos dias não estamos confiando demais no braço de carne? Por que será que não podemos presenciar as mesmas maravilhas que ocorreram no passado? Os olhos do Senhor não passam mais por toda a terra para mostrar-se forte para com aqueles que confiam totalmente nele? Ah, que Deus me conceda uma fé mais prática! Onde está o Senhor, o Deus de Elias? Está esperando que Elias clame por ele”.

— James Gilmour, da Mongólia.

“Reconhecemos o valor da oração devido aos esforços que os espíritos malignos fazem para nos perturbar quando estamos orando; e conhecemos experimentalmente o fruto da oração quando vemos a derrota desses nossos inimigos”.

— S. João Clímaco.

“Quando buscamos a Deus em oração, o diabo sabe que estamos querendo mais poder para lutar contra ele, e por isso procura lançar contra nós toda a oposição que ê capaz de arregimentar”.

— R. Sibbes.

“Busquei entre eles um homem”.

— Ezequiel 22.30.

“Elias era homem”.

— Tiago 5.17.

CAPÍTULO QUATRO

Onde Estão Os Elias De Deus?

"Onde está o Senhor, o Deus de Elias?", perguntamos. E a resposta é óbvia: "Onde sempre esteve, no seu trono". Mas, onde estão os Elias de Deus? Sabemos que Elias foi "um homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos". Mas infelizmente não somos homens com orações semelhantes às dele. Um homem que ora, para Deus, é poderoso. Mas hoje o Senhor está passando de largo pelos homens, não porque sejam imprestáveis, mas porque são por demais auto-suficientes. Irmãos, nossa capacidade nos deixa incapacitados; e nossos talentos constituem um tropeço para nós.

Elias saiu da obscuridade e entrou no palco do Velho Testamento já homem feito. A Rainha Jezabel, aquela filha do inferno, havia removido os sacerdotes de Deus e posto no lugar deles altares para os falsos deuses. A terra estava coberta de trevas, e o povo envolto em escuridão espiritual. E o pecado campeava. A nação se mostrava cada dia mais impura com a proliferação de templos pagãos e ritos idólatras; a toda hora subia ao céu a fumaça dos milhares de altares ímpios.

E tudo isso acontecia no meio de um povo que se dizia descendência de Abraão, de uma gente cujos ancestrais haviam clamado a Deus nas horas de aflição, e dessa forma foi liberto das suas tribulações. Como estava distante o Deus da glória! O sal perdera seu sabor! O ouro perdera o polimento! E em meio a toda essa imensa apostasia, Deus levantou um homem; não uma comissão, nem uma nova denominação, nem um anjo, mas um *homem*, com sentimentos semelhantes aos nossos. Deus procurou entre eles *um homem*, não para pregar, mas para *se colocar na brecha*. E, como Abraão fizera antes, agora Elias *estava na presença do Senhor*. O resultado foi que tempos depois o Espírito Santo pôde escrever a história dele com apenas duas palavras: "*E orou*". Isso é

tudo que uma pessoa pode fazer para Deus e para a humanidade. Se a igreja hoje contasse com tantos intercessores quantos são seus conselheiros, teríamos um avivamento dentro de um ano.

Os homens que oram assim são os grandes benfeitores da humanidade. Elias foi um deles. Ele ouviu uma voz, teve uma visão, experimentou o poder espiritual, avaliou o inimigo e, tendo Deus como parceiro, conquistou a vitória. E as lágrimas que derramou, a agonia de alma que suportou, os gemidos que exprimiu estão todos registrados no livro das crônicas de Deus. Por fim, ele surgiu para profetizar com infalibilidade divina. Conhecia a mente de Deus. E foi assim que, sozinho, paralisou toda uma nação e modificou o curso da natureza. Esse homem decidido permaneceu firme e imperturbável como as montanhas de Gileade, no momento em que cerrou os céus para que não chovesse. Com a chave da fé, que serve em qualquer fechadura, ele trancou os céus, pôs a chave no bolso, e fez Acabe estremecer. E embora seja glorioso o fato de Deus poder usar um homem, ainda mais glorioso é ele ser atendido por Deus. Se um homem de Deus se puser a *gemer* "no Espírito", Deus clamará "*Deixa-me ir*". Talvez nos empolgasse a idéia de operarmos as maravilhas que Elias operou, mas será que apreciaríamos ser banidos?

Irmãos, se quisermos realizar a obra de Deus à maneira de Deus, no tempo determinado por ele, com o poder divino, teremos a bênção do Senhor e a maldição do diabo. Assim que Deus abre as janelas do céu para nos abençoar, o inimigo abre as portas do inferno para nos intimidar. Receber a aprovação de Deus implica em topar com a carranca do diabo. Simples pregadores podem ajudar muita gente, sem prejudicar a ninguém; mas os profetas de Deus agitam a todos, ao mesmo tempo que deixam o diabo louco. O pregador talvez *agrade* ao povo; um profeta o *contrariará*. O homem que se mostra descompromissado, inspirado e cheio de Deus, está sujeito a ser taxado de impatriota, por censurar os pecados de sua nação, ou de descaridoso porque sua língua é como espada de dois gumes; ou de desequilibrado porque o peso da opinião da maioria dos pregadores é contrária a ele. O mero pregador é aclamado; o profeta de Deus é perseguido.

Ah, irmãos pregadores, nós apreciamos imensamente os grandes santos de Deus do passado, os nossos missionários, mártires, reformadores, como Lutero, João Bunyan, Wesley, etc. Nós escrevemos as biografias deles, reverenciamos seus feitos, compomo-lhes elogios e erguemo-lhes memoriais. Fazemos qualquer

coisa, menos imitá-los. Apreciamos o sangue que eles derramaram, mas não deixamos que se derrame nem uma gota do nosso!

João Batista conseguiu ficar seis meses solto. Em nossos dias, numa de nossas cidades, nem ele nem Elias teriam vivido um mês. Teriam sido presos antes disso, lançados numa prisão ou num hospital de doentes mentais, acusados de julgarem os outros, e de não abrandarem um pouco sua mensagem.

Nossos evangelistas de hoje estão de olhos abertos contra o comunismo, mas não dizem uma palavra contra os outros ismos que inundam o país. Será que não existe um mensageiro hoje, cheio do Espírito Santo, revestido de toda armadura de Deus, para denunciar o inimigo com toda autoridade? Somente a oração poderá manter acesa a chama de nosso coração e conservar nossos olhos fixos na visão. Esse Elias, que tinha um vulcão no coração e uma voz de trovão, surgiu no cenário do reino justo numa época bem parecida com esta que vivemos.

As dificuldades com que se depara o evangelismo mundial são incontáveis. Mas isso só serve para estimular os mais decididos.

> "Vês rios que parecem intransponíveis?
> Vês montanhas nas quais não se podem abrir túneis?
> Deus se especializa em realizar o que julgamos
> impossível,
> E pode realizar o que nenhum outro poder consegue".

O preço é elevado. Deus não quer ser apenas nosso sócio; quer ser nosso proprietário.

Elias viveu com Deus. Ele via o pecado da nação *como Deus* via. Entristecia-se por causa dele, do modo *como Deus* se entristecia; repreendeu o pecado, do modo *como Deus* repreendia. Era fervoroso em suas orações e ardoroso em denunciar os males do povo. Sua pregação nada tinha de brandura; era repassada de fervor; e suas palavras abrasavam o coração das pessoas como um metal incandescente lhes queimaria a pele.

Mas "o Senhor firma os passos do homem bom, e no seu caminho se compraz" (Sl 37.23). E então Deus orientou Elias; primeiro disse-lhe: "Esconde-te"; depois: "Vai, apresenta-te". Seria errado esconder-nos quando deveríamos estar repreendendo reis em nome do Senhor, assim como seria errado pregar quando o Espírito nos conclama a esperar no Senhor. Precisamos aprender a mesma lição que Davi: "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa" (Sl 62.5). Qual

de nós teria coragem de pedir a Deus para remover todas as suas muletas? Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. Os caminhos dele são inescrutáveis, mas ele os revela a nós pelo seu Espírito.

O Senhor mandou que Elias fosse para Querite e depois para Sarepta, para que se hospedasse num hotel de luxo? Não! Ele ordenou a esse profeta de Deus, a esse pregoeiro da justiça, que ficasse no lar de uma viúva pobre.

E depois, no monte Carmelo, Elias fez uma oração que é uma obra-prima de concisão: “Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo saiba que tu, Senhor, és Deus, e que a ti fizeste retroceder o coração deles” (1Rs 37.18). O escritor E. M. Bounds está com razão quando afirma que só pode fazer uma oração curta e poderosa em público quem mantém uma longa e poderosa comunhão “em secreto”. A petição de Elias não foi no sentido de que os sacerdotes idólatras fossem destruídos, nem que caíssem do céu relâmpagos para aniquilar os rebeldes israelitas, mas, sim, que a glória e o poder de Deus se manifestassem ali.

Parece que nós estamos querendo ajudar Deus a resolver seus problemas. Foi o que fez Abraão, e até hoje a terra é amaldiçoada por essa loucura dele, com a presença de Ismael. Elias não fez o mesmo; ele procurou dificultar as coisas ao máximo para Deus. Queria fogo do céu, mas ensopou o holocausto de água. Deus gosta de ver uma oração assim, com tal audácia. “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão” (Sl 2.8).

Ó meus irmãos pastores, nossas orações, em grande parto, não passam de conselhos que estamos tentando dar a Deus. Elas são caracterizadas pelo egoísmo, pois nossas petições são em nosso favor ou de nossas denominações. Que Deus corrija isso em nós! Nossa meta deve ser apenas Deus. É sua honra que está sendo conspurcada; é seu bendito Filho quem está sendo ignorado, suas leis que estão sendo transgredidas, seu nome profanado, seu Livro esquecido, e sua casa está-se tornando um círculo social.

O momento em que Deus precisa exercitar mais paciência com seus filhos é quando estes estão orando.

Ficamos dizendo para ele o que deve fazer e como o fará. Além disso, julgamos outros e fazemos apreciações deles. Fazemos tudo, menos a verdadeira oração. E não é na escola bíblica que iremos aprender essa arte. Qual é a escola bíblica que tem em seu currículo

uma disciplina chamada “Oração”? A lição mais importante que se pode aprender é a da oração que a Bíblia ensina. Mas quem dá aulas dela? Sejamos honestos e reconheçamos que muitos de nossos professores e diretores de escola bíblica não oram, não choram, não conhecem as dores de parto. Será que podem ensinar o que não sabem?

Aquele que conseguisse levar os crentes a orar, seria quem, abaixo de Deus, produziria o maior avivamento que o mundo já viu. Em Deus *não* há falhas. Ele é poderoso. “... é poderoso para fazer... conforme o seu poder que opera em nós”. O problema de Deus hoje não é o comunismo, nem a Igreja Romana, nem o liberalismo, nem o modernismo, não. O grande problema dele hoje é o fundamentalismo morto!

“Embora o avivamento e o evangelismo estejam intimamente relacionados, na verdade são duas obras distintas. O avivamento é uma experiência da Igreja; o evangelismo, a expressão dela”.

— Paul S. Rees.

“Nunca foi intenção de Deus que a Igreja se tornasse uma geladeira para preservar a perecível religiosidade humana. Sua intenção era que ela fosse uma incubadeira, onde se desenvolveriam novos convertidos”.

— F. Lincicome.

“Porventura sou eu, Senhor?”

— Os Discípulos.

Vês rios que parecem intransponíveis?
Vês montanhas nas quais não se podem abrir túneis?
Deus se especializa em realizar o que julgamos impossível,
E pode fazer o que nenhum outro poder faz.

“Que Deus nos ajude a querer ser populares no lugar onde a popularidade realmente conta: junto ao trono de Deus”.

— Zepp.

CAPÍTULO CINCO

Um Avivamento Em Um Monte De Ossos

"Veio sobre mim a mão do Senhor; ele me levou pelo Espírito e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos... eram mui numerosos... e estavam sequíssimos... Disse-me ele: Profetiza a estes ossos, e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor... Então profetizei segundo me fora ordenado... e o espírito entrou neles e viveram e se puseram de pé, um exército sobremodo numeroso" (Ez 37).

Haveria na história humana, fosse na sagrada ou na secular, um quadro mais ridículo que esse? É a encarnação da desesperança. Quem pode dizer que já pregou para uma platéia de surdos-mudos? Um pregador lida com possibilidades, mas o profeta com o impossível. Isaías tivera uma visão de sua nação, em que ela estava coberta de feridas purulentas. Mas aqui, a enfermidade avançara e dera lugar à morte, e à morte, à desintegração orgânica. Agora ali estava um monte de ossos desarticulados, a própria imagem do desespero. Era uma situação que poderia ter uma legenda em letras garrafais: **SEM SOLUÇÃO**. Para se realizar *o que é possível*, não é necessário ter fé. No entanto, basta uma quantidade insignificante dessa "substância" que possui a força do átomo para se realizar o *impossível*, já que um fragmento do tamanho de um grão de mostarda será suficiente para realizar muito mais do que imaginamos. O que Deus pede dos homens é que façam, não o que são capazes, mas, sim, o que não são capazes. Pede que unam sua incapacidade à onipotência dele, para que a palavra *impossível* seja riscada de seu dicionário.

Os profetas são homens solitários. Andam sozinhos; oram sozinhos. O próprio Deus, ao criá-los, os faz diferentes do homem comum; não são "fabricados em série". O divino princípio de seleção

é inescrutável. Mas que ninguém se desespere; ou se julgue inútil por achar-se velho demais. Moisés estava com oitenta anos quando assumiu a liderança de um povo escravizado e abatido, os filhos de Israel. Jorge Müller viajou a vários países do mundo, mais de uma vez, e pregou a milhões e milhões de pessoas, a viva voz, com setenta anos.

Quanto a Ezequiel, ele não convocou reuniões de comissões, nem enviou cartas missionárias solicitando ofertas e orações. Não levantou fundos para seu ministério, e detestava publicidade. Mas a situação com que se defrontava era questão de vida ou morte. (E a obra de evangelização também o é. Portanto, será bom que nossos evangelistas abram os olhos para que a satisfação teológica que proporcionam a seus ouvintes não arranque deles apenas uma simples exclamação: "Que homem inteligente!", deixando-os a perecer em trevas). Então Deus ordenou a Ezequiel que dissesse ao seu "monte" de ossos secos: "Ergue-te e lança-te no mar". Ele o disse, e foi o que sucedeu.

Ali estava uma maldição. Saberia ele revogá-la? Ali havia morte. Seria ele capaz de transmitir vida? Ele não fez nenhuma exposição doutrinária. Caros irmãos, ouçam. O mundo não está querendo mais definições do evangelho, e, sim, novas demonstrações do poder dele. Onde estão os homens de fé — não os doutrinadores — para operar nestes dias de tanta desesperança política e espiritual, e de tanto desregramento moral? Não é preciso ter fé para amaldiçoar as trevas, nem citar estatísticas sinistras, evidências de que as barreiras se desmoronaram e que a avalanche de impureza infernal encobriu esta geração. Doutrina? Já a temos de sobra, enquanto o mundo enfermo, triste, saturado de sexo, sobrecarregado ao peso do pecado, perece de fome espiritual.

É nesta hora sombria, quando o mundo está adormecido em trevas, a igreja dorme em luz. E é assim que Cristo é "ferido na casa dos seus amigos". E uma igreja trôpega é chamada zombeteiramente de impotente. Enquanto anualmente gastamos montanhas de papel e rios de tinta para reimprimir os escritos de mortos, o Espírito Santo está aí, vivo, procurando aqueles que queiram humilhar-se e confessar que, apesar de verem, estão cegos; aqueles que estejam dispostos a pagar o preço do quebrantamento e lágrimas, para então buscarem a unção do poder divino, num reconhecimento sincero de sua pobreza de alma.

Faz alguns anos um pastor pregou à porta de sua uma tabuleta com os seguintes dizeres: "**Esta igreja experimentará um avivamento ou um funeral**".

É esse tipo de desespero que agrada a Deus e deixa o inferno desalentado. Loucura, diz você. É verdade. Uma igreja sóbria demais não tem valor algum. Nesses dias estamos precisando é de homens bêbedos com o poder do Espírito Santo. Será que Wesley, Whitefield, Finney, Hudson Taylor foram pessoas excepcionais? De modo algum. Se entendo corretamente o livro de Atos, eles eram homens muito normais.

Parece que a bomba atômica perturbou todo mundo — menos a igreja. Nós nos entregamos a intermináveis discussões sobre a soberania de Deus, e as dispensações, e ignoramos nossa pobreza espiritual. Enquanto isso, o inferno vai só se enchendo. Com o comunismo dominando o mundo, o modernismo na igreja e a moderação dos grupos fundamentalistas, será que Deus vai encontrar um homem para se colocar na brecha, como Ezequiel se colocou? Meus irmãos pregadores, hoje em dia nós gostamos mais de estar acomodados do que sentir as dores de parto. É por isso que ocorrem tão poucos nascimentos. Que Deus nos mande, e rápido, um profeta que se encontre em descompasso com essa igreja que se acha desarticulada.

Já vai muito adiantada a hora para que surjam novas denominações. Neste momento, Deus está preparando seus Elias para a última e grande ofensiva mundial contra a impiedade (seja ela política ou de outro tipo, mesmo com máscara de religiosa). O último e grande avivamento, gerado e operado pelo Espírito Santo, será o rompimento dos velhos odres do sectarismo pelo vinho novo do Senhor. Aleluia!

Observemos que Ezequiel foi *levado pelo Espírito*. E, como qualquer ser humano, ele deve ter estremecido com o apavorante quadro daquele monte de ossos secos. Mas da fé do profeta dependia o destino de milhares, talvez milhões de pessoas — da fé dele, não de suas orações. Muitos oram, mas poucos têm fé. Que tremor santo deve ter perpassado sua alma ao ver aquilo! De espectadores, apenas o céu e o inferno. Se Ezequiel vivesse em nossos dias, certamente iria tirar uma fotografia deles para a imprensa. Depois, preocupado com estatísticas, iria *contar* os ossos. E quando as coisas começassem a se agitar, iria chamar outros para vê-lo operar (para que o colocassem na ordem certa no "ranking"

mundial dos evangelistas). Mas Ezequiel não agiu assim. Vejamos o que ele diz: "*Então profetizei segundo me fora ordenado*". (Aí está a questão: ele se tornou um tolo para Deus). "*Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor*". Loucura? É! Insanidade total! Ele disse para os ossos: "*Ouvi*", embora eles não tivessem ouvidos. O profeta fez o que lhe fora ordenado. Mas nós, para evitarmos constrangimento, modificamos as ordens de Deus, e assim passamos uma vergonha maior. Mas Ezequiel obedeceu. E Deus operou, como sempre. "*Houve um ruído*". Ah, *disso* nós gostaríamos. Mas ele não confundiu barulho com criação, nem atividade com unção, nem agitação com avivamento.

Deus *poderia* ter insuflado vida nesse monte de ossos com apenas *um* sopro de seus lábios onipotentes. Mas, não. Seria preciso *uma série* de medidas. Primeiro, "*Ossos que batiam contra ossos e se ajuntavam, cada osso ao seu osso*". (Agora já não são mais um monte de ossos). Um fenômeno desses nos deixaria desorientados; mas não a Ezequiel. Mas de que vale um bando de esqueletos? Eles poderiam, por acaso, lutar nas guerras do Senhor? Será que em tal estágio poderiam honrar o nome de Deus? Hoje, em nossas igrejas, há muitos guias cegos contando esqueletos que "vão à frente". Estão andando, claro. Mas ainda não nasceram. Ao ver suas lágrimas, dizemos: "Creia nesta promessa". Contudo ainda não possuem vida. Falta carne sobre os esqueletos; depois revestirem-se de pele. E ainda assim teremos apenas um vali cheio de... cadáveres. Seriam eles de algum valor para Deus? Por enquanto não. Têm olhos, mas não vêem; mãos, mas não podem lutar; possuem pés, mas não podem caminhar. É nesse estado que ficam aqueles que vão à frente, caso não ocorra um último ato: "*Profetizei como ele me ordenara*". Ezequiel perseverou; resistiu ao ataque das dúvidas. Em vez de se sentir desanimado à vista dos esqueletos e cadáveres, acreditou que Deus estava com ele. E, a sós com Deus, perseverou. "*Profetizei como ele me ordenara, e o espírito entrou neles e v-i-v-e-r-a-m"*.

E, hoje, quem é que pode dizer isso: "*Profetizei como ele me ordenara e eles v-i-v-e-r-a-m*?" Nós, os pregadores, podemos facilmente atrair multidões. Com vistosos cartazes de propaganda, música, divulgações, pregações pelo rádio, conseguimos isso. No entanto, nem ao menos temos certeza de que ele nos chamou para o ministério. Estamos sentindo, de fato, de todo coração um peso pelos que estão-se perdendo? Será que o fato de que 85 pessoas estão morrendo sem Cristo a cada momento nos causa pesar, transforma nosso cântico em lamento, e coloca em nós um espírito angustiado?

Será que *neste exato momento* poderíamos fitar o rosto do Deus vivo (já que ele está sempre olhando para nós), e dizer: “Ai de mim se não pregar o evangelho!” Será que poderíamos realmente afirmar: “O Espírito do Senhor está sobre mim” ungindo-me para pregar o evangelho? Somos conhecidos nos infernos? Quero dizer, será que os demônios podem dizer de nós: “Conheço a Jesus e sei quem é o Pastor Fulano”, ou será que, quando pregamos, eles indagam: “Mas vós, quem sois?”

As pitonisas políticas não nos oferecem augúrios muito auspiciosos, e os maiores estadistas do mundo hoje estão tentando cantarolar para ver se conservam o ânimo um pouco mais elevado. O cidadão comum observa tudo confuso, enquanto as diversas seitas tentam mostrar-lhe o caminho do céu, cada uma à sua maneira. E esse cidadão já ouviu a pregação do evangelho com os ouvidos físicos, mas seus olhos *nunca* viram, e sua alma *nunca* experimentou a visitação divina. E ele tem todo o direito de nos perguntar: “Onde está o seu Deus?” O que lhe responderemos?

Uma das experiências mais penosas para o ser humano é encarar a verdade de frente. Achamo-nos tão acostumados às pregações que, ao ouvirmos um sermão, quase já sabemos o que o pregador irá dizer no momento seguinte. Mas a espada dele está cega, se comparada com a verdade de dois gumes que nos oferece o Espírito Santo. Temos a impressão de que os pastores e pregadores do mundo todo levantam o mesmo clamor de desalento à vista da ineficiência do evangelismo moderno. Talvez pudéssemos até denominá-lo “evangelismo-relâmpago” — por uns instantes produz um brilho intenso, mas logo se apaga.

É possível que ainda haja um sopro de vida — de avivamento — nas igrejas, mas não estamos conseguindo despertamento entre os milhões de povos sem Deus. É verdade que milhares e milhares de pessoas estão assistindo a nossas campanhas de evangelismo em massa, mas na maioria são crentes ou gente que freqüenta igreja. O de que precisamos é de um novo General Booth que atinja os perdidos, tanto ricos como pobres.

Os crentes do passado costumavam cantar um hino que dizia: “Bem-aventurados aqueles que de coração quebrantado, com profundo sentimento choram seu pecado”.

Nessas linhas estão contidos três elementos vitais: *coração quebrantado, choro e pecado*. Primeiro, “coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus”. Aliás, ele só usa vasos

quebrados. Quando Jesus multiplicou o pão, primeiro pegou os pães do menino e partiu-os. E só então pôde alimentar a multidão. O vaso de alabastro é outro exemplo. Só depois que ele foi quebrado o aroma encheu o aposento — e o resto do mundo. E Jesus também disse: "Isto é o meu corpo, que é partido por vós". E se para o Senhor foi assim não deverá ser também para o servo? Pois quando procuramos salvar nossa vida, não apenas *a* perdemos, mas também destruímos a de outros.

Em seguida, chorar pelo pecado. Jeremias clamou: "Oxalá a minha cabeça se transformasse em águas"; e o salmista diz: "Torrentes de águas nascem dos meus olhos". Irmãos, nossos olhos estão secos porque nosso coração também está. Em nossos dias, é possível ver-se uma religiosidade despida de compaixão. Que coisa mais estranha.

Certa vez, alguns oficiais do Exército de Salvação escreveram a William Booth que haviam empregado todos os métodos possíveis para levar pessoas a Cristo; e nada. E Booth lhes respondeu sucintamente: "Experimentem chorar". Foi o que fizeram, e experimentaram um avivamento.

As escolas bíblicas e seminários não ensinam seus alunos a chorar, e é claro que nem o poderiam. Essa lição só se aprende com o Espírito Santo. E qualquer pregador, por mais títulos e doutorados que possua, não conseguirá muita coisa enquanto não experimentar uma profunda amargura de alma por causa dos pecados que se cometem hoje. Uma oração que David Livingstone fazia sempre era: "Senhor, quando irá cicatrizar-se a chaga do pecado deste mundo?" E nós, acaso sentimos o peso da perdição da humanidade quando oramos? Será que *ensopamos* de lágrimas o travesseiro com uma agonizante intercessão como fazia John Welch?

Conta-se que quando Andrew Bonar, deitado em seu leito, ouvia as pessoas caminhando pela rua nos sábados à noite dirigindo-se para bares ou teatros, sentia o coração pesado e clamava: "Eles estão perdidos, estão perdidos!"

Infelizmente, irmãos, não possuímos esse peso pelos perdidos. A maioria dos crentes conhece apenas uma longa seqüência de pregações, eloqüentes, sim, mas sem alma, sem lágrimas, sem ardor espiritual, e é tudo que os pregadores têm para oferecer hoje.

E, em terceiro lugar, o que dizer do pecado? Diz a Bíblia que "os loucos zombam do pecado" (*Pv 14.9*). (E quem zomba do pecado é

louco mesmo.) Os sábios da igreja apontaram “sete pecados capitais”. É claro que sabemos que eles estão muito enganados; todos os pecados são capitais. Mas esses sete são o ventre do qual nasceram mais setenta vezes setenta milhões de outros pecados. São as sete cabeças de um mesmo monstro, que está devorando esta geração a um ritmo aterrador. Estamos vendo uma juventude amante de prazeres, que não liga a mínima para Deus. Enfatuados com seu pseudo-intelectualismo, totalmente indiferentes às coisas espirituais, eles rejeitam os padrões de moralidade vigentes.

Caiamos de joelhos, irmãos. Abandonemos a louca idéia de borrifar perfumes na impiedade individual e internacional, com nossas colônias teológicas. Carreemos para toda essa putrefação rios de lágrimas, de oração e de pregações ungidas, para que seja purificada.

> “Há pecado no arraial; há alta traição.
> Terei sido eu? Serei eu?
> Em nossas fileiras o pecado causa derrota e estagnação.
> Estará ele em mim, Senhor?
> Há coisas condenadas, capa e ouro.
> Há pecado entre velhos e jovens.
> Pecado que leva Deus a retirar sua bênção.
> Estará ele em mim, Senhor?
> Estará em mim? Estará em mim?
> Estará ele em mim, Senhor?”

“A maior necessidade de nossos dias é poder do alto”.

— G. G. Finney.

“Se o próprio Cristo só iniciou sua pregação depois de ter sido ungido, nenhum jovem deve pregar enquanto não tiver recebido a unção do Espírito Santo”.

— F. B. Meyer.

“Evitemos ficar discutindo sobre a Palavra de Deus; vamos obedecê-la”.

— Oswald Chambers.

“Não posso me salvar por esforço próprio
Pois meu Senhor já empenhou o esforço necessário.
Resta-me então trabalhar mais que um escravo
Por amor ao querido Filho de Deus”.

— Autor desconhecido.

“À luz da cruz de Cristo, não é chocante a maneira como eu e você vivemos?”

— Allan Redpath.

“Assim que paramos de sangrar, deixamos de ser bênção”.

— Dr. J. H. Jowett.

CAPÍTULO SEIS

Por Que Tarda O Avivamento?

Harnack definiu o cristianismo como “algo muito simples e muito sublime: viver no tempo e na eternidade *sob o olhar de Deus, e com a ajuda dele*”.

Ah, se os crentes pudessem estar cônscios da eternidade! Ah, se pudéssemos viver cada momento *sob o olhar de Deus*, se pudéssemos viver tendo sempre em mente o juízo final, e vender tudo que vendemos tendo em mente o juízo final, e fazer todas as nossas orações, dar o dízimo de tudo que possuímos, tendo em mente o juízo final; e se nós pregadores preparássemos nossas mensagens com um olho voltado para a humanidade perdida e outro para o trono do juízo final, então experimentaríamos um avivamento operado pelo Espírito Santo que abalaria esta terra, e que em pouco tempo salvaria milhões e milhões de vidas preciosas.

A baixa moralidade prevalente hoje em dia, bem como as tentativas das diversas seitas e cultos de dominar o mundo, deveriam deixar-nos alarmados. Alguém já disse, e com muita razão, que existem apenas três tipos de pessoas no mundo hoje: os que têm medo, os que não conhecem a realidade o suficiente para chegar a ter medo, e os que conhecem a Bíblia. Sodoma — onde não havia Bíblia, nem pastores, nem folhetos, nem reuniões de oração, nem igrejas — pereceu. Como será que os Estados Unidos e a Inglaterra vão escapar da ira de Deus? Aqui temos milhões de bíblias, centenas de milhares de igrejas, um sem número de pregadores — e quanto pecado!

Os homens constroem nossos templos, mas não entram neles; imprimem bíblias, mas não as lêem; falam de Deus, mas não crêem nele; conversam a respeito de Cristo, mas não confiam nele para sua salvação; cantam nossos hinos, mas depois os esquecem. Onde é que vamos parar com tudo isso?

Em quase todos os seminários de estudos bíblicos hoje a igreja atual é descrita nos termos da carta aos efésios. Afirma-se que, apesar de toda a nossa carnalidade e pecado, estamos sentados com Cristo nos lugares celestiais. Que mentira! Somos efésios, sim, mas da Igreja de Éfeso do Apocalipse, aquela que abandonou o seu "primeiro amor". Fazemos concessões ao pecado em vez de fazermos oposição a ele. E nossa sociedade licenciosa, libertina, leviana nunca se curvará diante dessa igreja fria, carnal, crítica. Paremos de ficar procurando desculpas para nosso fracasso. A culpa pelo declínio da moralidade não é do cinema e da televisão. A culpa pela atual corrupção e depravação internacional é toda da igreja. Ela não é mais um espinho nas ilhargas do mundo. E não foi nos momentos de popularidade que a verdadeira igreja triunfou, mas, sim, nas horas de adversidade. Como podemos ser tão ingênuos a ponto de pensar que a igreja está apresentando aos homens o padrão estabelecido por Jesus no Novo Testamento, com esse baixo padrão de espiritualidade que ela ostenta.

Por que tarda o avivamento? A resposta é muito simples. Tarda porque os pregadores e evangelistas estão mais preocupados com dinheiro, fama e aceitação pessoal, do que em levar os perdidos ao arrependimento.

Tarda porque nossos cultos evangelísticos parecem mais shows teatrais do que pregação do evangelho.

O avivamento tarda porque os evangelistas de hoje têm receio de falar contra as falsas religiões.

Elias zombou dos profetas de Baal, e debochou da sua incapacidade de fazer chover. Seria melhor que saíssemos à noite (como fez Gideão), e derrubássemos os postes-ídolos dos falsos deuses, do que deixar de realizar a vontade de Deus. As seitas anticristãs e as religiões ímpias desta nossa hora final constituem um insulto contra Deus. Será que ninguém fará soar o alarme?

Por que não protestamos? Se tivéssemos metade da importância que julgamos ter e um décimo do poder que pensamos possuir, estaríamos recebendo um batismo de sangue, tanto quanto recebemos de água e fogo.

As portas das igrejas da Inglaterra se fecharam para João Wesley. E um de seus críticos disse que “ele e seus tolos pregadores leigos — esses grupos de funileiros, garis, carroceiros e limpadores de chaminés — estão saindo por aí a envenenar a mente das pessoas”.

Que linguagem abusiva! Mas Wesley não tinha medo nem de homens nem de demônios. E se Whitefield era ridicularizado nas peças de teatro da Inglaterra da maneira mais vergonhosa possível, e se os cristãos do Novo Testamento foram apedrejados e sofreram todo tipo de ignomínia, por que será que nós, hoje em dia, não provocamos mais a ira do inferno, já que o pecado e os pecadores continuam sempre os mesmos? Por que será que somos tão gelados e enfadonhos? É bem verdade que pode haver muito tumulto sem avivamento. Mas, à luz do ensino bíblico e da história da igreja, não podemos ter avivamento sem tumulto.

O avivamento tarda porque *não temos mais intensidade e fervor na oração*. Há algum tempo, um famoso pregador, ao iniciar uma série de conferências, fez a seguinte declaração: "Vim para esta série de conferências com grande desejo de orar. Agora peço àqueles que gostariam de carregar junto comigo esse peso que ergam uma das mãos, e que ninguém seja hipócrita".

Um bom número de pessoas levantou a mão. Mas, lá pelo meio da semana, quando alguns resolveram promover uma vigília, o grande pregador foi dormir. Que hipocrisia! Já não existe mais integridade. Tudo é superficial. O fator que mais retarda a vinda de um avivamento do Espírito Santo é essa ausência de angústia de alma. Em vez de buscarmos a propagação do reino de Deus, estamos fazendo mais propaganda. Que loucura! Quando Tiago (5.17) diz que Elias "orou", estava acrescentando um valioso adendo à biografia dele registrada no Velho Testamento. Sem essa observação, ao lermos ali: "Elias profetizou", concluiríamos que a oração não fez parte da vida dele.

Em nossas orações ainda não resistimos até o sangue; não mesmo. Como diz Lutero, "nem ao menos fizemos suar nossa alma". Oramos com uma atitude tipo "o que vier está bom". Deixamos tudo ao acaso. Nossas orações não nos custam nada. Nem mesmo demonstramos forte desejo de orar. Fica tudo na dependência de nossa disposição, e por isso oramos de forma intermitente e espasmódica.

A única força diante da qual Deus se rende é a oração. Escrevemos muito sobre o poder da oração, mas ao orar não temos aquele espírito de luta. Nós fazemos tudo: exibimos nossos dons espirituais ou naturais; expomos nossas opiniões, políticas ou religiosas; pregamos sermões ou escrevemos livros para corrigir desvios doutrinários. Mas quem quer orar e atacar as fortalezas do

inferno? Quem irá resistir ao diabo? Quem quer privar-se de alimento, descanso e lazer, para que os infernos o vejam lutando, envergonhando os demônios, libertando os cativos, esvaziando o inferno, e sofrendo as dores de parto para deixar atrás de si uma fileira de pessoas lavadas pelo sangue de Cristo?

Em último lugar, o avivamento tarda *porque roubamos a glória que pertence a Deus*. Reflitamos um pouco sobre essas palavras de Jesus: "Eu não aceito glória que vem dos homens". "Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros, e contudo não procurais a glória que vem do Deus único?" (Jo 5.41,44.) Chega de toda essa autopromoção nos púlpitos. Chega de tanto exaltar "*meu* programa de rádio", "*minha* igreja", "*meus* livros". Ah, que repulsiva demonstração carnal vemos nos púlpitos: "Hoje, temos o grande privilégio..." E os pregadores aceitam isso; não, eles já o esperam. (E se esquecem de que só estão ali *pela graça de Deus*.) E a vaidade é que, quando ouvimos tais homens pregar, notamos que nunca ficaríamos sabendo que eram tão importantes, se não tivessem sido apresentados como tal.

Coitado de Deus! Ele não está recebendo muita glória! Então, por que ele ainda não cumpriu sua terrível mas bendita ameaça de que iria vomitar-nos de sua boca? Nós fracassamos; estamos impuros. Apreciamos os louvores dos homens. Buscamos nossos próprios interesses. Ó Deus, liberta-nos dessa existência egoística, egocêntrica! Dá-nos a bênção do quebrantamento! O juízo deve começar por nós, pelos pregadores!

“O evangelho não é uma história velha contada e recontada. Não; é o fogo do Espírito que arde em nós, alimentado pelas chamas do Amor eterno. E ai de nós se esse fogo baixar pelo fato de não avivarmos o dom de Deus que há em nós”.

— Dr. R. Moffat Goutrey.

“O maior milagre ocorrido naquele dia (de Pentecostes) foi a transformação que se operou nos discípulos que aguardavam a promessa de Deus. Aquele batismo de fogo transformou a vida deles”.

— Samuel Chadwick.

“O verdadeiro sinal do cristianismo não é uma cruz, mas uma língua de fogo”.

— Samuel Chadwick.

“O evangelho é um fato, portanto, vamos expô-lo com simplicidade. O evangelho é alegre; portanto, vamos falar dele com alegria. Ele nos foi confiado; portanto, vamos expô-lo com fidelidade. É a manifestação de um momento infinito; portanto, vamos expô-lo fervorosamente. Fala de um infinito amor; portanto, vamos expô-lo com sentimento. É de difícil compreensão para muitos; portanto, vamos expô-lo com ilustrações. O evangelho é a revelação de uma Pessoa; portanto, vamos pregar a Cristo”.

— Archibald Brown.

“A verdadeira pregação consiste em suar sangue”.

— Dr. Joseph Parker.

CAPÍTULO SETE

A Pregação Fervorosa: Uma Arte Esquecida

Já se passaram alguns séculos desde que o reformador suíço Oecolampad disse: “Uns poucos pregadores bons e fervorosos produziriam maior impacto no ministério cristão do que uma multidão de homens mornos!” E a passagem do tempo não anulou a verdade contida nessa afirmação. Precisamos de mais “pregadores bons e fervorosos”. Um deles foi Isaías, com sua confissão: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios”. E Paulo foi outro: “Ai de mim, se não pregar o evangelho”. Mas nenhum dos dois tinha um conceito mais amplo da magnitude de sua tarefa do que Richard Baxter, que era ministro da Igreja Kidderminster, na Inglaterra. Quando alguém o criticou, tachando-o de ocioso, ele respondeu o seguinte: “A pior coisa que eu poderia desejar-lhe era que tivesse minha folga em vez do seu trabalho. Tenho razões para me considerar o menor de todos os salvos, e no entanto não teria receio de dizer ao acusador que considero o serviço da maioria dos trabalhadores desta cidade um prazer para eles, em comparação com o meu, embora não trocasse minha tarefa com a do mais importante príncipe”.

“O serviço deles ajuda a conservá-los com saúde; o meu consome-a. Eles trabalham tranqüilamente; eu, em dores constantes. Eles têm horas e dias para seu lazer; eu mal tenho tempo para me alimentar. Ninguém os incomoda por causa de seu ofício; quanto a mim, quanto mais trabalho, mais ódio e perturbações atraio sobre minha pessoa”.

Sente-se um pouco da mentalidade neotestamentária nessa sua maneira de encarar a pregação do evangelho. Este é o mesmo Baxter que queria ser como “um moribundo pregando a moribundos”. Se nossos pregadores fossem todos desse calibre espiritual, arrancariam toda esta geração de pecadores da boca do inferno.

É possível que hoje tenhamos o maior índice de pessoas freqüentando a igreja, com o mais baixo índice de espiritualidade de todos os tempos. Talvez estivessem certos aqueles que no passado acusaram o liberalismo de ser o grande culpado da frieza dos crentes. Hoje, esse bode expiatório é a televisão, que está sendo execrada pelos pregadores. Entretanto, apesar disso, e sabendo que as duas acusações não deixam de ser verdadeiras, gostaria de dirigir a nós, pregadores, uma pergunta. Será que não deveríamos confessar como aquele escritor do passado: "O erro, caro Brutus, está em nós mesmos?" Mas eu gostaria de afiar bem o meu bisturi e aprofundá-lo um pouco mais nos pregadores: passou a época dos grandes sermões tipo "lanche rápido", temperados com tiradas humorísticas para tentar estimular o fraco apetite espiritual do homem de nossos dias? Ou estamos nos esforçando para comunicar os "poderes do mundo vindouro" em todos os cultos?

Pensemos um pouco em Paulo. Após receber uma poderosa unção do Espírito Santo, ele saiu pela Ásia menor para travar ali uma intensa batalha espiritual, causando agitação nos mercados, sinagogas e palácios. E ia a toda parte, tendo no coração e nos lábios o grito de guerra do evangelho. Diz-se que foi Lenine quem disse o seguinte: "Os fatos não podem ser contestados". Analisando as realizações de Paulo e comparando-as às dos crentes de nossa geração, que fazem tantas concessões ao mundo, temos que concordar com ele. Paulo não era um pregador que apenas falava a toda uma cidade; ele a abalava totalmente. Mas ainda assim tinha tempo para sair batendo às portas das casas, e para orar pelos perdidos que encontrava pelas ruas.

Estou cada vez mais convencido de que as lágrimas são um elemento indispensável a uma pregação avivalista. Irmãos pregadores, precisamos nos envergonhar de não sentir vergonha; precisamos chorar por não termos lágrimas; precisamos nos humilhar por haver perdido a humildade de servo de Deus; gemer por não sentirmos peso pelos perdidos; irar-nos contra nós mesmos por não termos ódio do monopólio que o diabo exerce nestes dias do fim, e nos punir pelo fato de o mundo estar-se dando tão bem conosco, que nem precisa perseguir-nos.

Pentecostes significa *dor*, mas o que mais experimentamos é prazer; significa peso; mas nós amamos a comodidade. Pentecostes significa prisão, e, no entanto, a maioria dos crentes faria qualquer coisa, menos ir para a prisão por amor a Cristo. Se revivêssemos a experiência do pentecostes, talvez muitos de nós fossem parar na

cadeia. Eu disse “pentecostes”, não “pentecostalismo”. E não estou querendo atirar pedras em ninguém.

Imaginemos a experiência do pentecostes se repetindo em uma igreja no próximo domingo. O pastor, como Pedro, é revestido de poder. E, pela sua palavra, Ananias e sua esposa caem mortos ao chão. Será que o crente moderno toleraria isso? E não pára aí. Paulo determina que Elimas fique cego. Em nossos dias, isso implicaria na abertura de processo contra o pregador. E se alguns caíssem ao chão, sob o poder do Espírito Santo — o que acontece em quase todos os avivamentos — sem dúvida iriam difamar-nos. Não seria demais para a nossa sensibilidade?

E, como já disse no início deste capítulo, gostaria que houvesse grandes pregadores em nossos dias. O diabo quer que fiquemos a *caçar ratos*, enquanto há leões à solta, devastando a terra. Nunca consegui descobrir o que se passou com Paulo na Arábia. Ninguém sabe. Será que ele teve uma visão do novo céu e da nova terra, e do Senhor reinando soberano? Não sei. Mas uma coisa sei com certeza: ele modificou a Ásia, deixou os judeus profundamente irritados, encolerizou os romanos, ensinou para mestres e teve piedade de carcereiros. Ele e outro pregador de nome Silas dinamitaram as paredes da prisão com suas orações, para realizar a obra do Senhor.

Paulo, o servo de Jesus Cristo, o escravo de Cristo pelo amor, depois de reconhecer que o coração mais duro que Deus conquistara era o seu, resolveu ir abalar o mundo para Deus. Em seus dias, ele trouxe à terra os “poderes do mundo vindouro”, restringiu a operação de Satanás, e sofreu, amou e orou mais que todos nós. Irmãos, caiamos de joelhos outra vez, se quisermos recuperar a espiritualidade e o poder apostólicos. Chega dessa pregação fraca e ineficaz!

“Parece que a Igreja parou num ponto qualquer entre o Calvário e o Pentecostes”.

— J. I. Brice.

“Como irei sentir-me no dia do juízo final se passarem diante de meus olhos todas as oportunidades que perdi, e ficar provado que minhas desculpas não foram mais que meros disfarces para meu orgulho e acovardamento?”

— Dr. W. E. Sangster.

“Ó corrente de águas vivas! Ó chuva de graça! Ninguém que espera por Ti espera em vão”.

— Tersteegen.

“Avivamento: é o Espírito Santo enchendo um corpo prestes a tornar-se um cadáver”.

— D. M. Panton.

“Um avivamento espiritual sugere a idéia de que houve antes um declínio espiritual”.

— C. G. Finney.

CAPÍTULO OITO

Crentes Incrédulos

Qualquer dia desses uma pessoa bem simples vai pegar a Palavra de Deus, lê-la e *crer nela*, e aí nós todos vamos ficar muito envergonhados. É que nós adotamos a cômoda postura de que nossa tarefa para com a Palavra é explicá-la. Na verdade, nossa primeira atitude deve ser de crer nela (e depois obedecer).

Um pensamento que me tem ocorrido com freqüência ultimamente é que existe uma grande diferença entre conhecer a Palavra de Deus e o Deus da Palavra. Não é verdade que toda vez que assistimos a um seminário de estudos bíblicos ouvimos uma repetição das mesmas velhas lições, e saímos dali sem ter aumentado nem um pouco nossa fé? É possível que Deus nunca tenha visto um grupo de crentes tão incrédulos como os desta geração. Como isso é humilhante!

Será que estamos como que deslumbrados com a riqueza espiritual? Talvez sejamos como um marinheiro pobretão que cruza o Atlântico e fica alucinado, magnetizado ao pensar que ali embaixo está o navio *Lusitânia* com muita riqueza em seu bojo, que ele poderia pegar para si. O único problema são os metros e metros cúbicos de água que o separam dele. Do mesmo modo, a Bíblia, que é o talonário de cheques do crente, que lhe é dado pelo Senhor da glória, garante: "*Tudo* é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus". Estou-me sentindo fortemente insatisfeito com a pobreza espiritual que nós, os crentes, estamos vivendo na atualidade.

Quantas vezes vamos a uma reunião de oração e ouvimos uma frase tão comum: "Senhor, tu *podes* fazer isso" (referindo-se a um determinado pedido). Mas *tal afirmação* é fé? Não; é apenas o reconhecimento da onipotência de Deus. Eu creio que o Deus vivo, o Senhor da glória pode transformar essa escrivaninha onde estou escrevendo em ouro maciço. Transformar água em vinho ou madeira

em ouro é coisa que está dentro da capacidade dele. Mas ele transformou água em vinho quando *houve necessidade disso*. Neste momento, por exemplo, um milhão de dólares me seria muito útil (e não gastaria nem um centavo para mim mesmo), nem teria do que me envergonhar "naquele dia". Na verdade temos muita necessidade desse dinheiro. Mas afirmar que ele pode fazer a madeira se transformar em ouro *não* opera a transformação. E assim eu fico sem o dinheiro. Mas se, pela fé, eu disser: "Ele *irá* transformar essa mesa em ouro", aí o problema estará resolvido.

Todos nós sabemos que "o maior destes" (fé, esperança e amor) *não* é a fé. Mas por que ignorar o que é menor? Onde é que se vê a fé genuína hoje em dia? O que se vê é um mascaramento da fé. Um apelo que se ouve com freqüência é: "Cremos que Deus deseja que estendamos a transmissão de nosso programa a mais dez estações de rádio. Estamos esperando dele os fundos necessários para isso. Então, irmãos, escrevam-nos o mais breve possível". Isso pode até ser uma afirmação de fé, só que com "indiretas", e não é dirigida apenas para Deus. Nós, os crentes, gostamos muito de citar superficialmente aquele versículo: "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir *cada uma* (que palavras extraordinárias!) de vossas necessidades" (Fp 4.19). Mas será que realmente acreditamos nele?

Acredito que poderíamos acrescentar um adendo ao capítulo 11 de Hebreus (sem querer com isso diminuir o valor dele) incluindo nomes como o de Hudson Taylor (fundador da Missão do Interior da China), Jorge Müller, Rees Howells, e outros que *pela fé* realizaram grandes feitos. Nessa hora difícil que vivemos, estou ficando cansado de nossas *conversas* sobre nosso maravilhoso e poderoso Senhor, quando nós continuamos ainda terrivelmente pobres. Deus abençoa é a nossa fé, não a sabedoria, nem a personalidade. E a *fé* honra a Deus; e Deus honra a fé. Ele vai onde a nossa fé o coloca. Num certo sentido, que creio todos podem entender, a *fé* situa Deus aqui ou ali. Ela faz a junção da nossa impotência com a onipotência dele.

A ciência já rompeu a barreira do *som*. E a sociedade que nos cerca, uma sociedade permissiva, sequiosa de prazer, clama para nós que também já rompeu a barreira do *pecado*. Agora, vamos nós também, com a ajuda de Deus, com fé simples, firme, vamos romper a barreira da *incredulidade*. A dúvida retarda a ação da fé, e até a destrói. Mas a fé também destrói a dúvida. A verdade que a Palavra de Deus ensina não é "Tudo é possível ao que sabe *expor* bem as Escrituras". Nesta vida terrena, será inútil tentar definir a pessoa de

Deus, e, possivelmente, nem na eternidade conseguiremos entendê-lo, nem tampouco seus atos. Mas o que diz a Bíblia, esse Livro que é tão imutável quanto seu Autor, é: "*Tudo* é possível ao que crê".

Muitas vezes ouvimos pessoas (que se candidataram a um emprego para o qual se julgavam altamente capacitadas, e foram rejeitadas) dizerem, não sem certa amargura: "Hoje em dia o que conta não é o *que* a gente sabe, mas *quem se conhece*". Não pretendo entrar no mérito da questão, com relação ao mundo dos negócios; mas tenho certeza de que no plano espiritual é a mais pura verdade. Os fatos que sabemos *sobre* Deus nestes dias dão para encher uma biblioteca. (Não queremos com isso depreciar o verdadeiro conhecimento, e menos ainda a sabedoria que vem lá do alto). Mas conhecer *fatos* sobre Deus é uma coisa; conhecer a *Pessoa* dele é outra muito diferente. Paulo não tinha nada, e, no entanto possuía *tudo*. Que sublime paradoxo! Que abençoada pobreza! Esse grande homem era espiritualmente riquíssimo. O fato de estar edificando o reino de Cristo e de estar escrevendo os oráculos de Deus nunca lhe subiu à cabeça. E a despeito de tudo que fez, já quase ao fim de sua carreira, ele diz: "Para conhecê-lo e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte" (Fp 3.10).

O maior empecilho que existe para que os crentes transformem em realidade diante dos olhos do mundo as promessas de Deus é esse nosso desprezível *ego*. Mas Paulo declara que seu antigo senhor, o ego, foi *destronado e* — o que é melhor — *foi anulado* na cruz (Gl 2.20). Então Cristo pôde ser entronizado em sua vida. E para que nos purifiquemos e estejamos preparados para que ele assuma o controle é preciso que o egoísmo, a autocompaixão, a justiça própria, a auto-satisfação, a importância própria e tudo que tenha a ver com o ego sejam entregues à morte. Não importa *quem* nós somos, nem *o que nós sabemos*. O que realmente importa é *o que somos* diante do inescrutável Deus. Se desagradarmos a Deus, não importa a quem vamos agradar. E se agradarmos a ele, não importa a quem vamos desagradar. Aquilo que podemos chegar a *ser* pela nossa união com Cristo é uma coisa; mas aquilo que *somos* é outra muito diferente. Encontro-me profundamente insatisfeito com o que sou. Se você está satisfeito, então tenha compaixão deste seu irmão mais fraco, e ore por mim.

Existe um tipo de fé que é natural, intelectual e lógica; e existe também a fé que é espiritual. De que adianta pregarmos a Palavra, se no momento em que a anunciamos não temos uma fé viva para

comunicar-lhe vida? “A letra mata”. Iremos nós adicionar mais morte à morte? O maior benfeitor do homem hoje será aquele que puder trazer o inestimável poder de Deus para esse cristianismo orgulhoso e sem poder que vivenciamos hoje. A promessa de Deus ainda está de pé: “O povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo” (Dn 11.32). E se algum de nós conhecer a Deus, então “coitado de você, Lúcifer!”

“Enquanto a liderança espiritual não voltar a ser ocupada por homens que preferem a obscuridade, continuaremos a presenciar uma constante deterioração da qualidade do cristianismo popular, e possivelmente chegaremos ao ponto em que o Espírito Santo, entristecido, se retirará, como a glória de Deus se apartou do templo”.

— Dr. A. W. Tozer.

“Nenhum homem é plenamente aceito enquanto não for, antes de tudo, totalmente rejeitado”.

— Autor desconhecido.

“Não me gabo de nada — a não ser da cruz de Cristo, pela qual o mundo foi crucificado para mim e eu fui crucificado para o mundo”.

(Gl 6.14 — tradução da versão inglesa de Moffat.)

“Se eu tivesse mil cabeças preferiria que fossem todas cortadas, do que vir a retratar-me”.

— Lutero, na Dieta de Worms.

“Não temo a tirania dos homens, e muito menos as mentiras que o diabo venha a inventar contra mim”.

— João Knox, em “*A Godly Letter*”.

“E quanto à verdade, não podemos abandoná-la, mesmo que isso implique na perda de nossa vida, pois não vivemos para esta geração, nem para servir aos príncipes, mas para o Senhor”.

— Zuinglio.

CAPÍTULO NOVE

Precisa-se: Profetas Para O Dia Do Juízo

A cabeça de Paulo já está mesmo prestes a rolar. E daí? Então diante de Agripa esse destemido discípulo não tem medo, nem usa de meias medidas. Na verdade ele não consegue ser falso em nenhuma situação, nem em lugar algum. A coragem física é uma forma pela qual um homem pode se distinguir. Mas a coragem moral, que não treme ante as opiniões dos outros, sejam eles quem forem, é outra coisa. Paulo possuía esses dois tipos de coragem que fizeram dele um *Daniel cristão*, numa "cova de leões" romana. Os homens poderão destruir o corpo de um profeta, mas nunca destruirão o profeta.

Mas, como eu ia dizendo, quando Paulo se apresentou perante o rei Agripa, já estava com a cabeça prestes a rolar. Ciente de que já estavam bem perto os pés daqueles que o sepultariam, ele prega com maior fervor, a ponto de aquele rei imoral gaguejar: "Por pouco me persuades a me fazer cristão". E também Festo, que era um dos convidados, esquece as regras da boa educação, e interrompe-o: "Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar". Ao que o apóstolo responde: "Não estou louco, ó excelentíssimo Festo". (Acho que o tom de voz que ele empregou aqui dava a entender que os ouvintes é que *estavam* loucos.)

Mas diga-me: quando pregamos o evangelho hoje, alguém acha que estamos loucos? Pelo contrário, não podemos fazer pregações muito taxativas, não é mesmo? Afinal, temos que pensar em nossa reputação, nas multidões que vêm ouvir-nos, nas ofertas que temos de levantar, e nos tantos anos que já temos de ministério.

Faz alguns anos, os metodistas realizaram uma convenção anual em Newcastle, na Inglaterra. E a conclusão a que chegaram é que, a

despeito dos grandes esforços empreendidos nas campanhas de evangelismo em massa e da preservação dos conversos pelo trabalho de discipulado, a "vela do evangelismo" está quase apagada. Mas entre eles existem homens de grande coração, de visão ampla e de grandeza de mente. Um deles é Edwin Sangster, teólogo, escritor e agora também presidente da junta de missões nacionais. Ele não refuta a acusação de que o metodismo está enfermo, quase à morte. Mostra-se comovido, e comove outros. Ouça o que ele diz:

> "Estamos lutando contra uma doença entranhada nas profundezas da alma da nação. E para ela temos que empregar uma profunda terapia de raios-X que ainda não conseguimos definir com clareza".

E depois acrescenta:

> "Acredito, com tristeza, que o agnosticismo está-se desenvolvendo na Inglaterra, em vez do avivamento que os metodistas tanto desejavam. E creio que, mesmo que o número dos presentes fosse menor, poderíamos ter a conversão de todos eles. Mas o que acontece é que até os que estão nos púlpitos têm problemas de incredulidade".

E enquanto a igreja vai-se tornando fria e ineficiente, as cadeias e as varas de família onde se julgam os divórcios estão cada vez mais superlotadas.

Deve ser este o clamor dos mártires: "Não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" E o dos vivos, quero dizer, dos que *realmente estão vivos*, que têm a vida de Deus, será: "Julga a minha causa contra o meu adversário... Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite?" Não há dúvida de que se aproxima o momento em que Deus não poderá mais aplicar a sua graça, e então o castigo será inevitável.

A quem muito foi dado, muito será cobrado. Há milhões e milhões de indivíduos em trevas por não terem luz. Contudo as grandes democracias são os maiores culpados, pois possuem luz, mas abafam-na, escondem-na debaixo de um alqueire chamado comércio, ou de uma cama chamada "ociosidade". Certamente um pecado como esse, tão semelhante ao de Sodoma, merece um castigo igual ao dado a Sodoma. "Eis que esta foi a iniqüidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e próspera tranqüilidade teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre e necessitado". (Ez 16.49.) E nestes dias em que vivemos, dias de iminente destruição, precisamos

de profetas, de homens santos que falem da parte de Deus “movidos pelo Espírito Santo”. E se Deus não estiver operando através dos pregadores, acho melhor pararmos de vez. Mas a verdade é que *ele opera*, sim, por meio deles.

Nem Gideão nem ninguém sofre perseguições por causa de suas visões; são as suas ações que provocam a ira daqueles que foram ofendidos. Basta que Gideão saia à meia-noite e derrube o poste-ídolo de Baal, para o inferno descarregar sobre ele toda a sua fúria. Basta que João Batista chame os sacerdotes de “raça de víboras” e censure a conduta adúltera de Herodes, para assinar sua própria sentença de morte. Não há dúvida de que precisamos de profetas nestes dias de apostasia, em que os cultos e seitas divulgam suas crenças distorcidas e suas meias verdades.

Será que a terra ainda vai ter de suportar por muito tempo esse sistema bem organizado, mas paralisado, que se chama cristianismo? Estará Sangster com a razão, quando afirma que ainda não encontramos o remédio para a grave enfermidade que assola a nação? (Talvez seja mais correto dizer que estamos desprezando o velho método de proclamar o arrependimento, regeneração e santificação). Mas bem no fundo de meu coração guardo comigo um consolo e quero partilhá-lo com os leitores agora. Quando vier aquele avivamento enviado por Deus, direto dos céus, em poucas semanas desfará os males que o pernicioso modernismo levou anos elaborando. E quando soprar essa ventania do Espírito, os enganosos doutores em divindades verão derrubar-se a casa que edificaram sobre a areia: as interpretações humanas da Bíblia. A mente da humanidade está doente, e seu coração fraco. Pelo esquema montado pelos homens, estamos no fim da linha. Já está tudo pronto para a maior detonação de todas as épocas, que esmigalhará a terra, com a destruição atômica. E o inferno se acha de boca escancarada para engolir os despojos que os iníquos modernistas ajuntaram quando venderam o sangue de Cristo por um prato de cozinhado vermelho (a chamada “Alta Crítica”).

Desperta, braço do Senhor! Reveste-te de força! Chegou a hora do avivamento. Vivemos a era da condenação. Onde estão os homens de Deus? Um profeta pode operar milagres, mas *precisa* ter uma mensagem. O homem do mundo está confuso, indagando: “Deus tem alguma mensagem para nós?”

É que ele sabe que ninguém mais tem uma mensagem coerente. Mas como Deus não pode mentir, as profecias de Joel 2 e Malaquias

3 se cumprirão: “De *repente* virá ao seu templo o Senhor”. Que maravilhoso consolo para nós! Num momento, a sequidão; no seguinte, a libertação. Dez minutos antes de João Batista chegar ninguém sabia que ele estava por ali. E o que *aconteceu* naquela época, *irá acontecer* também no futuro, tenho certeza. Deus terá o controle total dos ouvidos, coração e vontade de um homem. E alguns que, no momento, estão passando despercebidos, surgirão proclamando, no poder do Espírito, as verdades candentes que esta geração precisa escutar. Suas palavras serão ardentes como metal líquido. E Deus espera, com grande paciência.

Mas, quando ele se erguer, “quem pode suportar o dia da sua vinda?” E quando o Espírito operar, pessoas que agora estão entregues ao pecado, irão quebrantar-se e se arrepender. O Kremlin estremecerá quando souber da operação sobrenatural de Deus que estará ocorrendo na China. Que Deus suscite logo um avivamento na China, Rússia, Alemanha e outras nações que estão sendo queimadas com o fogo do comunismo. Primeiro porque esses povos precisam demais dele; depois para que as nações livres se sintam enciumadas, como Jonas quando viu a população de Nínive se arrependendo.

Para que o faraó capitulasse foram necessárias dez pragas. Depois disso, os israelitas foram conduzidos à vitória por Moisés, o profeta. Hoje estamos vendo outras dez pragas — mais sinistras, eficazes e poderosas do que aquelas, pois afetam o mundo todo, e não se acham confinadas apenas ao Egito. E, no entanto essas dez pragas não lograram tocar o coração do homem moderno, mas o tornaram ainda mais ímpio.

Será que não haverá aí um Moisés contemporâneo nosso? Vamos permitir que esta geração pereça escravizada a um cativeiro moral, e continuar aqui sentados, de braços cruzados, sem fazer nada? Será que vamos continuar sendo apenas espectadores, que contemplam tudo como que hipnotizados, enquanto Lúcifer, que já está com milhões de almas acorrentadas em sua carruagem infernal, vai levando muitas outras pelo caminho largo, para as trevas eternas?

Precisamos redescobrir o segredo daqueles homens benditos de que fala a Palavra de Deus: “Os quais, por meio da fé, subjugaram reinos... fecharam bocas de leões” (daquele leão que anda em derredor “procurando alguém para devorar”). Numa época como a nossa, de destruição iminente, este cristianismo sem vida, fraco,

imobilizado, está precisando de homens cheios de Deus, de profetas movidos por ele. Precisa-se: profetas de Deus.

“A necessidade mais premente de nossos dias é de um batismo de santidade, uma demonstração de um viver santo”.

— Duncan Campbell.

Ele veio trazer fogo à terra,
e ele já arde em alguns corações.
Mas, ah, se todos pudessem incendiar-se,
e todos partilhar da mesma bênção.

“No batismo da Pomba celeste,
Seja meu coração o altar, e teu amor a chama”.

— George Croly.

“Vem, Senhor, como fogo,
com a chama sagrada limpar nosso coração.
Que todo o nosso ser possa tornar-se uma oferta
ao nome de nosso Redentor”.

— Andrew Reed.

“Sem muita oração e lágrimas não há avivamento”.

— C. G. Finney.

CAPÍTULO DEZ

Só O Fogo Produz Fogo

Quem quiser ter uma vida de oração precisa ser de aço, pois será atacado por Satanás antes mesmo de começar a tentar atacar o reino dele.

Se ao orar nos limitarmos a apresentar uma lista de pedidos diante do Rei do universo, estamo-nos restringindo à menor de todas as facetas dessa prática tão complexa. Mas, como todos os outros aspectos da vida cristã, ela pode estar em desequilíbrio em nossa vida. Não devemos, por exemplo, substituir o trabalho pela oração; assim como esta não pode ser substituída pelo trabalho. Em sua obra *The Weapon of Prayer* (A oração como arma), ainda pouco conhecida, E. M. Bounds diz o seguinte: "É melhor negligenciar o trabalho do que a oração". E afirma também: "Os mais eficientes agentes na disseminação do conhecimento de Deus na terra, na realização de sua obra e na resistência às avassaladoras ondas do inferno foram os líderes que oraram. Deus depende desses homens, usa-os e os abençoa".

Não há dúvida de que se o avivamento tarda é porque a oração está sendo negligenciada. Nada atemoriza mais Satanás e o inferno do que o crente que ora.

Os missionários que conheciam Henry Martyn invejavam sua espiritualidade. Um deles disse o seguinte a respeito de Martyn: "Ah, se eu pudesse ter a mesma perfeição que ele, sua profunda espiritualidade, sua diligência, sua superioridade em relação ao mundo, seu amor pelas almas perdidas, sua preocupação em aproveitar todas as chances que lhe surgissem de ser uma bênção para alguém, seu conhecimento de Cristo e das coisas do céu!" É esse o segredo do grandioso impacto que causou na Índia. E o próprio Martyn disse o seguinte: "Os valores da sabedoria me parecem cada vez mais agradáveis e lógicos, enquanto o mundo se

torna mais e mais insípido e desprezível". E ainda: "O que mais lamento é minha falta de poder e de fervor na oração em secreto, principalmente quando intercedo pelos incrédulos. Meu fervor espiritual não aumenta na mesma proporção em que cresce meu conhecimento". Será que alguém aí pode atirar em Henry Martyn a primeira pedra? Não é verdade que todos nós pode-mos dizer que nos falta ardor na intercessão?

Pela sua própria natureza, o fogo só é produzido por fogo. Se houver perto dele uma substância combustível, o fogo só propagará o mesmo elemento, fogo. "Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!" (Tg 3.5b). Uma chama de *fogo* nunca poderá produzir *gelo*. Assim também o *diabo* nunca produzirá homens *santos*. Pastores que não oram nunca poderão reproduzir guerreiros da intercessão. E no entanto uma fagulha que escape de uma bigorna pode incendiar toda uma cidade. Com uma vela só podem ser acesas dez mil. A partir da vida de oração que David Brainerd levou iluminaram-se outros brilhantes astros áo firmamento do evangelismo, como William Carey, Payson e outros.

William Carey leu a história de Brainerd e como que um dínamo começou a girar no coração desse jovem ganhador de almas, levando-o por fim à Índia. E foi na chama da mesma alma que Deus acendeu a vela do coração de Edward Payson. Através da leitura do diário do missionário entre os índios — que na ocasião sofria dores fortíssimas, e se vestia de roupas de couro — Payson, então com vinte anos, recebeu inspiração para dedicar-se à oração, e o fez de tal forma que quase eclipsou o testemunho do próprio Brainerd. E para citar mais uma alma-irmã da de Brainerd, outro destaque na oração, que faleceu com a "avançada" idade de vinte e nove anos, mencionaremos Robert Murray McCheyne. Esse gigante da oração sentiu-se atraído para "a maior de todas as tarefas a que a alma humana pode se dedicar" quando leu a respeito de Brainerd.

E outro grande homem de Deus que se inspirou na vida de Brainerd foi Jonathan Edwards. Ele testemunhou o avanço da tuberculose a consumir o organismo de Brainerd (enquanto Jerusa, a filha dele e noiva de Brainerd, chorava). Mais tarde, Edwards escreveu: "Dou graças a Deus porque, pela sua providência, Brainerd morreu em minha casa. Pois assim pude ouvir suas orações, presenciar sua dedicação, e me sentir edificado pelo exemplo dele".

Na mesma época em que David Brainerd estava morrendo, João Wesley se encontrava no ápice de sua carreira espiritual. Ouçamos o

que ele disse numa convenção de sua igreja na Inglaterra. (Lembremos que já mencionei uma citação do Dr. Sangster numa outra convenção da Igreja Metodista.) Disse Wesley: "O que poderemos fazer para reavivar a obra do Senhor nos locais onde ela está em declínio?" E em seguida esse incansável e intrépido evangelista que abalou três reinos, respondeu à sua própria pergunta, dizendo: "Todos os pregadores devem ler atentamente a biografia de David Brainerd".

Então aí está. Vamos citá-los novamente: Payson, McCheyne, Carey, Edwards e Wesley, todos eles homens famosos, todos inspirados pela mesma chama, todos devedores a David Brainerd, que embora doente orava com fervor.

É chegado o conflito das eras. Essa coisa distorcida, antibíblica que leva o nome de "igreja", mas que se mistura com o mundo e desonra aquele a quem ela diz ser seu Senhor, já foi desmascarada; é uma fraude. A verdadeira igreja nasce dos céus. Nela não há pecadores, e fora dela não há salvos. Ninguém pode colocar o nome de outrem em seu rol de membros, nem tampouco pode riscar aquele que lá estiver registrado. Essa igreja — da qual, graças a Deus, ainda existe um remanescente no mundo — vive, move-se e existe na oração. Orar é o sincero desejo de sua alma.

E assim como a primeira bomba atômica lançada no mundo abalou Hiroshima, assim também somente a oração pode sacudir o coração dos homens. Esse paganismo civilizado que vemos por aí, esses templos de ídolos, esses milhões de pecadores hipnotizados pelo pecado, dominados pelo pavor, só poderão voltar-se *para* Deus se a igreja for movida *por* Deus a atentar para a condição de perdição em que se encontram. O diabo procura arrancar-nos do aposento da oração lançando mão de todos os artifícios que conhece. Pois ele sabe que pela oração o homem se une a Deus, e essa união perturba e derrota Satanás. E ele está bem ciente disso. Portanto, se ele conseguir afastar-nos da oração, nossa mente será dominada por interesses legítimos ou por questões importantes para nós. É aí então que precisamos apelar para o nosso principal defensor, o sangue de Cristo. Outra maneira de se resolver o problema da divagação do pensamento é orar em voz alta ou murmurar algumas palavras, mesmo que em tom baixo.

Depois de conseguir domínio sobre Satanás, nosso trunfo seguinte se encontra nas "preciosas e mui grandes promessas" de Deus. Firmados nelas, achamo-nos pisando numa base de concreto

espiritual; por elas temos acesso ao céu. Por elas Deus se compromete a abençoar-nos, e mostra-se desejoso de ouvir nossas petições, com as quais o honramos por nossa fé. Por elas, travamos uma batalha espiritual, não com Deus, mas *contra* os principados e potestades, pois Satanás, como qualquer outro ser, também não gosta de perder. E o tesouro dele são vidas humanas. Todos aqueles que se encontram fora do poder regenerador do Espírito Santo — incrédulos, condenados, desobedientes, embriagados, doentes, religiosos, jovens ou velhos — estão debaixo do domínio dele, embora o grau de domínio que ele exerce varie bastante de um para outro. E o principal alvo de seus dardos inflamados são os salvos, nos diversos níveis da escala espiritual. Mas com o "escudo da fé" poderemos apagá-los, e, graças a Deus, sair desse embate incólumes. A oração não é nossa arma de defesa; é o escudo da fé que utilizamos para isso. A oração é nossa arma secreta. (E parece que ela é secreta mesmo para muitos dos filhos de Deus. Na verdade, apesar de tudo que já lemos, quem pode dizer que sabe muita coisa sobre essa importante prática que é a oração?) Mas não é pela oração que derrotamos Satanás; Cristo já o derrotou há dois mil anos. Todavia o diabo nos engana e nos desafia, e muitas vezes aceitamos suas ameaças e nos esquecemos da "suprema grandeza do seu poder para com os que cremos" (Ef 1.19). Jesus, aquele que orou como nenhum outro, diz: "Eis aí vos dei autoridade sobre... todo o poder do inimigo" (Lc 10.19). Essa é nossa vitória. Na oração, a alma é liberada. A verdadeira oração consome muito tempo. Nos primeiros estágios, temos a impressão de que o relógio está-se arrastando. Mas depois, quando nos acostumamos mais com essa santa prática, o tempo voa. A oração torna nossa alma mais sensível. Observe que nunca oramos pelas pessoas de quem falamos mal; e nunca falamos mal daqueles por quem oramos. A intercessão é um poderoso "detergente". Estou bem ciente de que o grande purificador da alma é o sangue de Cristo. Mas é quando estamos em oração que, se tivermos algum pecado, ele opera uma purificação eficaz por meio do Espírito.

Satanás não se importa se aumentarmos nosso conhecimento da Palavra de Deus, desde que não nos dediquemos à oração, o que nos impulsionaria a pôr em prática as instruções que recebemos pela leitura da Palavra. De que vale um conhecimento profundo, se nosso coração não tem profundidade espiritual? De que adianta termos uma boa posição perante os homens, se não a temos diante de Deus? De que vale a higiene do corpo, se nossa mente e espírito estão sujos? De que adianta possuirmos uma fachada de religiosidade se nosso

coração é carnal? Por que nos orgulharemos de força física, por exemplo, se espiritualmente somos fracos? De que vale a riqueza do mundo se vivemos em pobreza espiritual? Que prazer pode ter na popularidade social aquele que é desconhecido no inferno? Pois a oração conserta todos esses desajustes espirituais.

Aquele que não deseja ser envolvido por esse falso conceito de espiritualidade de nossos dias precisa fortalecer-se mediante uma comunhão mais íntima com Deus, e adotar uma mentalidade mais calma e mais de acordo com os padrões celestiais. Quem deseja possuir a riqueza espiritual e quer ser ouvido por Deus, certamente experimentará muita solidão e comerá o pão da amargura. Ele pode receber ou não muita oposição social e familiar. Mas uma coisa é certa: terá muito conflito interior, buscará o recolhimento (que pode gerar mal-entendidos), e é possível que até os melhores amigos se afastem. Quando duas pessoas se amam gostam de ficar a sós uma com a outra, e em solidão é que se gozam os momentos de maior enlevo espiritual. É como bem expressou um poeta:

> "Ouvi um chamado: "Vem, segue-me!"
> E foi só.
> Aí as alegrias terrenas perderam seu fascínio.
> E minha alma o seguiu.
> Levantei-me e segui-o.
> E foi só.
> *Não queres também segui-lo se ouvires o chamado?*"

“Será que um marinheiro ficaria parado se ouvisse o clamor de um náufrago?
Será que um médico permaneceria sentado comodamente, deixando seus pacientes morrerem?
Será que um bombeiro, ao saber que alguém está perecendo no fogo, ficaria parado e não iria prestar-lhe socorro?
E você, conseguiria ficar “à vontade em Sião” vendo o mundo ao seu redor ser condenado?”

— Leonard Ravenhill.

“Dá-me o tipo de amor que segue à frente de todos,
a fé que não desanima à vista de nada,
a esperança que não morre mesmo sofrendo decepções,
o fervor que arde corno fogo.
Que eu nunca fique estagnado como um torrão no chão.
Torna-me o teu combustível, Chama divina!”

— Amy Wilson Carmichael.

“... na qual resplandeceis como luzeiros no mundo; preservando a palavra da vida...”

— Filipenses, 2.15,16.

“Vós sois a luz do mundo...”

— Mateus, 5.14.

CAPÍTULO ONZE

Por Que Eles Não Despertam?

Os Estados Unidos não cairão nunca — já estão caídos! E isso se aplica à Inglaterra também. Nunca serão escravizados — seu povo já se acha acorrentado pelas cadeias de uma anarquia moral que eles mesmos criaram, eles mesmos escolheram. Aqui vivem milhões de pessoas moralmente enfermas que não desejam a cura. Estão comprando ilusões, e pagando com a própria alma imortal, e não apenas rejeitam a Realidade, mas zombam e criticam dela abertamente.

A sociedade está sendo inundada por uma avassaladora maré de transgressão à lei de Deus, de desobediência ao Senhor, de uma iniqüidade que destrói a alma humana. Hoje, as massas humanas estão vendendo a alma ao diabo a preços vis, e de uma forma até então nunca vista. “Já ninguém há... que se desperte, e te detenha” (Is 64.7). Que “quebranto” infernal é esse que os aprisiona? Por que tal fascínio os prende? Quem lhes aplicou essa lavagem cerebral? Por que não despertam e reagem?

Parece que o mundo, sob a direção do diabo, deu uma nova injeção de força à carne. Um dos sinais dos últimos dias é que os homens seriam mais “amigos dos prazeres que amigos de Deus”. (Observemos que prazeres está no plural.) E onde é que se prepara essa iguaria do inferno? Nas destilarias do mundo. O argumento de que em alguns casos os governos das nações subsidiam essas indústrias para que mantenham alta a oferta de empregos é muito fraco. As destilarias são perfeitas “creches” onde se nutrem assassinos que andam por aí portando armas, ou em seus automóveis, dirigindo embriagados. Nos tribunais julga-se o *fruto* da bebida; o avivamento aniquilaria essa planta mortal pela *raiz*.

O louco carrossel da sensualidade acha-se carregado de milhões e milhões de jovens que aguardam sua iniciação na prática da

iniqüidade. Quando o erro é apresentado como algo tão agradável, a juventude pecaminosa e libertina não se interessa em praticar o bem. Por uma hora dessa vida "maravilhosa", dizem eles, vale muito a pena arriscar essa especulação que os teólogos chamam de "eternidade".

Pensemos por um instante. Pode haver burrice maior ou prática mais animalesca do que um concurso de cerveja? O vencedor é aquele que ainda permanece de pé depois que todos os outros, grunhindo como porcos, já caíram no chão, inconscientes pela bebida. É uma competição praticada não apenas pelo homem das cavernas, mas também pelos novos intelectuais, que se acham fisicamente saciados, de alma manchada e irremediavelmente entregues à iniqüidade.

Saturados de luxúria, jogo e bebida, esses indivíduos (adultos no corpo, mas moralmente retardados) entoam o lamento de Lord Byron:

> "Hoje só tenho cinzas onde antes tinha fogo,
> a alma que havia em meu corpo está morta.
> O que antes eu amava, agora apenas admiro.
> Meu coração é tão grisalho quanto meus cabelos".

Se a igreja tivesse algo de mais vivo, positivo para apresentar a essas pessoas que de dia estão nos clubes recreativos e de noite nas boates, talvez elas pudessem ser afastadas desses locais de carnalidade.

O de que precisamos nesta hora é corações fervorosos, olhos que choram e lábios dispostos a propagar o evangelho. Se tivéssemos um décimo da espiritualidade que julgamos ter, aos domingos as ruas de nossas cidades ficariam cheias de filas de crentes marchando para Sião, com "pano de saco e cinzas", lamentando a calamidade que fez com que a igreja se tornasse essa coisa sem beleza, sem ardor e improdutiva que hoje é. Se chorássemos em nosso aposento de oração como choram os judeus no Muro das Lamentações em Jerusalém, estaríamos vivendo um constante avivamento, uma constante renovação de vida. Se retomássemos a prática dos apóstolos — de esperar no Senhor a vinda do poder apostólico — teríamos condições de sair a pregar o evangelho com as mesmas possibilidades apostólicas. Mas nestes dias a maior preocupação nossa é: "Estão todos satisfeitos?" O propósito de Deus para nós não é que experimentemos felicidade, mas santidade. O fato, porém, é que a sensatez deu lugar à insensatez, embora Paulo, escrevendo a

Tito, tenha recomendado tanto a jovens como a velhos: “Sejam sensatos”.

Não há dúvida de que hoje precisamos novamente nos pôr de joelhos e escalar a colina do Calvário assim, em oração, e contemplar a cruz com atitude de humildade e adoração. Primeiro a igreja terá que se arrepender, depois o mundo se quebrantará. Primeiro, a igreja terá que chorar; depois, os altares ficarão cheios de pecadores arrependidos.

Quando o psicólogo William James, professor da faculdade de medicina da Universidade de Harvard, encontrava-se no auge de sua atuação, foi acometido de uma misteriosa enfermidade. Estava com os nervos abalados. Sofria de insônia e passava por profunda depressão. Mas não sabia o que fazer para se curar. Foi para a Europa. Será que encontraria a cura em Berlim? Mas ali ele não encontrou nenhuma esperança. E que tal Viena? A mesma coisa. Será que em Paris não acharia a solução de seu mal? Mas ali também não se encontrava o remédio para ele.

Seu desespero foi aumentando. Foi a Londres, e depois à Escócia, mas em nenhum lugar havia cura. Voltou para os Estados Unidos, com a idéia de suicídio a passar-lhe pela mente. Afinal, alguém lhe recomendou um homem que orava por enfermos. A cura divina era um anátema para William James, famoso filósofo e psicólogo. Sua mente privilegiada e todo o seu conhecimento intelectual protestavam contra tal recurso. Mas não havia outra saída. Foi. Então aquele crente simples, iletrado, impôs as mãos sobre a cabeça do filósofo e orou. Mais tarde, James relatou o seguinte:

“Senti uma energia misteriosa perpassar meu corpo, e logo depois me sobreveio enorme sensação de paz. Compreendi que fora curado”.

Mas parece que, quando se trata de curar a enfermidade maligna deste mundo louco, o Abana da ciência e o Farfar da política são bem mais interessantes para nós, com nossa vontade obstinada e nosso intelecto desvirtuado, do que a cruz de Cristo. O fato porém é que, se quisermos ver a restauração da humanidade, teremos que ser humildes como foi William James, e voltar à cruz de Jesus e ao seu poderoso sangue.

“Não preciso de coisa alguma”.

— Igreja de Laodicéia.

“Esta foi a iniqüidade delas; soberba, fartura de pão e próspera tranqüilidade”.

— Ezequiel, 16.19.

“Está irritado o Espírito de Deus? São estas as suas obras?”

— Miquéias, 2.7.

“A igreja que é dirigida por homens em vez de ser comandada por Deus está condenada ao fracasso. O ministério que se fundamenta em ensinos de seminários e não está cheio do Espírito Santo, não opera milagres”.

— Samuel Chadwick.

“Aquele que prega arrependimento está-se colocando contra este século, e enquanto insistir nisso será impiedosamente atacado pela geração cuja fraqueza moral aponta. Para tal tipo de pessoa só existe um fim: “Sua cabeça vai rolar!” É melhor ninguém começar a pregar o arrependimento enquanto não confiar sua cabeça ao céu”.

— Joseph Parker.

CAPÍTULO DOZE

Uma Igreja Pródiga Em Um Mundo Pródigo

Quem fizer um exame geral da igreja hoje ficará a perguntar-se quanto tempo o nosso Deus santo ainda vai-se segurar para não vomitar essa Laodicéia de sua boca. Se há uma coisa em que todos os pregadores estão de acordo é que esta é a era da Igreja de Laodicéia.

E apesar de estar suspensa sobre nossa cabeça a espada de Dâmocles da rejeição divina, nós, os crentes, somos preguiçosos, amantes das comodidades, e sem amor. Pois embora nosso misericordioso Deus perdoe nossos pecados, purifique nossa iniqüidade e se compadeça de nossa ignorância, o fato é que nosso coração morno é uma abominação para ele. Temos de ser quentes *ou* frios, ardorosos *ou* congelados; ou estamos ardendo de fogo espiritual, *ou* somos refugo. Deus abomina a falta de amor e de calor.

Nos dias atuais, Cristo está sendo "ferido na casa de seus amigos". O livro de Deus hoje "sofre" mais nas mãos de seus expositores do que nas de seus opositores.

Somos descuidados no emprego de textos das Escrituras, interpretamo-los de forma distorcida, e lenta demais para nos apropriarmos de suas incomensuráveis riquezas. Um pregador defende a inspiração da Bíblia com fala eloqüente e espírito fervoroso, usando todo o seu vigor e energia. Mas, instantes depois, esse mesmo pregador, com uma calma mortal, começará a racionalizar essa mesma Palavra inspirada, com declarações contundentes:

"Esse texto *não* tem aplicação em nossos dias".

E assim a fé ardorosa de um crente novo se esfria com um jato de água gelada que vem da incredulidade do pregador.

Somente a igreja pode "agravar o Santo de Israel", e em nossos dias ela demonstra uma habilidade incomum nisso. Se existem níveis de morte espiritual, então o nível mais baixo que conheço é pregar sobre o Espírito Santo sem ter a unção do Espírito. Quando oramos, cometemos a imperdoável arrogância de suplicar que o Espírito venha a nós com sua graça — mas não com seus dons.

Vivemos dias em que o Espírito tem sido reprimido ou relegado a segundo plano, até mesmo nos círculos fundamentalistas. Precisamos declarar que queremos ver cumprida a escritura de Joel 2. Pode ser que até clamemos:

> "Derrama teu Espírito sobre toda carne, Senhor!"

Mas, ao mesmo tempo, colocamos aí uma cláusula não expressa:

> "Mas não deixe que *nossas* filhas profetizem, nem que *nossos* jovens tenham visões".

"Ó Deus, se em nossa cultivada incredulidade e nesse nosso crepúsculo teológico e impotência espiritual temos entristecido e continuamos a entristecer o Espírito Santo, então, por misericórdia, vomita-nos da tua boca. Se não puderes fazer nada por nosso intermédio nem em nós, então, ó Deus, faze-o sem nós! Passa de largo por nós e assume para ti um povo que hoje não te conhece. O salva, santifica-o e reveste-o com o poder do Espírito Santo para realizar um ministério na esfera do sobrenatural! Depois envia-o ao mundo "formosos como a lua, puros como o sol, formidáveis como um exército com bandeiras" para reavivar esta igreja enferma que está aí, e abalar este mundo que se acha atolado no pecado".

Pensemos um instante no seguinte: Deus não tem mais nada para nos dar. Ele já deu seu Filho unigênito para salvação dos pecadores; colocou a Bíblia ao alcance de todos os homens; enviou o Espírito Santo para convencer o mundo do pecado e revestir a igreja de poder. Mas de que vale um talonário de cheques se todos eles estiverem em branco, sem assinatura? Da mesma forma, que valor tem um culto, mesmo que seja de uma igreja fundamentalista, se o Deus vivo não estiver presente a ele?

Temos que saber manejar corretamente a Palavra da verdade. O versículo "*Eis que estou à porta e bato*" (Ap 3.20), não é dirigido a pecadores por um Salvador que aguarda permissão para adentrar o

coração. Não. A figura aí é da triste imagem do Senhor à porta da Igreja de Laodicéia, querendo entrar nela. Imagine só tal situação! O texto mais lido nas reuniões de oração é: “Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”. Mas na maioria dos casos ele *não* está no meio; está à porta. Cantamos louvores a ele, mas rejeitamos sua Pessoa.

Pegamos uma porção de comentários, e nos apoiamos nas notas de margem de nossa Bíblia, e assim como que nos imunizamos contra as ardentes verdades da imutável Palavra de Deus.

Não me espanto muito com a paciência que Deus tem com os pecadores, com homens de coração endurecido. Afinal, qualquer um tem paciência com uma pessoa cega e surda. E os pecadores nada mais são que cegos e surdos. Mas fico abismado com a paciência que ele tem com essa igreja egoísta, entorpecida, preguiçosa de hoje. O grande problema de Deus é que o mundo pródigo convive com uma igreja pródiga.

Ah, que crentes cegos, falidos e arrogantes somos! Estamos *nus* e não nos damos conta disso. Somos *ricos* (nunca a igreja teve tanto equipamento), mas na verdade somos *pobres* (nunca o nível de poder esteve tão baixo). Não nos falta nada (e, no entanto, falta-nos quase tudo que a igreja apostólica possuía). Será que ele está em nosso meio quando nos divertimos sem qualquer constrangimento, em nossa nudez espiritual?

Ah, como precisamos do fogo! Onde está o poder do Espírito Santo para derrubar os pecadores e encher nossos altares de convertidos? Hoje as igrejas estão mais interessadas em instalar seus aparelhos de ar condicionado, do que se condicionar para orar. “Porque o nosso Deus é fogo consumidor”. Deus e fogo são imagens inseparáveis; assim também são o homem e o fogo. Cada um de nós está trilhando um caminho de fogo: fogo do inferno para o pecador e fogo do juízo para o crente. E infelizmente milhões de pecadores irão experimentar o fogo do inferno porque a igreja perdeu o contato com o fogo do Espírito Santo.

Moisés recebeu seu chamado *por meio do* fogo. Elias *invocou* fogo do céu. Eliseu *acendeu* um fogo. Miquéias *profetizou* sobre a purificação pelo fogo. João batista afirmou: “Ele vos *batizará* com o Espírito Santo e com *fogo*”. E Jesus disse: “Eu vim para *lançar fogo* sobre a terra”. Se nós tivéssemos com batismo de *fogo* a mesma preocupação que temos com o *das águas*, conheceríamos uma Igreja em chamas e experimentaríamos outro Pentecostes. A velha natureza

pode querer escapar ao batismo nas *águas*, mas certamente o batismo de *fogo* a destruirá, pois ele "queimará a palha em fogo inextinguível". Os discípulos de Jesus, que já haviam operado milagres e tinham presenciado a glória da sua ressurreição, só pregaram a cruz de Cristo depois que foram purificados pelo fogo.

Com que autoridade os homens pregam hoje, aqui ou nos países estrangeiros, sem antes ter vivido a experiência do "cenáculo"? Não nos faltam pregadores que queiram falar de profecias, mas nos encontramos muito pobres de pregadores *proféticos*. Não estamos apelando para que haja previsões espirituais e profetizadores do sensacional. O que resta para ser predito é muito pouco, pois temos a Palavra de Deus e a revelação da mente do Senhor nela. Mas precisamos muito de homens que possam *apregoar*. Ninguém pode monopolizar o Espírito Santo, mas ele pode monopolizar seres humanos, os profetas. Eles nunca são esperados, nem anunciados, nem apresentados — apenas aparecem. São homens enviados, homens selados, homens do sobrenatural. João Batista não operou nenhum milagre — quer dizer, os rios da miséria humana não correram para ele para que os tocasse. Mas ele soergueu uma nação que se encontrava espiritualmente morta.

Chego a admirar-me com nossos evangelistas que, sem constrangimento algum, relatam que experimentaram um maravilhoso avivamento em tal ou qual lugar, quando milhares de pessoas vieram à frente consagrando sua vida a Deus, e depois acrescentam uma explicação para satisfazer os fundamentalistas:

> "... mas não houve desordem nem sensacionalismo algum".

Mas será que pode haver um terremoto sem algum tipo de sensação? Ou pode haver um vendaval que não resulte em desordem? Não é verdade que o abrasante ministério de Wesley provocou uma revolução na Inglaterra? A Igreja da Inglaterra bateu a porta de todos os seus templos na cara desse "*homem enviado por Deus, cujo nome era João*" Wesley. Mas nem assim esses líderes religiosos conseguiram conter a maré daquele avivamento operado pelo Espírito Santo.

E Wesley, esse homem abençoado, abandonou a Universidade de Oxford, tendo "sido um fracasso total", como disse ele *à vista de todos* (com a mente de um filósofo, o ardor de um zelote e a garganta de um orador), na tarefa de ganhar almas para o Cordeiro. Aí chegou o dia 24 de maio de 1738, e, numa reunião de oração numa casa à

rua Aldersgate, ele nasceu do Espírito, e depois foi batizado por ele. E durante treze anos esse homem, que tinha um batismo de fogo, abalou três reinos.

O mesmo havia acontecido a Savonarola, que abalou a cidade de Florença, na Itália, a ponto de o rosto desse "monge louco" tornar-se um terror para os florentinos, e motivo de chacota para os fanáticos papistas.

Irmãos, à luz do conhecimento que temos sobre o altar de Deus, é melhor vivermos seis meses com o coração em chamas, apontando o pecado deste mundo, seja em que lugar for, e conclamando o povo a libertar-se do poder de Satanás e se voltar para Deus (como fez João Batista), do que morrer cercado de honrarias eclesiásticas e de doutorados em teologia, para se tornar motivo de riso no inferno, para os espíritos das trevas. Ridicularizar os magnatas da bebida e censurar os políticos corruptos não atrai maldição sobre a nossa cabeça. Há quem faça as duas coisas sem sofrer nenhuma ameaça à sua vida e à sua posição no púlpito. Os profetas do passado eram mortos porque combatiam veementemente as religiões falsas. E nós também devíamos nos deixar arder de santa indignação ao ver a religião falsa enganando nossos semelhantes, e roubando de nossos entes queridos a salvação; ou ao ver sacerdotes levando-os para o inferno sob a efígie de um crucifixo. E talvez, quem sabe, daqui a alguns anos, para abrir o caminho para uma nova reforma no século XX, nós sejamos queimados em fogueiras.

Esta aqui é para se ler e chorar: "Hoje o protestantismo mutilado vê os sacerdotes católicos romanos elogiando os evangelistas protestantes". Responda em sã consciência, você acredita que esses mesmos papistas aplaudiriam Lutero ou apoiariam Savonarola? Ó Deus, envia-nos pregadores que possam entregar mensagens que penetrem o coração dos homens e o incendeie! Envia-nos uma geração de pregadores mártires, de homens em chamas, quebrantados e prostrados diante da visão de um castigo iminente e de um inferno eterno para os irregenerados!

Que Deus nos envie profetas, homens destemidos que clamem em alta voz e não poupem ninguém, que abalem nações com lamentos ungidos, que sejam fervorosos quase a ponto de se tornarem insuportáveis, duros a ponto de ser difícil ouvi-los, e descomprometidos a ponto de sofrerem perseguição. Estamos cansados de pregadores que se apresentam de roupas elegantes, linguagem suave e torrentes de palavras, mas apenas com uma gota

de unção. São homens que entendem mais de competição do que consagração, mais de promoção do que oração. Substituem o crescimento do reino por propaganda, e se preocupam mais com a felicidade dos membros da igreja do que com a santidade deles.

Comparados com a igreja neotestamentária achamo-nos tão abaixo do normal, somos tão pouco apostólicos. Em muitos casos, a sã doutrina está fazendo muita gente dormir, pois a letra não basta. É preciso que ela esteja inflamada. O que dá vida é a letra *mais o Espírito*. Um bom sermão, expresso numa gramática perfeita, com uma interpretação irrepreensível pode ser tão sem gosto como uma colherada de areia na boca.

Se quisermos paralisar o comunismo e desmantelar a igreja romana precisamos de uma igreja batizada com fogo. Moisés foi atraído por uma sarça ardente; se a igreja estiver em chamas atrairá o mundo, porque eles ouvirão a voz do Deus vivo falando-lhes do meio dela.

“Quero ter fervor para com Deus. Afinal, de tudo o que Deus nos ordena, o principal é a oração. Ah, como desejo ser um homem de oração!”

— Henry Martyn.

“O amor arde como fogo, e sobrevive à base de calor. O ar que a verdadeira experiência cristã respira e o pão de que ela se alimenta são feitos de chama. E ela suporta qualquer coisa, menos uma chama fraca. E quando a atmosfera que a cerca é fria ou morna, morre congelada ou à míngua. Não há oração verdadeira sem chamas”.

— E. M. Bounds.

“Ah, quem me dera ter grande paixão pelas almas,
Ter urna compaixão que se apieda!
Ah, quem me dera ter um amor que amasse até a morte,
Um fogo que me consumisse!
Ah, quem me dera ter o poder da oração vitoriosa,
Que se derrama em favor dos perdidos!
Uma oração vitoriosa em nome Daquele que venceu,
Ah, quem nos dera um Pentecostes!”

— Amy Carmichael.

CAPÍTULO TREZE

Precisa-se: Um Profeta Para Pregar Aos Pregadores

Tentar fazer uma avaliação de João Batista pelos modernos padrões de espiritualidade seria o mesmo que tentar medir o sol com uma fita métrica. No Jordão, a multidão ansiosa indagou a respeito do recém-nascido:

— Que virá a ser, pois, este menino?

E a resposta foi:

— Ele será *grande* diante do Senhor.

Hoje em dia, a palavra "grande" se acha muito desgastada, pois confundimos *proeminência* com *importância*. Naquela época, Deus não estava à procura de sacerdotes, nem de pregadores, mas de homens. E havia muitos homens, como hoje, mas eram todos "pequenos" demais. Ele precisava de um *grande* homem para uma *grande* missão.

João Batista possuía pelo menos um atributo que o qualificava para o sacerdócio, mas tinha todos os requisitos necessários para tornar-se um profeta. Antes de sua vinda, o povo vivera quatrocentos anos de trevas, sem um raio da luz profética; quatrocentos anos de silêncio, em que não se ouvira o brado: "Assim diz o Senhor"; quatrocentos anos de uma constante deterioração espiritual. E assim Israel, a nação escolhida por Deus, estava imersa em holocaustos, cerimônias e circuncisões, fazendo expiação com rios de sangue de animais, e tendo por mediador uma classe sacerdotal rica e saciada.

Mas o que um exército de sacerdotes não conseguiu fazer em quatrocentos anos, foi feito em seis meses por um homem "enviado por Deus", moldado por Deus, cheio de Deus e incendiado por Deus, *João Batista*.

Concordo com E. M. Bounds quando diz que Deus leva vinte anos para formar um pregador. A preparação de João foi feita na divina Universidade do Silêncio. Deus matricula nela todos os seus grandes homens. Embora Cristo tenha feito sua interpelação a Paulo — um fariseu orgulhoso, legalista, de intelecto privilegiado e linhagem invejável — na estrada de Damasco, ele precisou passar três anos na Arábia para se esvaziar de tudo isso, e desaprender o que aprendera, para que finalmente pudesse afirmar: "Deus revelou-se em mim". Deus pode preencher num minuto o que nós levamos anos para esvaziar. Aleluia!

Jesus disse: "Ide", mas também ordenou: "Permanecei... até que". Aquele que resolver passar uma semana fechado num aposento, a pão e água, sem nenhuma leitura a não ser a Bíblia, sem companhia alguma a não ser a do Espírito Santo, ou sofrerá um colapso nervoso *ou* terá tal experiência com Deus que sua vida e ministério serão revolucionados. Depois disso, como Paulo, ele será conhecido no inferno.

João Batista ficou na divina Escola do Silêncio, o deserto, até o dia em que se manifestou ao povo. E quem poderia estar mais bem preparado para aquela tarefa de despertar de seu sono carnal aquela nação entorpecida, do que aquele profeta queimado de sol, batizado com o fogo e moldado no deserto, e enviado por Deus? Nos olhos, ele trazia a luz de Deus, na voz a autoridade divina e na alma o mesmo ardor de Deus. Quem — pergunto eu — poderia ser maior do que João? É verdade que ele "não fez nenhum sinal", isto é, não ressuscitou nenhum morto. Mas fez muito mais: ergueu uma nação morta.

E esse profeta vestido de couro, com um ministério de curta duração, era tão ardoroso e sua luz tinha tal brilho, que os que ouviam suas mensagens fervorosas, candentes, iam para casa e passavam noites insones até que sua alma se quebrantava em arrependimento. Entretanto, tinha uma *doutrina diferente*: sem holocaustos, sem cerimônias, sem circuncisão; tinha uma *dieta estranha*: sem vinhos, nem banquetes; tinha *roupas estranhas*: sem filactérios, nem vestes farisaicas.

É verdade, mas João era grande! As grandes águias voam sozinhas; os leões maiores caçam sozinhos; as almas grandiosas vivem sozinhas, a sós com Deus. É muito difícil suportar tal solidão; é impossível apreciá-la, a não ser acompanhado de Deus. Realmente João conseguiu ser grande. Ele foi grande em três aspectos: *grande*

na sua fidelidade ao Pai (preparou-se durante tanto tempo para pregar por tão curto período); *grande em sua submissão* ao Espírito (andava ou parava de acordo com as orientações dele); *grande nas afirmações que fez* sobre o Filho (apontando Jesus como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo", apesar de não ter-se avistado com ele antes).

João era uma "Voz". A maioria dos pregadores não passa de ecos, pois, se prestarmos bem atenção, saberemos dizer quais os livros que andaram lendo, e notaremos que citaram muito pouco *do* Livro. E hoje, só uma Voz, voz de um profeta enviado do céu para pregar aos *pregadores*, conseguiria despertar o coração dos homens. Só quem tem coração quebrantado é capaz de levar outros ao quebrantamento. Irmãos, nós temos equipamentos, mas não temos poder; temos ação, mas não unção; barulho, mas não avivamento. Somos dogmáticos, mas não dinâmicos!

Todas as eras têm iniciado com fogo, e todas as vidas, sejam de pregadores ou de prostitutas, vão findar em fogo — o fogo do juízo para alguns, o fogo do inferno para outros. Wesley diz o seguinte em um de seus hinos:

> "Salvemos as almas do fogo do inferno,
> aliviando-lhes o tormento com o sangue de Cristo".

Irmãos, temos só *uma missão*: salvar almas, *e, no entanto, elas estão perecendo*. Pensemos nisso! Existem milhões, centenas de milhões, talvez milhares de milhões de almas eternas que precisam de Cristo. E sem a vida eterna elas irão perecer. Ah, que vergonha para nós, que horror, que tragédia! "Cristo não desejava que ninguém se perdesse". Irmãos pregadores, hoje há milhões e milhões de pessoas seguindo para o fogo do inferno, porque *nós perdemos o fogo do Espírito*!

Esta geração de pregadores é responsável pela atual geração de pecadores. Diante das portas de nossas igrejas passam todos os dias milhares de pessoas que não foram salvas porque ninguém lhes pregou, e ninguém lhes pregou porque ninguém as amou. Dou graças a Deus pelo grande trabalho que é realizado nos países estrangeiros. Contudo é muito estranho que aparentemente tenhamos maior preocupação por aqueles que se encontram do outro lado do mundo, do que com os que moram do outro lado da rua. Apesar de todas as nossas campanhas e nosso evangelismo de massas, o número dos que são salvos se limita a centenas, enquanto que, se cair uma bomba atômica por aqui, irão aos milhares para o inferno.

Não tem fundamento a afirmação feita por alguns de que a pecaminosidade atual não tem paralelo em outra época da História. Jesus disse o seguinte: “Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do homem”. A descrição de como foi nos dias de Noé encontra-se em Gênesis 6.5: “Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração”. Então o mal era total, “*todo* o desígnio”; era contínuo, “*continuamente* mau”. Era assim, e assim é. Hoje o pecado está recebendo uma fachada de embelezamento, está sendo popularizado, entrando por nossos ouvidos através dos rádios, pelos nossos olhos através da televisão e das capas de revistas. Os membros de igreja se acham saturados das pregações e cansados dos ensinos que ouvem, e estão saindo dos cultos da mesma forma como entram — sem visão e sem fervor algum. Ó Deus, envia para esta geração dez mil João Batistas para arrancar os curativos que os moralistas e políticos colocaram sobre o pecado das nações!

Assim como Moisés não pôde deixar de notar a sarça que ardia, assim também ninguém vai-se enganar quando vir um homem em chamas. Deus vence um fogo com outro fogo. Quanto mais fogo houver nos púlpitos, menos pessoas haverá no fogo do inferno.

João Batista foi um homem diferente com uma mensagem diferente. Assim como o réu acusado de assassinato empalidece ao ouvir o juiz pronunciar a sentença: “Culpado!” assim também aquele povo ouviu João clamar: “Arrependei-vos!” E esse clamor ecoou nos recessos de sua mente, despertando lembranças, fazendo pesar a consciência e levando-os a buscar o batismo, dominados pelo terror. E após o Pentecostes, a pregação de Pedro, que acabara de receber o batismo de fogo do Espírito, abalou os ouvintes de tal modo que eles clamaram: “Que faremos, irmãos?”

Imaginemos que alguém lhes respondesse: “Assine este cartão de membro! Passe a freqüentar esta igreja regularmente. Dê sempre os dízimos”.

Não! Mil vezes não!

Inspirado pela unção do Espírito, João dizia: “Arrependei-vos!” E eles se arrependeram. Mas arrepender não é simplesmente derramar algumas lágrimas no altar. Também não é ter remorso, nem emoção, nem passar por uma reforma pessoal. Arrepender-se é mudar de idéia com relação a Deus, ao pecado e ao inferno!

As duas maiores forças da natureza são o vento e o fogo, e as duas se uniram no dia de Pentecostes. E aquele abençoado grupo reunido no cenáculo, como o vento e o fogo, se tornou irresistível, incontrolável e imprevisível. E o fogo que ardia neles extinguiu a violência do fogo; dele saíram chamas missionárias, centelhas que incendiaram o coração de mártires, e atearam o fogo do avivamento.

Há cerca de duzentos anos atrás Carlos Wesley cantava:

> "Ah, que o fogo sagrado possa começar a arder em mim.
> E queime a escória dos desejos vis
> E faça os montes ruir".

E o Dr. Hatch levantou o seguinte clamor:

> "Sopra em mim, fôlego divino,
> Até que me torne inteiramente teu.
> Até que o que há de terreno em mim
> Arda com o fogo dos céus".

O fogo do Espírito Santo destrói, purifica, aquece, atrai e enche de poder.

Existem alguns crentes que não sabem precisar a data em que foram salvos. Mas ainda não conheci ninguém que tenha sido batizado com o Espírito Santo e com fogo que não saiba dizer o momento em que isso aconteceu. São esses homens que abalam os povos e os conquistam para Deus, como Wesley, que nasceu do Espírito, foi cheio do Espírito e viveu sempre no Espírito.

Os automóveis só rodam depois que recebem a centelha da ignição; as pessoas que não se movem nem se comovem são as que não receberam ainda o fogo.

Amados irmãos, a Bíblia fala de uma sentença mais pesada para os pregadores. Para eles haverá "maior juízo" (Tg 3.1). Pode ser até que quando eles estiverem perante o trono do julgamento divino, os pecadores lhes digam:

> "Pregador, se o senhor tivesse o fogo do Espírito, eu agora não estaria indo para o fogo do inferno".

Como Wesley, eu também creio que os crentes precisam experimentar o arrependimento. A promessa do Pai é para *você*. Então agora, onde quer que esteja, numa missão no estrangeiro, numa casa rica e confortável ou num gabinete pastoral, se estiver

sentindo-se quebrantado, pronto a render as armas, ajoelhe-se e faça suas as palavras da seguinte oração:

> “Manda, Senhor, o fogo,
> Para fortalecer meu coração,
> E eu viva para salvar o mundo que está perecendo.
> Em teu altar agora deposito
> Minha vida, meu ser;
> Em sinal de aceitação dessa minha oferta, peço-te,
> Envia sobre ela o fogo divino!”
>
> — F. de L. Booth-Tucker.

Hoje temos uma igreja fria, num mundo frio, ***porque os pregadores são frios***. Manda teu fogo, Senhor!

“Não usarei outro barrete senão o de mártir, envermelhado pelo meu próprio sangue”.

— Savonarola, ao recusar a mitra de cardeal.

“A pregação apostólica não se caracteriza por uma fala impecável, nem por floreados literários, nem por expressões inteligentes, mas opera através de demonstração do Espírito e de poder”.

— Arthur Wallis.

“Há três situações que eu gostaria de ter vivido. São elas: ter conhecido Jesus pessoalmente; ter visto o Império Romano em seu esplendor e ter ouvido a pregação de Paulo”.

— Agostinho.

“De bom grado vou confirmar com meu sangue a verdade sobre a qual tenho escrito e pregado”.

— João Huss, quando estava na fogueira para ser morto.

“O principal requisito de um missionário não é, como temos ouvido tantas vezes, ter paixão pelos perdidos, mas ter amor por Cristo”.

— Vance Havner.

CAPÍTULO QUATORZE

Edificando Um Império Para Deus

Se naquele dia, na estrada de Damasco, Saulo tivesse encontrado um pregador e tivesse ouvido um sermão, ninguém nunca mais teria escutado falar dele. *Mas ele se encontrou com Cristo*. (Às vezes podemos nos esquivar dos pregadores e de ouvir sermões — e muitas vezes o conseguimos — mas não há como fugir de um encontro com Cristo). E naquele instante, sua filosofia de vida teve um confronto com a própria Vida. O zelote religioso exaltado encontrou-se com Aquele que batiza com fogo, e, em conseqüência disso, passou por uma transformação radical, e a. civilização tomou novos rumos. (Ó Senhor, aprouvera a ti fazer o mesmo de novo!) Embora até aquele dia ele fosse aos próprios olhos um impecável, rígido e legalista fariseu, pouco depois ele passou a se apresentar como o principal dos pecadores, aos olhos de Deus. E isso não nos espanta, pois ele foi para a igreja recém-nascida o que Herodes foi para o Cristo recém-nascido — transformando o negro inferno em um desespero de trevas ainda mais densas.

Aquele que já teve uma experiência com Deus nunca será dissuadido por argumentação humana, pois uma experiência com Deus que custa alguma coisa vale muito, e realiza uma obra em nós. O que Paulo vivenciou naquele dia não foi um experimento; foi uma experiência. Contudo, aquele seu encontro com o Senhor naquele dia deve ter sido além de transformador, bastante aterrador. Ele teve uma visão de Deus que o cegou, pois foi “mais resplandecente que o sol”. A partir daquele instante, Paulo se tornou cego para todas as honras terrenas. “Aqueles que honram a ti, Senhor, nunca me honrarão”, disse F. W. H. Meyer. O confronto de Saulo com Cristo primeiro estraçalhou seu sonho de glórias intelectuais e aniquilou seus prospectos para a vida terrena. Depois, já vencido, ele desce mais um degrau para entrar em outra batalha com Deus: o “desvestimento”

a que se submeteu no deserto da Arábia (cujas experiências ele foi proibido de relatar).

E de alguma forma esse conquistador de almas para Cristo, com seu intelecto privilegiado e sua maravilhosa linhagem, recebeu seu Senhor não apenas como um substituto mas também como sua vida, numa identificação total com ele — "*Morri* (em Cristo)". (E todos nós dizemos a mesma coisa com certa leviandade). Além disso, Paulo afirma em tom triunfante: "Cristo *v-i-v-e* em mim". Vamos entender esse fato. Será que se nós déssemos esse mesmo testemunho, nossos amigos o confirmariam ou ririam de nós? Mas esse dedicado servo do Salvador ergueu-se de entre as cinzas do seu ego destruído, para ser o Sansão do Novo Testamento, arrancando os portões da História com os ferrolhos e tudo, e lavando os estábulos da corrupção asiática com o sangue de Cristo. Que homem abençoado!

Depois de obter a paz com Deus, Paulo declarou guerra a tudo que era contra Deus. Primeiro ele encantou os intelectuais de Atenas com seu doce e novo cântico do evangelho, mas terminou seu hino abruptamente, lançando mão da trombeta da ressurreição, o que espantou os atenienses, fazendo com que fugissem, assustados com a dureza dessa verdade.

Mas o que fazia esse homem rir das difíceis barreiras que enfrentava? Por que morria diariamente? Qual a razão de possuir força inigualável para enfrentar as adversidades que enfrentou? (2Co 11). Que explicação racional se poderia dar para o fato de haver suportado um fardo tão pesado? A resposta não está em nenhuma idéia que possamos ter, mas no bem redigido diário que deixou, onde expõe sua alma. Por mais espantoso que isso possa parecer, ele fez afirmações como "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20). Pensemos bem nisso. Ele não está afirmando que acredita no nascimento virginal de Jesus, nem diz que crê que ele ressuscitou, embora, naturalmente, cresse nesses fatos. O que ele diz é "Cristo vive em mim". Antes, ele se encontrava nas profundezas da pecaminosidade ("Não sou eu, mas o pecado que habita em mim" Rm 7.17), mas saiu de lá e atingiu o ápice da espiritualidade: "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20). Que grandiosa transformação de vida!

A vida de Paulo foi *exemplar*. Ele não era uma "placa de sinalização"; era um verdadeiro guia. Ouçamos o que ele diz: "O que

também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai" (Fp 4.9). Era realmente uma "carta viva".

Mas a vida dele foi também *excepcional*. Será que alguém seria tão obtuso a ponto de afirmar que temos a mesma abnegação de Paulo? Parece que a melhor descrição para nós é "cada um se desviava pelo seu caminho" (I. B. B.). Ele foi excepcional pelo fato de haver escrito tantas cartas e fundado tantas igrejas. Mas vejamos outra vez a lista de adversidades que suportou, e que se encontra em 2 Coríntios 11. Será que ele está querendo mostrar-se mais sofredor que os outros mártires, ou apresentar suas qualificações para ser incluído entre os santos? Nada disso! Para ele, a posição, a linhagem e os privilégios são como refugo para ganhar a Cristo. E ele o ganhou, por sua obediência constante. Ele se mostrou excepcional em meio ao sofrimento — que lhe era imposto por outros; mas também foi excepcional na oração — que praticava por decisão pessoal. Se hoje houvesse mais crentes de oração, haveria também mais pessoas preparadas para o sofrimento. A oração desenvolve em nós o tônus espiritual, mas também nos acarreta mais sofrimentos; dá-nos resistência espiritual, e nos faz crescer em santidade; faz-nos fortes no espírito, e traz sobre nós o fogo.

Paulo invoca o testemunho do Espírito Santo para atestar sua declaração de que ele preferiria ser "*anátema*" para que seus irmãos fossem salvos (Rm 9.3). Madame Guyon fez uma oração quase idêntica. David Brainerd e João Knox também foram homens de sentimentos semelhantes. Quando foi, irmãos, ou onde foi, que já ouvimos uma oração assim? Nossas orações são muito mesquinhas; e por isso não obtemos grandes resultados. O princípio que rege a oração é o mesmo da colheita: se semearmos pouco, colheremos pouco; mas se semearmos com abundância, colheremos abundantemente. O problema é que estamos querendo colher muito sem ter aplicado muito.

A vida de Paulo também estava em *expansão*. Infelizmente, muitos de nós estamos satisfeitos em colher apenas os restos do ministério de outros. Mas o apóstolo não edificou sobre o fundamento de ninguém (1Co 3.10), pois sua mente não se achava presa a dogmas, a ponto de tornar-se uma máquina eclesiástica, a remoer incessantemente os mistérios filosóficos. Não passava horas e horas a especular sobre a personalidade de Daniel. Tampouco foi refugiar-se num laboratório para dissecar verdades espirituais, ou rotular cápsulas teológicas; nem também se punha a congratular-se consigo mesmo por sua capacidade de burilar termos que iriam ser

empregados em futuros credos cristãos. E a razão disso é clara como o sol ao meio-dia.

Paulo não escreveu nenhuma obra sobre a "Vida de Cristo"; ele a demonstrou na prática: "*Sou devedor*", (Rm 1.14). E até onde era humanamente possível, ele empenhou sua honra no esforço de saldar esse débito. E o preço poderia ser a prisão, pois ele preferia ser "o prisioneiro no Senhor" *por alguns anos*, do que ver seus irmãos prisioneiros do inferno para sempre. Ele fez uma consagração total, a custo da própria vida: "Quanto ao mais, ninguém me moleste". (Gl 6.17). Havia-se consagrado totalmente a Deus. Cada batida de seu coração, cada pensamento que lhe passava pela mente, cada passo que dava, enfim, todo o anseio de sua alma — eram dedicados a Cristo e à salvação dos homens. Ele movimentava as sinagogas; promovia avivamentos ou tumultos — ou um ou outro, e às vezes os dois. (E hoje não vemos mais nenhuma das duas coisas.)

Embora seus companheiros de avivamento o tivessem deixado — "todos me abandonaram" (2Tm 4.16) — ele se apoiou nos "braços eternos" e prosseguiu. Escapou de um atentado contra sua vida mas, juntamente com seu pão de cada dia, ele vivia a morte diária, pois afirmou: "*Dia após dia morro*" (1Co 15.31). Bendito sofrimento o dele!

Ele produzia o fruto do Espírito; os dons do Espírito operavam nele. Realizava campanhas evangelísticas pelas cidades e ao mesmo tempo trabalhava consertando tendas para prover seu sustento. Meus irmãos pregadores, comparados com ele nós não parecemos tão sem valor? Houve ocasiões em que ele quase morreu de fome; e, no entanto, quando a mesa estava posta, ele jejuava. Desejava que todos os homens fossem abençoados; mas era capaz de desejar . que ele mesmo se tornasse anátema. Com um viver tão incomum, uma doutrina tão revolucionária, esse crente cheio do Espírito, esse que era um "espetáculo ao mundo", constitui o equivalente cristão do fanático político do comunismo ateu. "Os crentes que se deixam consumir pelo fogo do Espírito são o equivalente humano do átomo fissionado que libera forças cósmicas".

E esse Paulo transformado, extasiado e que em breve seria arrebatado, afirma que todos nós podemos ser iguais a ele. Vejamos o que ele diz quando estava presente o rei Agripa: "Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto essas cadeias". Ele não diz que gostaria que todos escrevessem como ele escreveu, nem que todos fundassem igrejas como ele

fundou. Nem diz que gostaria que todos “agissem como eu agi”, mas que fossem “tais como também *eu sou*” (1Co 7.7). E o mesmo Espírito que havia em Paulo pode estar em nós, para que nós, como ele, possamos identificar-nos com Cristo em sacrifício, ainda que não em serviço.

E aonde isso iria levar-nos, meu irmão? Não sei. (Nem anjos nem homens o sabem.) Mas sei onde isso começa — com uma vida transformada, não a vida que nós mesmos vivemos, mas aquela que *Cristo vive em nós*. Paulo viveu de forma gloriosa, e morreu em triunfo, porque se identificou com Cristo no sacrifício e no sofrimento. E nós também podemos viver e morrer dessa forma. Basta que o queiramos.

“A única fé que salva é a daquele que se atira em Deus, para viver ou morrer”.

— Martinho Lutero.

“... todas as vezes em que a igreja de Cristo experimentou uma onda de avivamento e foi por ela conduzida de volta à realidade e a uma consagração pessoal, milhares e milhares de pessoas redescobriram o apóstolo Paulo e se entusiasmaram de novo com a música de sua mensagem”.

— Dr. J. S. Stewart.

“Corações que não choram nunca poderão ser arautos da Paixão de Cristo”.

— Dr. J. H. Jowett.

“Ah, quem me dera um coração sensível,
Dominado pelo desejo de orar.
Ah, quem me dera um espírito despertado,
Diariamente cheio do poder divino.
Quem me dera um coração como o do Salvador,
Que mesmo agonizando intercedeu.
Dá-me, Senhor, esse mesmo amor pelos outros.
Ah, que haja peso de oração em meu coração.
Pai, anseio ter esse fervor,
De derramar a alma em oração pelos perdidos...
De entregar minha vida para que outros sejam salvos...
Orar, seja qual for o preço,
Senhor, ensina-me, revela-me esse segredo.
Estou ansioso para aprender essa lição.
Para ter essa grande paixão pelas almas.
Anseio por isso, bendito Jesus.
Pai, tenho um forte desejo de aprender contigo essa lição.
Que teu Espírito a revele a mim”.

— Mary Warburton Booth.

CAPÍTULO QUINZE

Marcado Como Propriedade De Cristo

Num certo sentido, nenhum de nós conhece bem aqueles com quem convive. Nem mesmo nossos amigos muito chegados conhecemos bem; nem eles a nós. Para conhecermos bem uma pessoa precisaríamos saber todas as influências que recebeu da hereditariedade ou do meio-ambiente, bem como todas as decisões que já tomou, e que fizeram dela o que é no presente. Contudo, embora não possamos conhecer profundamente uns aos outros, uma tarefa das mais gratificantes seria procurar traçar os rumos da vida de um homem, principalmente se pudéssemos identificar as grandes forças propulsoras que o motivaram. Como seríamos abençoados se pudéssemos receber, por exemplo, o mesmo impulso de vida cristã que Paulo possuía, e compreender com maior clareza os significados ocultos de sua afirmação: “Eu trago no corpo as marcas de Jesus” (Gl 6.17).

Um fato está bem claro aí — trata-se do reconhecimento de que Cristo é seu dono. Ele pertencia ao Senhor Jesus Cristo, de corpo, alma e espírito. Ele fora *marcado como propriedade de Cristo*. Quando afirmou que trazia no corpo as cinco chagas do Senhor, não estava querendo dizer, como diria depois São Francisco de Assis, em 1222, que tinha “*os estigmas*”. Ele não se referia a uma imitação exterior, mas a uma identificação espiritual, que se obtém pela crucificação interior. Ele fora “crucificado com Cristo” (Gl 2.19).

E as marcas da crucificação interior de Paulo eram bem visíveis. Em primeiro lugar, ele tinha a *marca da dedicação total a uma tarefa*. Se for verdade o que diz a tradição, isto é, que Paulo tinha apenas 1,37 m de altura, então foi o maior anão que já existiu. Ele superou em ritmo de vida, em oração e em fervor espiritual a todos os seus contemporâneos. Seu lema era: “Uma coisa faço”. Mostrava-se completamente indiferente a tudo que os outros homens glorificavam.

Calvino também foi muito criticado porque ficava o dia inteiro sentado preparando sua obra *Institutos*, e não utilizou sua inspirada pena para dizer nada sobre as glórias dos Alpes. Também Pascal recebeu críticas amargas por ter afirmado que não via nenhuma paisagem que fosse mais merecedora de contemplação do que a alma imortal do homem. E assim também alguém poderia censurar o apóstolo Paulo por não haver dito nada sobre a arte grega ou a majestade do Panteon. É que ele só tinha olhos para o que é espiritual.

Após a disputa que teve no Areópago, expôs abertamente o seu desprezo pela sabedoria deste mundo, e dia a dia resistia à tentação de querer superar os sábios, ou de querer filosofar mais que eles. Sua missão não era defender um ponto de vista, mas derrotar as legiões do inferno.

Houve um momento, provavelmente durante sua estada na Arábia, em que a personalidade dele mudou totalmente. Depois disso, nunca poderia ser tachado de apóstata. Achava-se por demais empenhado em "prosseguir para o alvo". É bem provável que, se hoje ele ouvisse aquele hino tão apreciado entre nós — "Senhor, sei que tenho forte tendência para me desviar de ti" — ficaria profundamente aborrecido. E o fato de não ser benquisto, nem bem acolhido, nem ter um patrão a sustentá-lo não o incomodava em nada. Seguia sempre em frente — cego para todas as honrarias da terra, surdo a todas as tentações para gozar o lazer, imune ao fascínio das glórias terrenas.

Outra marca que Paulo trazia em si era a da *humildade*. As traças nunca poderiam corroer esse "manto" que Deus lhe dera. Nunca utilizava a humildade para buscar o louvor dos homens. Ao contrário, colocava-se sempre no primeiro lugar na lista de pecadores (quando nós o teríamos posto em último).

Um velho teólogo galês disse que, se alguém sabe grego, hebraico e latim não deve colocá-los no mesmo lugar em que Pilatos os colocou, isto é, na cabeça de Cristo, mas, sim, aos pés dele. "Mas o que para mim era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo", afirma Paulo.

Que paz de espírito a humildade nos proporciona, que gozo é saber que não temos nada a perder! Como Paulo não tinha uma alta opinião acerca de si mesmo, não temia sofrer uma queda. Ele poderia ter-se pavoneado com os belos mantos de um reitor de universidade hebraica. Mas brilhou muito mais usando as vestes de um espírito humilde e tranqüilo.

Paulo foi *marcado* também pelo *sofrimento*. Vejamos só as situações que ele cita em Romanos 8: fome, perigo, nudez ou espada (tipos de sofrimento que causam desconforto físico) e mais ainda tribulação (talvez da mente), angústia e perseguição (do espírito). Ele suportou todos eles.

Esse judeu missionário guerreou contra os filhos dos homens e contra tudo que fizesse guerra contra Deus. Esse príncipe dos pregadores nunca poupava seu inimigo, o príncipe do inferno, nem era poupado por ele. Travavam uma luta sem trégua.

Vamos olhar Paulo de perto, o seu rosto magro, seu corpo coberto de cicatrizes, a figura encurvada de um homem castigado pela fome, quebrantado pelos jejuns e pelas chicotadas; seu corpo mirrado, brutalmente apedrejado em Listra, passando fome em muitos outros lugares; e sua pele ressequida e rachada depois de trinta e seis horas exposto às intempéries no Mediterrâneo. E *acrescentemos* a essa lista perigos e mais perigos; *multiplicando* pela solidão; *contemos* as cento e noventa e cinco chibatadas, os três naufrágios, os três açoitamentos com varas, um apedrejamento, suas prisões, e as "mortes" que foram tantas que se perdeu a conta. Contudo, se pudéssemos somar tudo isso, teríamos que obter como resultado um zero, pois era assim que ele considerava essas coisas. Ouçamos o que ele diz: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação..." Isso é que é menosprezar o sofrimento!

Ademais, Paulo tinha a *marca do fervor*. Para que uma pessoa invoque o testemunho do Espírito Santo a fim de atestar o que diz é preciso que esteja vivendo perfeitamente no centro da vontade de Deus e caminhando na corda bamba da obediência. Paulo faz isso em Romanos, capítulo 9, verso 1.

Ah, se todos os pregadores de hoje pudessem demonstrar pelo menos uma centelha dessa maravilhosa chama! Açoites não puderam apagar o fogo que ardia nele; jejuns e fomes também não puderam extingui-lo; incompreensões e mentiras não puderam abafá-lo; nem as águas poderiam apagá-lo; nem prisões poderiam dobrá-lo; nem perigos detê-lo. Ele continuou a arder, até que a vida se esvaiu de seu corpo.

O Cristo vivo, que habitava no interior de Paulo (Gl 2.20), e que se manifestava em seu fervor, era a um só tempo alarmante para o inferno, o capital necessário para a expansão da igreja, e motivo de alegria para o coração do Salvador (que, vendo o "fruto do penoso trabalho de sua alma", ficou satisfeito).

Paulo era *marcado pelo amor*. Quando ele estava-se tornado "adulto em Cristo", cultivou também a capacidade de amar. (Somente aquele que atinge a maturidade conhece realmente o amor.) E como ele amava! Em primeiro lugar, e acima de tudo, Paulo amava ao Senhor. Depois, amava o próximo, os inimigos, as adversidades que enfrentou e até a angústia da alma. E deve ter amado muito esta última, senão teria se dedicado menos à oração. E seu amor o levava a buscar os perdidos, os menores, os mais ínfimos. Que amor imenso! Ele amou as sinagogas com os tradicionalistas religiosos, o Areópago com seus intelectuais, os mercados e ruas com seus pródigos, e a todos desejou ganhar para seu Senhor. O amor era como um poderosíssimo dínamo impulsionando-o a realizar grandes coisas para Deus. Não existem muitas pessoas que se comparem a ele na oração. É possível que McCheyne, John Fletcher e o grande David Brainerd e alguns outros tenham conhecido um pouco dessa arte que domina alma e corpo, que é a obra da intercessão motivada pelo amor.

Lembro-me de uma ocasião em que pude estar ao lado da Marechala,[1] quando então entoávamos o maravilhoso hino de sua composição:

> "Tenho um amor que me constrange
> A ir os perdidos buscar.
> Entrego, Senhor, todo o meu ser a ti,
> Para a qualquer preço os salvar".

Não se tratava de uma declaração emocional. Ela pagou o preço de prisões, privações, sofrimentos e pobreza.

Ao que parece Carlos Wesley estava buscando o máximo de Deus quando escreveu: "Não desejo mais nada na terra, a não ser possuir teu puro amor em meu coração". E mais recentemente, Amy Carmichael fez a seguinte petição: "Dá-me um amor que me impulsione, uma fé que não esmoreça diante de nada". Não há dúvida de que essas pessoas se encontravam prestes a descobrir o segredo do poder para ganhar almas presente na vida dos apóstolos.

Os grandes ganhadores de almas foram sempre indivíduos cheios de uma grande paixão pelos perdidos. Todos os seus interesses menores eram suplantados pelo amor maior. Foi seu grande amor pelo Amado de sua alma que os fez chegar às lágrimas, ao labor

---

[1] *O autor refere-se a Sra. Catarina Booth Clibburn, filha do General William Booth, fundador do Exército de Salvação, que foi ela própria uma grande missionária. NT.*

intenso e ao triunfo final. Como podemos nós, que vivemos numa hora de trevas, dar-nos o luxo de amar menos?

> Desejo amar-te, ó Deus, e demonstrar esse amor
> em atos, pensamentos, palavras.
> Com esse amor poderei andar em justiça,
> E servir-te como devo.
> O amor torna mais leve as tribulações,
> E suaviza as dificuldades.
> O amor te seguirá sem questionar,
> Agirá com ousadia e triunfará!

Brevemente milhões de pessoas receberão a marca do anticristo, querendo ou não. Será que nos esquivaremos de receber em nosso corpo, alma e espírito a marca de nosso Senhor, as marcas de Jesus? O processo de marcar é doloroso. Será que estamos prontos a nos submeter a ele? Ostentar uma marca é carregar sempre a humilhação de ser escravo. Queremos mesmo ser marcados — como propriedade de Cristo?

“Eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus”.

— Paulo.

“Ore, meu irmão, ore. Ore, a despeito das oposições de Satanás. Passe horas em oração. Prefira negligenciar a companhia dos amigos do que deixar de orar. Prefira jejuar, abster-se do desjejum, do almoço, do jantar, e não dormir, do que deixar de orar. E não adianta ficarmos conversando sobre oração; temos que orar muito, e com fervor. A vinda do Senhor está próxima. E ele virá despercebidamente, quando as virgens estiverem dormindo”.

— Andrew Bonar.

“Foram precisos sete anos de trabalho:
Para que Carey conseguisse batizar o primeiro convertido na Índia.
Para que Judson conquistasse o primeiro discípulo na Birmânia.
Para que Morrison levasse a Cristo o primeiro chinês.
Para que Moffat visse as primeiras evidências da operação do Espírito Santo no local onde trabalhava, na África.
Para que Henry Richards ganhasse o primeiro convertido em Banza Manteka”.

— A. J. Gordon.

“A oração é o sangue da alma”.

— George Herbert.

CAPÍTULO DEZESSEIS

“Dá-me Filhos, Senão Morrerei!”

É imprescindível que tenhamos um avivamento, pois as portas do inferno estão escancaradas para esta geração depravada. Precisamos de um avivamento (e dizemos que o queremos). Entretanto, apesar de os crentes superficiais de hoje quererem que os céus se abram e Deus derrame um despertamento sobre nós de forma mecânica, a verdade é que ele não mecanizou seu glorioso poder, para ajustá-lo ao maquinário religioso de hoje, que funciona a poder de relógio.

Recentemente ouvi um pastor comentar: “Gostaria que tivéssemos um avivamento como o que ocorreu nas Novas Hébridas”.

Mas, meu irmão, o avivamento não chegou ali apenas porque eles o queriam. É verdade que os céus se abriram, e uma poderosa visitação do poder de Deus abalou aquelas ilhas, mas isso se deu porque “homens comuns se dedicaram ao jejum e à oração”. Além disso, colocaram-se perante o trono de Deus, e esperaram em lágrimas, e lutaram. E a visitação veio porque Aquele que procurou uma jovem pura para ser a mãe de seu Filho amado, encontrou ali um povo de alma pura, com visão espiritual e grande fervor. Um povo que não orava com segundas intenções. Suas petições não tinham o objetivo de resgatar da vergonha uma denominação fracassada. O alvo deles era tão-somente a glória de Deus. Não tinham ciúmes de outros grupos denominacionais que estivessem crescendo mais que eles; ansiavam é pelo Senhor dos Exércitos, cuja glória estava jogada na lama, cuja casa estava com os muros “derribados, e suas portas queimadas a fogo”.

Não basta ser uma igreja fundamentalmente bíblica para que o Espírito Santo seja atraído para ela. Amados, existem milhares de igrejas assim na terra. Uma jovem e um jovem de dezessete anos podem se achar biologicamente preparados para gerar um filho, e

podem até estar casados, mas *isso* por si só não justifica a geração da criança. É preciso ver se eles teriam segurança financeira para cuidar de todas as necessidades que surgissem. E será que se encontram suficientemente amadurecidos para criar o menino no caminho em que deve seguir? Se houvesse um avivamento em certas igrejas "bíblicas", ele acabaria em uma semana, pois onde estariam as mães em Israel para cuidar dos bebês em Cristo? Quantos de nossos crentes sabem tirar uma pessoa das trevas e conduzi-las para a luz? (Na condição em que algumas igrejas estão, seria desastroso confiar-lhes novos-convertidos; seria o mesmo que colocar um recém-nascido dentro de um congelador.)

O nascimento de uma criança é precedido de meses de esforço, em que a mãe carrega seu peso, e pelo penoso trabalho de parto. O nascimento de um filho espiritual também é assim. Jesus orou por sua igreja, mas, depois, para que ela nascesse, ele teve de entregar a própria vida. Também Paulo orava "noite e dia, com máximo empenho" pela igreja. Mas não só isso; ele sofreu o *trabalho de parto* em relação a pecadores. E Sião só deu à luz filhos quando passou pelas dores do parto. E embora hoje muitos pregadores estejam por aí clamando: "Importa-vos nascer de novo", quantos deles poderiam dizer o mesmo que Paulo: "Porque ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu pelo evangelho vos *gerei* em Cristo Jesus". Então ele os gerou na fé. Ele não diz apenas que orou por eles, mas dá a entender que sofreu a *dor do parto* por eles. Se o número de nascimentos físicos fosse igual ao de nascimentos espirituais, a raça humana estaria hoje quase extinta. Costumamos dizer que "para viver a vida cristã é preciso orar muito". Mas a verdade é que, para orar de fato, é preciso viver a vida cristã. "Se permanecerdes... pedireis" (isto é, orareis). Estou ciente de que orar pela salvação de nossos entes queridos está incluído em "pedir", claro. Mas orar não é só pedir. Certamente orar é nos colocar em posição de submissão ao Espírito Santo para que ele possa operar *em nós, e por nosso intermédio*. Lemos no primeiro capítulo de Gênesis que todos os seres vivos geravam outros segundo a sua espécie. E na regeneração também aquele que é nascido de novo deve gerar outros.

Nós, os evangelistas, acabamos ficando com méritos que não são nossos. Sei de uma senhora crente na Irlanda que está sempre orando por este pobre pregador. E muitos outros estão sempre me dizendo: "Tenho intercedido a Deus pelo irmão todos os dias".

Foram eles que geraram muitos dos salvos que são creditados à minha pessoa. Na verdade, em muitos casos, eu apenas atuo como uma espécie de parteiro. No dia do juízo veremos crentes desconhecidos receberem um maravilhoso galardão. Às vezes penso que nós, os pregadores, que estamos sempre aparecendo perante o público, estaremos entre os que serão menos galardoados. Conheço, por exemplo, alguns que hoje pregam sermões que pregaram há vinte anos, e que não servem mais para gerar filhos espirituais. Esse tipo de pregador é dos que oravam, e não oram mais. Faz algum tempo um deles me confessou: "Não, irmão. Hoje não oro mais o quanto orava antigamente, mas sei que Deus compreende minha situação".

É; ele compreende sim; mas não nos justifica, pois se não oramos é porque estamos por demais atarefados; mais do que ele quer que estejamos.

É verdade que a ciência conseguiu minorar em muito o sofrimento de um parto hoje, em relação ao que nossas mães enfrentaram. Mas ela nunca conseguirá reduzir a duração dos longos meses de espera, necessários para a criança ser formada. E assim também, nós, os pregadores, tentamos criar métodos mais fáceis para levar os perdidos à conversão e os crentes a uma experiência com o Espírito. Basta que o pecador levante a mão, no lugar onde está, e imediatamente está salvo. Dessa forma, eliminamos a contrição perante o altar de Deus. E depois, para que uma pessoa seja cheia do Espírito, dizemos: "Fique de pé no seu lugar, e o evangelista irá orar por você, e assim será cheio do Espírito".

Ah, que vergonha! Meu irmão, para que ocorra o milagre, para que haja um *verdadeiro* avivamento e uma alma seja regenerada é preciso trabalho de parto.

Assim como na gravidez a criança em desenvolvimento causa perturbações no corpo da mãe, assim também o "corpo" do avivamento que cresce na igreja causa perturbações nela. A mulher que aguarda o nascimento de um filho se cansa mais à medida que o dia se aproxima (e muitas vezes passa noites em claro, e derrama lágrimas). Assim também, muitas vezes, os intercessores sentem o peso das iniqüidades da nação, e derramam a alma perante Deus em favor dela altas horas da noite. Há casos em que a mulher grávida perde a vontade de alimentar-se, ou é obrigada a abster-se de certos alimentos em benefício da vida que carrega no ventre. Assim também os crentes que se sentem envergonhados com a esterilidade da igreja fazem jejuns e são levados, por um grande amor aos perdidos, a

permanecer em silenciosa intercessão perante o Senhor. Da mesma forma como as mulheres, até certo tempo atrás, procuravam evitar aparecer em público quando se aproximava a hora do parto, também aqueles que sofrem a dor de parto pelos perdidos procuram o recolhimento para buscar a face do Deus santo.

A Bíblia diz claramente que Jacó amava a Raquel mais do que a Lia. Contudo Lia gozava mais da alegria de ser mulher, pois tinha filhos. Jacó havia trabalhado quatorze anos por causa de Raquel, mas toda essa sua devoção não servia de consolo para ela, pois era estéril. Obviamente, Jacó deve ter demonstrado seu amor por ela dando-lhe jóias, como era costume na época; mas as coisas que o dinheiro compra não lhe serviam de consolo. E, embora Raquel fosse uma mulher bonita, nem sua beleza, nem o fato de que outros a admiravam compensavam a ausência de filhos. E ainda por cima havia sempre o doloroso quadro ante seus olhos: Lia com seus quatro garotos à roda de sua saia, enquanto ela, a estéril Raquel, era alvo da zombaria de todos. Posso imaginar essa mulher, com os olhos vermelhos de chorar — mais brilhantes até que os da própria Lia — talvez com os cabelos desgrenhados, a voz rouca de pranto, procurando Jacó, frustrada por causa de sua esterilidade, sentindo-se humilhada e desesperada com sua condição, e gritando-lhe: “Dá-me filhos, senão morrerei” (Gn 30.1). Esse apelo deve ter-lhe penetrado o coração como uma espada.

Aplicando isso ao plano espiritual, podemos dizer que não se tratava de uma oração de rotina; era um apelo de uma pessoa dominada pela vergonha e pela dor, e muito quebrantada por sua esterilidade.

Meu irmão pregador, se sua alma se acha estéril, se seus olhos não vertem lágrimas, se não há convertidos em sua igreja, não se acomode pelo fato de que pelo menos é um pregador popular. Não se deixe consolar pelos títulos que possui, pelos livros que já escreveu. Se você é espiritualmente incapaz de gerar filhos, rogue fervorosamente ao Espírito Santo que derrame tristeza em seu coração. Ah, que vergonha são nossos altares estéreis! Será que o Espírito Santo se deleita com nossos órgãos elétricos, nossos corredores acarpetados, e a nova decoração, quando o “berçário” está vazio? Não! Ah, que o silêncio mortal de nossos santuários seja quebrado com o bendito choro dos “recém-nascidos”.

Não existe uma “fórmula única” para avivamento. Embora nasçam crianças todos os dias em toda a parte, sempre da mesma forma, são

todas diferentes umas das outras. Assim também em todas as eras tem havido avivamentos, gerados pelo mesmo processo: angústia de alma, oração incessante e preocupação com a esterilidade. Mas todos eles são diferentes entre si.

Jonathan Edwards tinha uma grande igreja, e não passava por aperturas financeiras. Mas era atormentado pela estagnação espiritual. E tanto lhe pesava o estigma da esterilidade espiritual que afinal sua alma entristecida buscou a misericórdia de Deus num silêncio banhado de lágrimas, até que o Espírito Santo desceu sobre ele. E hoje, tanto a igreja como o mundo sabem que resposta obteve sua intercessão. Os votos que fez, as lágrimas que derramou, os gemidos que deu estão registrados nas crônicas dos feitos de Deus. Edwards, Zinzendorf, Wesley e outros eram irmãos espirituais (pois assim como existe uma aristocracia terrena, existe também a espiritual). Esses homens desprezavam as honrarias humanas, e ansiavam apenas pela apreciação do Espírito Santo.

A história política e militar dos povos gira em torno de indivíduos. Ela contém um sem número de nomes daqueles que chegaram ao poder, e fizeram o mundo tremer. Pensemos no gênio maligno de Hitler, por exemplo. Quantos reis ele derrubou! Quantos governos depôs! Quantos milhões de pessoas mandou para o túmulo! Ele foi, para a nossa época, um flagelo pior do que as dez pragas para o Egito. Ele queria fazer uma coisa, e a fez! A Bíblia diz que nos últimos dias os ímpios irão praticar impiedade, mas “o povo *que conhece ao seu Deus* se tornará forte e ativo” (Dn 11.32b). Quem se tornará forte e ativo não são aqueles que cantam hinos sobre Deus, nem que escrevem a respeito dele, mas os que *conhecem o seu Deus*. Falar sobre alimentos não “enche” o estômago de ninguém; conversar a respeito de conhecimentos, não deixa ninguém mais sábio; e falar sobre Deus também não significa possuir o poder do Espírito Santo. Devemos meditar bem no fato de que sempre que há um avivamento é porque um setor da igreja se purificou e se inclinou e se prostrou diante de Deus em intercessão e súplica, em favor de uma geração agrilhoada com falsas religiões, e enferma com os milhões que perecem, que se dispôs a esperar em Deus; esperou dias, semanas e até meses, até que afinal o Espírito operou no seu meio, e o céu se abriu para derramar as bênçãos do avivamento.

Foram as mulheres estéreis da Bíblia que geraram os homens mais nobres das Escrituras. *Sara*, que foi estéril até a idade de noventa anos, gerou Isaque. *Raquel*, em resposta ao seu clamor: “Dá-me filhos, senão morrerei”, gerou José, que foi o libertador da nação. A

esposa de Manoá gerou a Sansão, outro libertador. *Ana*, de alma abatida, chorou no santuário, fez uma promessa a Deus, perseverou em oração, ignorou a zombaria de Eli, derramou a alma perante Deus, e foi atendida, pois gerou a Samuel, que se tornou um profeta de Israel. *Ruth*, que além de estéril era viúva, encontrou misericórdia diante do Senhor e gerou a Obede, que gerou a Jessé, que por sua vez foi o pai de Davi, de cuja linhagem veio nosso Salvador. *Isabel*, que era já bastante idosa, gerou a João Batista, a respeito de quem Jesus afirmou que não havia profeta maior que ele, dentre os nascidos de mulher. Se essas mulheres não tivessem se sentido humilhadas pelo fato de não terem filhos, que homens valorosos a nação teria perdido!

Assim como uma criança ao nascer salta para a vida *de repente*, assim também acontece com o avivamento. No século XVI, o escocês João Knox, repetindo o clamor de Raquel, orava: “Dá-me a Escócia, senão morrerei!” Knox morreu, mas enquanto existir a Escócia, ele estará vivo. O mesmo se deu com Zinzendorf, que acabrunhado e envergonhado pela falta de amor e pela esterilidade espiritual que caracterizava as igrejas dos morávios, se quebrantou e se deixou guiar pelo Espírito Santo até que, *de repente*, o avivamento veio, no dia 13 de agosto de 1727, uma quarta-feira, às onze horas da manhã. E assim teve início o despertamento dos morávios, que deu origem a um grupo de oração que durou cem anos, que, por sua vez, promoveu o surgimento de um movimento missionário que levou o evangelho aos confins da terra.

A igreja de nossos dias devia estar mais empenhada em evangelismo que gere filhos; mas na realidade está mais envolvida é em programas estéreis. É verdade que as técnicas de parto se modificaram bastante com o avanço da ciência. Mas como já dissemos, e vamos repetir, a ciência — esse “deus” dos médicos — não pode reduzir o tempo de gestação. Irmãos, nós estamos perdendo a batalha é no fator tempo. O pregador e a igreja estão ocupados demais para orar. Estão mais atarefados do que Deus gostaria que estivessem. Se dermos nosso tempo para Deus, ele nos confiará vidas eternas. Se resolvermos reconhecer a nossa impotência espiritual, ele fará sobressair nosso direito como o sol ao meio-dia. A igreja hoje tem uma multidão de conselheiros; mas onde estão os intercessores? E embora ela possa se gabar de que nunca em sua história teve em termos numéricos uma freqüência tão grande, tem que admitir também que nunca teve um número tão baixo de “novos nascimentos”. O rol das igrejas está aumentando,

mas não necessariamente o reino de Deus. (Conheço uma família cujos filhos são todos adotivos. Acho que muitos dos pregadores hoje estão adotando filhos, mais que gerando. O adversário da multiplicação é a estagnação. Quando os crentes se preocuparem por não estar gerando filhos espirituais, e quando ficarmos cansados de nossa esterilidade de alma, então começaremos a vibrar com um temor santo, e a orar com um fervor santo, e a gerar com uma santa fertilidade. Na "empresa" de Deus não se faz "liquidações", pois o preço do avivamento é sempre o mesmo — o trabalho de parto.

Não há dúvida de que esta geração em ruínas precisa de um avivamento. Estou bem ciente de que alguns, pelo fato de estarem adormecidos, irão escudar-se na soberania de Deus e rebater: "Quando Deus decidir operar o avivamento virá".

Isso é verdade, mas não toda a verdade. Você acha que Deus está satisfeito ao ver que oitenta e três pessoas morrem por minuto sem Cristo? Ou, quem sabe, acredita que agora ele está querendo que *muitos* pereçam? Ou tem o desplante de afirmar que, quando. Deus resolver erguer o calcanhar e abater seus inimigos, aí, sim, poderemos ter um avivamento? (E isso, para mim, chega às raias da blasfêmia.) Nunca! Se isolarmos um *trecho* de um verso, retirando-o de seu contexto, podemos provar pela Bíblia o que quisermos. Vejamos, por exemplo, o texto que diz: "Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos", e paremos aí. O sentido dele será: "Deus *pode* fazer tudo, mas ainda não se deu ao trabalho de fazer". Citando esse verso assim, impropriamente, atribuímos a Deus a culpa pelo fato de ainda não termos experimentado um avivamento. Mas vamos concluir o texto: "...poderoso para fazer... conforme o seu poder *que opera em nós*". Agora o sentido é o de que o canal para o recebimento da bênção está bloqueado. Deus não pode abençoar esta geração porque a igreja não tem poder. Então, se não temos um avivamento, a culpa é *nossa*.

Finney afirma: "O avivamento está contido em Deus". Portanto, podemos gozar de um despertamento espiritual "conforme o seu poder que opera em nós", pois receberemos "poder, ao *descer sobre (nós) o Espírito Santo*". E não se trata de poder para realizar milagres, pois os discípulos já os realizavam *antes* mesmo do Pentecostes, e também expulsavam demônios.

Também não é poder para organizar, nem para pregar, nem para traduzir a Bíblia, nem para conquistar novas terras para o Senhor.

Tudo isso é válido. Mas será que temos o poder do Espírito Santo — poder para restringir a força do diabo, para destruir fortalezas e obter o cumprimento das promessas? O que o inferno mais teme senão uma igreja ungida por Deus, dinamizada pela oração?

Amados, vamos deixar de lado as questões supérfluas. Esqueçamos as diferenças denominacionais. Vamos nos consagrar inteiramente "à *oração* e ao ministério da palavra", pois "a fé vem pela pregação". Envergonhemo-nos da impotência da igreja; sintamos profunda tristeza pelo monopólio que o diabo exerce sobre os perdidos, e então clamaremos com espírito angustiado — e com profundo sentimento —: "*Dá-me filhos, senão morrerei!*" Amém.

“Irmãos e irmãs, a autonegação é o princípio ético básico da igreja cristã”.

— Dr. Charles Inwood.

“Agora, interrompo minha conversa com os homens, e volto-me para ti, ó Deus. Neste momento, começo a ter com Deus uma comunhão que nunca terminará. Adeus, meu pai e minha mãe. Adeus, amigos e parentes. Adeus, comida e bebida! Adeus, mundo, com seus prazeres! Adeus, sol, lua e estrelas! Agora, acolho a ti, Deus e Pai! Chego a ti, ó doce Jesus, mediador da nova aliança. Chego a ti, bendito Espírito da graça, Deus de toda a consolação! Agora, chego à glória; à vida eterna! Bem-vinda, morte!”

“O Dr. Matthew MacKail estava embaixo da forca onde seu primo, Hugh MacKail, estava sendo morto, por causa de sua fé. E ao ver o outro se contorcendo suspenso nas cordas, ele agarrou suas pernas e pendurou-se a elas para que morresse mais rapidamente e com menos sofrimento. E foi assim que Hugh Mac-Kail “com seu doce sorriso juvenil” foi encontrar-se com Cristo. “E assim será minha acolhida”, disse ele: O Espírito e a noiva dizem: Vem”.

— A morte de Hugh MacKail, membro da Igreja Reformada da Escócia.

CAPÍTULO DEZESSETE

O Lixo Do Mundo

O que vem a ser “o lixo do mundo?” (1Co 4.13). Seria o ventre do mal, onde nasce o crime organizado? Seria o gênio do mal que mobiliza as insurreições internacionais? Ou seria a Babilônia? Ou, quem sabe, Roma? Seria o pecado? Ou será que descobriram em algum lugar toda uma tribo de maus espíritos e deram a ela esse nome? Ou talvez seja uma moléstia sexualmente transmissível?

Se levantarmos mil suposições sobre essa questão obteremos mil respostas, e nenhuma delas estará correta. A resposta certa é exatamente o oposto do que se poderia esperar. Essa expressão “*lixo do mundo*” não designa homens nem demônios. E não é nada de conotação maligna; é benigna. Não; não é nem benigna: é o melhor que pode haver. Também não é nada material; é espiritual. Não tem nada a ver com Satanás, mas com Deus. E não apenas é da igreja, mas um membro dela. E não apenas um membro, mas o mais santo dela, a mais preciosa de todas as jóias. Paulo diz: “Nós, os apóstolos, *somos considerados lixo do mundo*”. E logo em seguida ele acrescenta a essa injúria um insulto, e intensifica a infâmia, aumentando ainda mais a humilhação, pois afirma: “(somos) *escória de todos*” (1Co 4.13).

Quando um homem chega a dizer que é o lixo do mundo é porque não tem mais ambições pessoais; não possui mais nada que alguém possa invejar. Não tem mais reputação — nada mais a zelar. Não possui bens — e, portanto, mais nada com que se preocupar. Não tem mais direitos — e, portanto, não está mais sujeito a sofrer injustiças. Que bendita condição! Ele já está morto — então, ninguém pode matá-lo. E se os apóstolos tinham tal estado de espírito, tal mentalidade, não foi à toa que eles “transtornaram o mundo”. O crente que ainda abriga ambições pessoais deve pensar um pouco nessa atitude dos apóstolos para com o mundo. E o evangelista popular, que ainda não sofreu perseguições e vive segundo os

moldes hollywoodianos, devia pensar um pouco sobre o modo de ser daqueles homens.

Então, quem infligiu a Paulo sofrimento maior que o que passou quando recebeu as cento e noventa e cinco chicotadas, sofreu os três apedrejamentos e os três naufrágios? A rixosa, carnal e crítica igreja de Corinto. Ela estava dividida pela carnalidade e *por dinheiro*. Alguns deles tinham alcançado a fama e haviam-se tornado importantes comerciantes da cidade. Então Paulo lhes diz: "Chegastes a reinar sem nós". Observemos o contraste gritante entre o verso 8 e o 10, de 1 Coríntios 4: "Já estais (vós) fartos, já estais (vós) ricos: chegastes (vós) a reinar sem nós". "*Nós* somos loucos; *nós* (somos) fracos; *nós*, desprezíveis; sofremos fome, e sede, e nudez". Mas há uma compensação no verso 9: "(*Nós*) nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos como a homens".

Depois de tudo isso, não era mesmo difícil para Paulo afirmar que *ele* era "o menor de todos os santos". E ele levanta essas verdades para confrontar aqueles cuja fé tinha perdido seu foco central. Aqueles coríntios estavam fartos, mas não eram livres. (Se um homem escapa da prisão, mas ainda tem as pernas presas em correntes, não está livre.) Mas o apóstolo não está aborrecido pelo fato de eles desfrutarem de abundância e ele não ter nada. Ele lamenta que a riqueza tenha resultado em fraqueza de alma. Eles vivem em conforto, mas não têm a cruz. São ricos, mas não conhecem o vitupério de Cristo. Não chega a afirmar que eles não pertencem a Cristo, mas que estão buscando um caminho mais suave para chegar ao céu. E então diz: "Sim, oxalá reinásseis para que *nós* também viéssemos a reinar convosco". Se eles estivessem reinando de fato, então Jesus já teria voltado; eles estariam vivendo o milênio, e, como diz Paulo: "*Nós* estaríamos reinando com *vocês*".

Mas quem aceita ser desonrado, desprezado e desvalorizado assim? Essa verdade é revolucionária, e põe em cheque nossa doutrina cristã falsificada. Teremos nós *prazer* em ser considerados loucos? Será que suportaremos ver nosso nome jogado por aí, difamado? O verdadeiro cristianismo é mais revolucionário do que o comunismo, embora, naturalmente, não provoque derramamento de sangue. As máquinas do socialismo tentaram terraplanar os "montes" das riquezas, para aterrar os "vales" da pobreza. Pensaram que, dando educação a todos, iriam "retificar o que é tortuoso", acharam que com um ato do congresso com um mero aceno da varinha de condão da política, iriam introduzir o milênio tão esperado. Mas na Rússia isso implicou apenas na mudança da chefia; o pessoal das

camadas inferiores continuam na camada inferior. Hoje em dia há milhões de pessoas que enriquecem pelo empobrecimento de outros. E Paulo afirma que ele era pobre, mas estava "*enriquecendo a muitos*". Graças a Deus que o dinheiro de Simão, o Mago, continua não obtendo nada do Espírito Santo. Se nós ainda não aprendemos a avaliar corretamente as "riquezas de origem iníqua", como Deus poderá confiar-nos a "verdadeira riqueza?"

Então Paulo, que era material e socialmente falido, achava-se incluído entre os seletos relacionados como "o lixo do mundo". Certamente isso o ajudou a entender que, sendo lixo, seria pisado pelos homens.

Embora fosse capaz de debater com filósofos, estóicos, epicureus no Areópago, por Cristo estava disposto a ser tachado de "*louco*". O antagonismo do mundo para com Jesus é fundamental e perene.

Irmãos, será que temos essa mesma disposição? Nada nos irrita mais do que ser *associados a pessoas incultas e ignorantes*, apesar de sabermos que o homem que escreveu o Apocalipse era inculto e ignorante. Hoje em dia, estamos contaminados por um terrível mal: os pastores estão mais preocupados em *encher a cabeça de conhecimentos do que ter um coração em chamas*. Quando uma pessoa aprecia muito a intelectualidade é melhor que termine os estudos *antes* de assumir o púlpito. Pois, depois que o assumir, de nada lhe valerão os títulos que puder obter, já que as vinte e quatro horas do dia serão curtas para que apresente os nomes de suas ovelhas perante o "grande Pastor", ou cumpra a suprema responsabilidade de preparar-lhes o alimento espiritual. As coisas espirituais se discernem espiritualmente (*e não psicologicamente*). Nem Deus mudou, nem mudaram seus pensamentos. Por desígnio dele, ainda existem verdades que estão ocultas para os entendidos e que são reveladas "aos pequeninos". E os pequeninos, meus irmãos, não possuem um intelecto privilegiado. A igreja de hoje está-se gabando do elevado Q.I. dos seus ministros. Mas, antes que alguém se glorie na carne, convém levar em conta que estamos presenciando um dos mais baixos índices de conversões, pois o diabo, irmão Apolo, não se impressiona com sua riqueza verbal.

A linha demarcatória que distingue o crente do homem do mundo é bem definida, bem delineada, mas está totalmente desmoralizada na prática. Os peregrinos de Bunyan, ao chegar à "Feira da Vaidade", constituíram um verdadeiro espetáculo, pois se achavam em flagrante

contraste com o povo mundano em seu modo de vestir, de falar, em seus interesses e senso de valores. Isso ainda acontece hoje?

Durante a última guerra, um general do exército britânico fez a seguinte afirmação: “Precisamos ensinar nossos soldados a odiar, pois se tiverem bastante ódio pelo inimigo lutarão contra ele”.

Nós já ouvimos muita coisa sobre o perfeito amor (embora ainda não tenhamos ouvido o suficiente). Mas agora precisamos também aprender a “irar e não pecar”. O crente cheio do Espírito deve detestar o mal, a iniqüidade e a impureza, e só assim lutará contra essas coisas. Paulo odiava o mundo e por isso o mundo o odiava. Nós também precisamos dessa mesma disposição de fazer oposição.

O evangelista Stanley escreveu “Darkest Africa” (A Face Escura Da África) e o General Booth, fundador do Exército de Salvação, “Darkest England” (A Face Escura Da Inglaterra), em meio a forte oposição. O primeiro falava das florestas impenetráveis, de árvores altíssimas, com seus leopardos à espreita, suas serpentes traiçoeiras e com os espíritos das trevas. Booth via as ruas da Inglaterra com os mesmos olhos com que Deus as via: a lascívia, os esgotos de pecado, a cobiça do jogo, o perigo da prostituição. E então levantou um exército para combater essa situação em nome de Deus. Hoje nossas próprias ruas são campos missionários. Esqueçamos por um pouco que nossa sociedade é civilizada, pois é possível uma senhora elegante, de belas maneiras e voz suave estar tão longe de Deus quanto uma selvagem da tribo Mau-Mau, com seu saiote de capim. Em nossas cidades campeia a impureza. O crente que passa as noites em frente da televisão, a devanear, está com o cérebro morto e a alma em falência espiritual. E vivendo assim, indiferente à licenciosidade que impera nestes dias, a ponto de não chorar por causa da cegueira que domina o pecador, faria melhor se pedisse a Deus que terminasse logo sua vida terrena. Hoje, cada rua de nossa cidade é um poço de pecado, bebida, divórcio, trevas e condenação. E se alguém tomar uma posição contrária a todos esses males, não deve admirar-se se o mundo o odiar. Se fôssemos do mundo, ele amaria o que era seu.

Paulo declara firmemente: “O *mundo* está crucificado para mim”. Será que isso é demais para o crente do século XX? O morro do Gólgota recebia muitas visitas de curiosos que ali iam para assistir à humilhação dos malfeitores. E aquilo era uma verdadeira festa; zombava-se do sofrimento. Mas, no dia seguinte, quem eram os primeiros a chegar ao local? Os primeiros eram os urubus — que

iriam bicar os olhos das vítimas, e a carne das suas costelas. Depois eram os cães, que devoravam as pernas e braços dos infelizes. Assim, todo deformado, com as entranhas à vista, o indivíduo era um espetáculo horrendo. E era assim que Paulo via o mundo crucificado — nada atraente aos olhos dele.

Possamos nós também tremer interiormente e repetir, com lábios trementes, a mesma afirmação do apóstolo: *o mundo está crucificado para mim*. Só depois que estivermos mortos para o mundo com todos os seus prazeres, sua glória fútil e alegrias efêmeras, poderemos experimentar a mesma libertação que Paulo conheceu. Mas a realidade é que nós, os seguidores de Cristo, *respeitamos* as opiniões do mundo, e buscamos sua apreciação e suas condecorações. Um moderno crítico da igreja diz que atualmente o deus do crente é o *ouro*, e o seu credo é a *cobiça*. Mas graças a Deus que ainda existem algumas exceções a essa regra.

E esse bendito homem, Paulo, para quem o mundo estava crucificado, era considerado “louco”. E mais, ele apresentava sua mensagem de tal forma que alguns procuraram matá-lo, pois ele representava uma ameaça para o comércio deles. Esses apóstolos, com todo o seu santo e sadio *desdém pelo mundo* e pelas pessoas do mundo nos deixam humilhados.

"Eles escalaram a íngreme ladeira para o céu
Em meio a perigos, sofrimento e labor.
Ó Deus, dá-nos a graça
De seguirmos as suas pegadas”.

Muito breve estaremos dizendo adeus à perecível vida terrena e saudando o início da eternidade. Quero desejar-lhe, prezado irmão, uma vida de serviço sacrificial para Aquele que foi nosso sacrifício. Que também nós possamos terminar a carreira com *gozo*.

"Irmãos, se não levarmos uma vida reta diante de Deus, será uma falsidade clamarmos por um avivamento, dia e noite, meses e meses seguidos. Temos que perguntar a nós mesmos: meu coração está puro? Minhas mãos estão limpas?"

— Apelo feito durante o avivamento das Ilhas Hébridas.

"Minha alma, pede-lhe o que quiseres,
Por mais que peças, nunca pedirás demais.
Se ele derramou por ti seu próprio sangue,
O que te negará?"

— Autor desconhecido.

"O aposento da oração!
Que lugar abençoado!
O Espírito paira sobre ele.
Pois todas as realizações da graça
Provém do ventre da oração".

— Harold Brokke.

"O milagre do avivamento é bem semelhante ao de urna colheita de trigo. Ele desce do céu quando crentes heróicos entram na batalha decididos a vencer ou morrer — e, se for necessário, vencer e morrer. O reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele".

— C. G. Finney.

"A causa de Deus foi confiada aos homens. Deus mesmo se confia aos homens. Os crentes que oram são os vice-governadores dele, estes é que fazem a obra de Deus e realizam os seus planos".

— E. M. Bounds.

"A oração é o remédio supremo".

— Robert Hall.

"A oração é o teste que avalia a devoção do crente".

— Samuel Chadwick.

CAPÍTULO DEZOITO

Uma Oração Com A Dimensão De Deus

Os profetas do passado, homens totalmente guiados por Deus, tinham plena consciência da grandeza de sua missão, e de como ela era impopular. E muitos deles, sentindo-lhe o peso, procuraram fugir a ela, alegando limitações pessoais. Moisés, por exemplo, tentou evitar aquele compromisso de que dependeria o futuro de toda a nação, argumentando que era gago. Mas Deus resolveu o problema providenciando-lhe um porta-voz, na pessoa de Arão. Jeremias, também, tentou furtar-se à tarefa justificando que era ainda muito criança. Mas, como já acontecera a Moisés, a objeção humana não prevaleceu. É que Deus não chamava esses homens para irem às academias de sabedoria humana apurar a personalidade nem aumentar seus conhecimentos. Mas parece que ele como que agarra esses servos e os encerra num compartimento consigo. Se for verdade o que afirma o poeta Oliver Wendell Holmes, que sempre que alguém tem uma idéia nova sua mente se amplia e depois nunca mais volta às dimensões anteriores, então o que se dirá do coração que já escutou o sussurro da Voz eterna? “As palavras que eu (o Senhor) vos tenho dito, são espírito e *são vida*” (Jo 6.63). Nossas pregações hoje se acham bastante debilitadas pelas citações que tomamos emprestadas daqueles que já morreram, em vez de recorrermos ao Senhor. Um livro é bom quando nos serve de guia; mas torna-se pernicioso quando nos acorrenta.

Assim como os cientistas modernos chegaram a uma nova dimensão de poder quando dominaram a energia atômica, assim também a igreja precisa redescobrir o ilimitado poder do Espírito Santo. De fato, é preciso que aconteça alguma coisa que venha atacar a iniqüidade desta era pecaminosa e destruir a complacência dos crentes adormecidos. Precisamos de pregações vivas, de vidas

vitoriosas, e só obteremos isso com persistência em oração. E alguém dirá: “Se quisermos uma vida santa, precisamos *orar*!”

Mas a recíproca também é verdadeira. Temos que *viver uma vida santa* se quisermos orar. Ê o que diz Davi: “Quem subirá ao monte do Senhor?... O que é limpo de mãos e puro de coração” (Sl 24.3,4).

O segredo da oração é a oração no lugar secreto. É bom ler livros sobre oração, mas isto só não basta. Assim como um livro de culinária é altamente útil, mas torna-se inútil se não tivermos os ingredientes para preparar os alimentos, assim também acontece com a oração. Alguém pode ler toda uma biblioteca sobre oração e não adquirir nem uma gota de poder. Temos que aprender a orar, mas para aprender é preciso orar. Se uma pessoa estiver sentada numa cadeira lendo o melhor livro que existe sobre saúde, mas permanecer ali sentada, pode morrer. Assim também é possível um crente ler tudo sobre oração, maravilhar-se com a perseverança de Moisés ou com o lamento de Jeremias, e mesmo assim não aprender nem o abecê da intercessão. Assim como a bala que fica na arma não chega ao seu alvo, assim também a oração que fica contida no coração sem ser elevada a Deus não obtém as bênçãos.

O filósofo francês Fenelon disse: “Em nome de Deus vos rogo, alimentai vossa alma com orações, assim como alimentais vosso corpo com as refeições”. E Henry Martyn comenta: “Atribuo minha atual condição de debilidade espiritual ao fato de não ter tempo suficiente para meu momento devocional particular. Ah, quem me dera ser um homem de oração!” E um escritor do passado afirma o seguinte: “Muitas vezes, ao orar, somos como um garotinho que toca a campainha de uma porta, e depois sai correndo antes que alguém atenda”. De uma coisa não há dúvida: a área mais inexplorada das riquezas de Deus é a da oração.

Quem sabe calcular a dimensão do poder de Deus? O homem é capaz de calcular o peso do mundo; sabe dizer o tamanho da Cidade celestial; contar quantas estrelas há no céu, medir a velocidade da luz, sabe informar a hora exata do nascer e do pôr-do-sol — mas não sabe avaliar o poder da oração. *A oração tem o tamanho de Deus*, pois é ele quem nos dá a garantia dela. Ela tem as dimensões do poder de Deus, pois ele garante que a atenderá. Que Deus se compadeça de nós por termos tantos tropeços ao praticar essa atividade que é a mais nobre que nossa língua e espírito podem exercitar. Se Deus não nos iluminar quando nos encontrarmos no aposento da oração, caminharemos em trevas. O momento de maior

constrangimento para o crente no dia do juízo será aquele em que tiver de encarar o fato de que orou pouco.

Eis algumas palavras do admirável São Crisóstomo: "*O poder da oração* extinguiu a violência do fogo, fechou bocas de leões, silenciou revoltosos, pôs fim a guerras, acalmou os elementos, expulsou demônios, rompeu as cadeias da morte, escancarou os portões do céu, minorou enfermidades, repeliu mentiras, salvou cidades da destruição, deteve o curso do sol e o avanço do relâmpago. A oração é uma poderosa armadura, um tesouro que nunca acaba, uma mina que nunca se esgota, um céu que nunca fica toldado de nuvens, e nunca é turbado por tempestades. Ela é a raiz, a fonte, a mãe de mil bênçãos". Será que essas palavras de Crisóstomo são simples retórica visando fazer com que algo comum pareça extraordinário? A Bíblia desconhece tais artifícios.

Elias era um grande conhecedor da arte da oração, tanto que conseguiu alterar o curso normal da natureza e estrangulou a economia de uma nação. Pela oração ele fez descer fogo do céu, levou homens a se prostrarem e fez descer chuva do céu. Precisamos de chuva, de muita chuva. As igrejas se encontram tão ressequidas que a semente não consegue germinar. Os altares estão secos; não há pecadores arrependidos chorando neles. Ah, quem nos dera um Elias! Numa ocasião em que o povo de Israel clamou pedindo água, um homem "feriu" a rocha e aquela fortaleza de granito se tornou um ventre do qual brotou uma nascente de água. "Existe alguma coisa que seja difícil demais para Deus?" Ele pode enviar-nos um homem para "ferir" a rocha.

Mas precisamos saber que a finalidade da oração em secreto não é meramente estender para Deus uma lista de pedidos. É verdade que "a oração muda as coisas?" É; mas antes de tudo ela *muda as pessoas*. No caso de Ana, por exemplo, a oração não apenas removeu seu opróbrio, mas modificou-a também: ela era estéril e se tornou fértil; estava chorando e passou a regozijar-se (1Sm 1.10;2.1). A oração converteu seu "pranto em folguedos" (Sl 30.11). Pode ser que estejamos pedindo "folguedos", quando ainda não pranteamos. Preferimos a "veste de louvor em vez de espírito angustiado". Mas o que esse texto diz é: "*Pôr sobre os que em Sião estão de luto*... veste de louvor em vez de espírito angustiado" (Is 61.3). E se o que desejamos é uma colheita abundante, o princípio a ser aplicado é o mesmo, pois "quem sai andando e *chorando* enquanto semeia, voltará com *júbilo*, trazendo os seus feixes" (Sl 126.6).

Foi preciso que Moisés *se quebrantasse e pranteasse* para chegar a dizer: “Ora, o povo cometeu grande pecado... Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste” (Êx 32.31,32). E foi necessário que Paulo sentisse *grande peso e sofrimento* para que chegasse a dizer: “Tenho grande tristeza e incessante dor no coração; porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne” (Rm 9.2,3).

Se João Knox tivesse orado assim: “Senhor, dá-me sucesso na vida” ninguém nunca teria ouvido falar dele. Mas a oração que fez não tinha nada de egocêntrica. Dizia ele: “Senhor, dá-me a Escócia, senão morrerei”. E sua petição entrou para as páginas da História. Se David Livingstone tivesse pedido a Deus a possibilidade de desbravar toda a África para demonstrar seu espírito indômito e sua habilidade no uso do sextante, suas palavras teriam sido levadas pelo vento. Mas sua oração foi: “Senhor, quando irá cicatrizar-se a chaga do pecado deste mundo?” Ele viveu orando e morreu da mesma forma, de joelhos, em oração.

Para fazer frente a esta geração ávida pelo *pecado*, só uma igreja ávida pela *oração*. Precisamos voltar a nos apropriar das “suas preciosas e mui grandes promessas”. Naquele grande dia, o fogo do juízo vai provar é a *qualidade*, e não a *extensão* da obra que realizamos. A que for gerada em oração, resistirá ao teste. É pela oração que conseguimos de fato chegar a Deus. Ela desperta em nós fome de ganhar almas; e a fome de ganhar almas nos leva à oração. O crente que tem visão espiritual ora; e o que ora obtém visão espiritual. Aquele que ora consciente de sua própria fraqueza, recebe a força do Senhor. Possamos nós ser capazes de orar como Elias, que era sujeito aos mesmos sentimentos que nós! Senhor, leva-nos a orar!

“Numa grande igreja, com capacidade para 1.000 pessoas, há uma placa comemorativa do trabalho de John Geddie, com os seguintes dizeres: Quando ele chegou aqui em 1848, não havia nenhum crente; e quando ele saiu, em 1872, não havia mais incrédulos”.

— Do Memorial de John Geddie, o
“pai” das missões presbiterianas nas
Ilhas dos Mares do Sul.

“Do dia de Pentecostes até hoje, todos os grandes avivamentos que têm havido, nasceram da oração conjunta dos crentes; mesmo que em número de apenas dois ou três. E depois que essas reuniões de oração cessam, nenhum desses movimentos continua”.

— Dr. A. T. Pierson.

CAPÍTULO DEZENOVE

Como Estiver A Igreja, Assim Estará O Mundo

Nesta nossa era, nesta “meia-noite” em que vivemos, precisamos de crentes cheios de *ardor* por Deus. No dia de Pentecostes, o fogo do Espírito Santo que desceu sobre aquele grupo, incendiou o coração de cada um deles. E a igreja teve início ali, com aqueles homens agonizando. Hoje, ela está *terminando*, com seus líderes nos restaurantes, fazendo planos. Ela começou num avivamento e está terminando num ritual. Começou com uma força viril; hoje termina estéril. Os membros fundadores eram indivíduos de grande fervor, e nenhum título; hoje, temos muitos títulos, mas nenhum fervor. Ah, irmãos, nossa maior necessidade agora é de homens com o coração abrasado.

Os crentes precisam ser colunas de fogo, guiadas por Deus, para orientarem uma geração desorientada. Precisamos de fervorosos Paulos para estimular os temerosos Timóteos; de pessoas em chamas para brilhar mais que as que têm fama. Precisamos de crentes fortes para dirigir noites de oração. Precisamos de verdadeiros *profetas*, que nos alertem sobre os lucros ilusórios: “Que aproveita ao homem, ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mc 8.36).

É triste ver, nestes dias do fim, esses conferencistas que pregam uma crença fácil. O clamor geral deveria ser como o do profeta: “Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum, proclamai uma assembléia solene... Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor”. (Jl 2.15,17).

Comparados com um coração que conheceu o fogo de Deus, mas permitiu que ele se apagasse, os picos gelados dos Alpes são até quentes. Só um calor muito intenso pode derreter um metal.

Removendo-se o metal do fogo, ele se solidifica. Assim também o coração humano sem o calor do céu se torna um icebergue.

Se um pregador não possui o Espírito de Deus, seu gabinete de estudos não passa de um laboratório onde ele disseca doutrina e cultiva dogmas sem vida. É preciso unção para ensinar; a verdade tem que ser apresentada de forma incisiva; e a palavra de conforto deve transmitir vida, em vez de deixar o ouvinte sonolento.

Precisamos urgentemente de crentes inspirados. Esta geração degenerada necessita de homens movidos pelo Espírito. Se nosso ardor não passar de uma mera chama humana, se nosso fogo nada mais for que um sectarismo carnal, será apagado pela ventania da iniqüidade que varre esse tempo do fim. Neste momento, o mundo está sendo avassalado pelo impetuoso vento das falsas religiões e do cristianismo morno. E nós também, alertados sobre essas falsas chamas por homens sem ardor, acomodamo-nos a uma vivência cristã sem fogo espiritual.

Incapazes de distinguir entre carne e Espírito, os religiosos de hoje estão alardeando, em manchetes bombásticas, que já se divisa um novo “boom” espiritual. Mais uma vez o bom está tomando o lugar do que é melhor. (Os sábios entenderão). Na verdade, temos motivos é para nos alarmarmos. A luta está cada vez mais dura. Que Deus se apiede das nações, que hoje são vitimadas por religiões *criadas por homens*, castigadas pela presença de seitas *humanas*, e condenadas por doutrinas *de homens*. Será que pode ter havido outra era pior que esta? Este é o preço que temos de pagar pelo progresso: esforço redobrado.

Como estiver a igreja, assim estará o mundo. Se a sentinela dormir, os inimigos invadirão a cidade. O pregador deveria ter pelo menos um dia para preparar o sermão, e mais um para preparar o pregador que irá pregar o sermão. A inspiração é tão misteriosa quanto a própria vida, e ambos vêm de Deus. A vida, pela sua própria natureza, gera vida. Assim também, só crentes inspirados conseguem inspirar outros.

Estamos precisando hoje de novos Josués para conduzir o povo de Deus à terra prometida da vida cheia do Espírito. Como o povo de Israel, nós já conseguimos escapar do Egito e do faraó (que para nós são o mundo e Satanás); mas fracassamos em Cades-Barnéia. É que algo que pode ser um degrau para levar-nos a posições mais elevadas, acaba-se tornando uma pedra de tropeço. Algo que deve ser apenas um portão de acesso à nossa meta, torna-se a meta em

si. E algo que deve ser uma via de passagem, torna-se o ponto final da linha. Já abandonamos a pobreza do mundo, mas ainda não entramos na Canaã das riquezas de Deus.

Imagine só! Durante quarenta anos o povo escolhido de Deus não presenciou milagres, nem recebeu respostas de oração — só tiveram morte, sequidão e trevas. E tudo por causa da incredulidade. O argumento deles foi: "Esses gigantes são grandes demais para nós!" (Nm 13.17-33). E nossa resposta diante das dificuldades hoje deve ser: "Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja" (2Rs 6.17). Será que "a mão do Senhor está encolhida, e não pode salvar?" (Is 59.1). Vamos vê-lo apenas como o Deus do passado, o Deus das profecias, mas não do presente?

O sermão de Pedro no dia de Pentecostes foi penetrante, além de fervoroso. A verdade bíblica ganhou vida. "*Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel*" (At 2.16). O escritor inspirado sentiu logo que essa "espada do Senhor" tinha um novo corte, de modo que a usou para tocar o coração dos ouvintes.

As pessoas estão sempre dizendo que, nos dias difíceis em que vivemos, os ouvintes precisam mais é de palavras de consolo. Concordo. Há muitos que de fato precisam de conforto: os enfermos, os abatidos, os que sofrem. Contudo, que ninguém se esqueça de que aquele que vê uma casa incendiando-se e permanece em silêncio comete um crime. Se alguém vir um criminoso entrar armado na casa de um vizinho e não der o alarme, não o está confortando nem um pouco. (E isso não é exagerar a situação de perigo em que vivemos).

Será que vamos falhar ante esse fraco homem de nossos dias, que objeta à nossa pregação de um evangelho de sangue, de encarnação divina e de um inferno real? Se falhássemos, estaríamos nos revelando grandes impostores. É verdade que as legiões do inferno são numerosas; mas as hostes celestiais o são ,mais ainda. O diabo é poderoso; Deus é todo-poderoso. O que está em jogo tem imenso valor. O preço é elevado; o prêmio é valiosíssimo.

Afirmam alguns que a pessoa que mais trabalhou para a liberdade e democracia foi Patrick Henry. Pois vejamos o que ele disse no dia 23 de março de 1775, no Congresso de Virgínia, numa expressão de grande ardor e devoção pelo seu povo: "Será que pagaremos com escravidão e grilhões por uma vida tão preciosa e uma paz tão valiosa? Que Deus nem tal permita! Não sei que decisão os outros tomarão. Quanto a mim, quero a liberdade, ou então prefiro morrer".

Será que Catão e Demóstenes são capazes de superar essa jóia da oratória? Dá para acrescentar mais alguma coisa?

A terrível escravidão que avança no mundo hoje, ameaçando o resto da humanidade, não é nenhum conto de fadas. E se porventura o comunismo viesse a conquistar o mundo todo (um fato terrível e inimaginável), não existe horror maior para o verdadeiro filho de Deus do que a eternidade que o irregenerado vai passar no inferno.

Talvez possamos aplicar as palavras de Henry a nosso contexto. “Será que pagarei com infidelidade e uma existência sem oração por uma vida cômoda? Será que, no grande tribunal de Deus, os milhões que pereceram não irão descrever-nos como materialistas que conhecem alguns versículos?”

“Que Deus nem tal permita! Não sei que rumo os outros tomarão. Quanto a mim, *quero um avivamento*, em minha vida, minha igreja e minha nação; *ou então prefiro a morte!*"

“Tudo o que ligardes na terra, terá sido ligado no céu”.

— Jesus.

“O diabo, vosso adversário, ... resisti-lhe firmes na fé”.

— Pedro.

“Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”.

— Tiago.

“Quanto mais o povo de Deus aprender a reconhecer a atuação do diabo para impedir as orações, maior a liberdade do Espírito que terá para resolver os problemas da vida”.

— F. J. Perryman.

“Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome”.

— Os setenta.

“Ah, inferno, vejo-te abrir à minha volta,
Mas no meu Senhor encontrei refúgio,
Um abrigo sólido, seguro,
E dali posso enfrentar o inimigo.
E aqui, vendo Jesus à destra de Deus,
Firmo-me na vitória que obteve no Calvário”.

— Autor desconhecido.

“Se todas as hostes da morte
E todas as ignotas potestades do inferno
Assumirem suas mais horríveis formas,
De ódio e malignidade,
Estarei seguro; pois Cristo possui
Um poder ainda maior, e graça protetora”.

— Isaac Watts.

CAPÍTULO VINTE

Conhecido No Inferno

Alguns pregadores dominam bem o assunto de que tratam; outros são dominados por eles. De vez em quando encontramos um que além de dominá-lo bem, também é dominado por ele. Tenho certeza de que o apóstolo Paulo pode ser incluído entre estes.

Vejamos um episódio ocorrido em Éfeso (At 19). Sete homens estavam tentando libertar um endemoninhado, utilizando determinada fórmula religiosa. Mas dirigir termos teológicos e até mesmo versículos bíblicos a um endemoninhado é um método ineficaz de libertação. Seria o mesmo que tentar deslocar a rocha de Gibraltar atirando-lhe bolas de neve. E o homem dominado pelo demônio, apesar de ser um só, subjugou facilmente aqueles tolos. E enquanto os filhos de Ceva saíam correndo para a rua, nus e derrotados, o que estava possesso de um espírito imundo acrescentava ao seu guarda-roupa mais sete vestes. E a imagem dos sete, feridos e amedrontados, já dizia tudo. Mas Deus usou a insensatez deles para glorificar o nome de Cristo, pois por causa desse episódio o nome dele foi engrandecido. Adeptos do espiritismo foram salvos; judeus e gregos se converteram; queimaram-se, em enorme fogueira, livros de artes mágicas, cujo valor chegava a cinqüenta mil moedas de prata. Certamente esse acontecimento fez com que até a ira humana o louvasse (Sl 76.10). E observemos ainda o testemunho do demônio: “Conheço a Jesus, *e sei quem é Paulo;* mas vós, quem sois?” (At 19.15). Esse é o maior elogio que o inferno pode fazer a alguém: associar seu nome ao de Jesus.

Mas como foi que Paulo se tornou este tipo de cristão? Por que os demônios o conheciam? Já o haviam derrotado também, ou fora ele quem os derrotara? Pensemos um pouco nesse apóstolo. Ele conhecia a Deus intimamente, a ponto de o Senhor lhe fazer revelações. Os anjos o serviam; suas orações provocavam terremotos. Suas palavras, dinamizadas pelo poder do Espírito, estraçalharam os grilhões que acorrentavam uma jovem dominada por espíritos malignos, que era explorada por seus patrões

fazendo adivinhações. Em Corinto, esse poderoso homem de Deus ensinou a Palavra e estabeleceu uma igreja, bem à porta do diabo. Mais tarde, conquistou almas na própria casa de César, bem debaixo do nariz do imperador. E sentia-se perfeitamente à vontade até na presença de reis: "Tenho-me por feliz, ó rei Agripa!" Além disso, invadiu os domínios da capital intelectual do mundo com a mensagem da ressurreição, chegando a deixar confusos os seus sábios. Enquanto Paulo viveu, o inferno não teve paz.

Mas qual era a armadura dele? Onde afiava sua espada? Uma expressão que ele emprega várias vezes é: "Estou bem certo". Esse é o segredo de tudo. Ele se achava dominado pela verdade revelada, como se ela possuísse garras. E a Palavra de Deus, como o próprio Deus, é imutável. O apóstolo estava como que ancorado nas profundezas da fidelidade de Deus. Sua arma era a Palavra do Senhor; sua força era a fé que depositava na Palavra, Então o Espírito o alertava a respeito da estratégia que o diabo iria utilizar contra ele. Paulo estava sempre ciente de seus estratagemas. E assim o inferno se desesperava. Mesmo numa ocasião em que alguns homens tencionavam assassiná-lo, alguém descobriu a trama, e assim os demônios e homens viram seu plano frustrado.

Estar salvo do inferno e livre de cometer os pecados mais grosseiros é muito bom, mas, a meu ver, é uma condição espiritual muito elementar. Quando Paulo foi *à* cruz de Cristo, experimentou o milagre da regeneração e da conversão. Mas, depois, quando foi crucificado *com* Cristo, conheceu um milagre maior, o da identificação. Acredito ser esse o mais forte argumento do apóstolo — estar morto *e* vivo, ao mesmo tempo. "Porque *morrestes"*, diz Paulo aos colossenses. Vamos aplicar isso à nossa vida. Nós já *morremos?* Já *morremos* para as acusações e para os elogios? *Morremos* para o que ocorre no mundo, para as opiniões humanas? *Morremos* a ponto de não fazer mais caso do reconhecimento dos outros? *Morremos* de tal modo que não protestaremos se alguém receber os louvores por algo que foi idéia nossa? Ah que sublime, doce e gratificante experiência essa, de termos Cristo vivendo em nós por meio de seu Espírito! E assim podemos cantar como Wesley:

"Morri para o mundo e seus prazeres
Para sua inútil pompa e gozo passageiro!
Jesus, sê minha glória!"

E, Paulo havia *morrido.* Mas depois acrescenta: "Já não sou *eu* quem *vive".* O cristianismo é a única religião do mundo cujo Deus vive *dentro* daquele que crê nele. E Paulo já não lutava mais contra a carne (nem contra a sua, nem a dos outros). Sua luta agora era contra "os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso". Será que

isso explica por que aquele demônio disse: *"e sei quem é Paulo!"* É que o apóstolo estivera lutando contra as potestades demoníacas. (Em nossos dias, essa arte de ligar e desligar que Paulo dominava tão bem está quase esquecida, ou totalmente ignorada). E ao dar a última volta de sua corrida terrena, ele afirmou: "Combati o bom combate". Os demônios devem ter dito "amém" a essa declaração, pois sofreram mais com Paulo do que o apóstolo com eles. É verdade. Paulo era *conhecido no inferno.*

Outro fator que o levava a ser tão destemido era o conhecimento que tinha da ira de Deus para com o pecado. "E assim conhecendo o temor do Senhor, persuadimos aos homens". (2Co 5.11). Paulo via o pecador como um *perdido*! Outro dia vi alguém projetar um eslaide numa tela, mas a imagem estava embaçada, e não dava para identificar nada. Mas aí o operador acertou o foco e como a imagem melhorou! Assim também, nós, os crentes, estamos precisando enxergar com clareza o estado de perdição em que se encontram os homens, pois nossos olhos se acham embaçados com relação à eternidade. É preciso que Deus acerte o foco de nossa visão.

Paulo amava a Deus com perfeito amor e por isso odiava o pecado com ódio ferrenho. Por isso também via as pessoas não apenas como meros pródigos, mas também como rebeldes contra Deus; não apenas como se afastados da retidão, mas como conspiradores, aliados com a iniqüidade, que *teriam* de ser castigados *ou* então perdoados. E ele atacava a impiedade dos que se achavam subordinados às potestades demoníacas, com a intensidade do ardente fogo do amor. Sua senha era: "Uma coisa faço". Ele não tinha interesses secundários, nem livros para vender. Não tinha ambições pessoais, por isso não tinha nada para zelar. Não tinha reputação, logo não tinha que lutar para defendê-la. Não possuía bens; portanto não tinha nada com que se preocupar. Não tinha direitos, então não havia motivos para se julgar vítima de injustiças. Já era falido; quem poderia roubar dele? Estava "morto", quem poderia matá-lo? Era menor do que os menores; portanto ninguém conseguiria humilhá-lo. Perdera todas as coisas, logo ninguém poderia lográ-lo. Será que isso explica melhor por que o demônio disse: "E sei quem é Paulo?" O inferno deve ter tido muita dor de cabeça com esse homem cheio de Deus.

E havia ainda outra âncora, na qual se firmava esse grande homem de Deus: a eficácia do sangue de Jesus e sua capacidade de salvar *totalmente.* "Pois *todos* pecaram e carecem da glória de Deus". Verdade, mas Cristo *pode salvar* totalmente os que por ele se chegam a Deus. Que o mundo possa vir a conhecer esse Cordeiro que opera tão perfeita expiação! Para Paulo a expiação não era algo limitado. Fora zelote e continuava a ser. À luz de um inferno eterno de que valeriam os efêmeros bens terrenos?

E em nossos dias também, de que valem as honrarias humanas? Ou os planos do inferno? Neste momento os *homens estão tão perdidos* como estarão depois que morrerem. Neste momento, a alma deles está sendo arrastada para um redemoinho de terrível iniqüidade, que por fim os precipitará no *inferno eterno.* Isso é verdade? Paulo estava convicto de que o era. Então, "Desperta, desperta, arma-te de força, braço do Senhor" (Is 51.9). E posso até ouvir Paulo dizer: "Faz de mim tua espada, teu armamento de guerra".

Outra verdade sobre a qual Paulo se apoiava era a bendita certeza de que "deixar o corpo" era "habitar com o Senhor" (2Co 5.8). Para ele não há o sono da alma, nem aquele interminável estado intermediário, nada disso. Sair de uma vida é entrar logo na outra. Ante a idéia da *eternidade,* a linguagem era falha, e a imaginação claudicava. E ele considerava as chicotadas, as cadeias, os jejuns, cansaços e dores como uma *"leve* e momentânea tribulação", que seria compensada pelo fato de que "estaremos para sempre com o Senhor". Os demônios desperdiçaram sua munição contra Paulo. Portanto, é de se admirar que um deles tenha dito "e *sei* quem é Paulo?"

E a última verdade sobre a qual o apóstolo ancorava sua alma era: *"Porque importa que todos nós compareçamos* perante *o tribunal de Cristo"* (2Co 5.10). O fato de ele viver sempre com os olhos fixos nos valores eternos fez com que essa prova final também perdesse seu aguilhão. Vivendo da maneira certa aqui na terra (e não me refiro apenas em viver retamente, mas segundo o padrão proposto na Palavra de Deus), resolve-se o problema do além. Paulo se tornara tão semelhante ao Filho que podia dizer: "O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e *vistes em mim, isso praticai"* (Fp 4.9). De um modo geral, é meio arriscado imitar uma cópia. Mas no caso de Paulo não, pois ele se achava *plenamente* rendido a Cristo, santificado e satisfeito, isto é, "aperfeiçoado em Cristo".

Será que alguém ainda acha estranho um demônio haver dito "e sei quem é Paulo?" Eu não.

Fim